JORNAL DOS SPORTS

RIO DE JANEIRO

CENTRO DE MEMÓRIA & ARQUIVO HISTÓRICO

A ARTE AFRO-BRASILEIRA DA CAPOEIRAGEM

ANDRÉ LUIZ LACÉ LOPES

2ª VERSÃO, VIRTUAL, DO LIVRO "A VOLTA DO MUNDO DA CAPOEIRA".

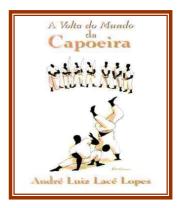
ARTIGOS & CRÔNICAS PUBLICADOS NO JORNAL DOS SPORTS (PERÍODO DE 1993/1998)

E EM OUTROS JORNAIS E REVISTAS.

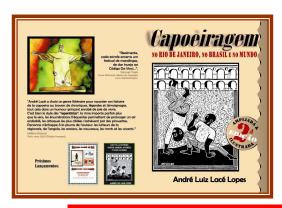
PALETRAS & PROJETOS

- CD Rom remontado e oferecido, pelo próprio autor, ao Jornal dos Sports, em setembro de 2005. Gestão Wellington Rocha, Diretor Executivo. Além de dezenas de artigos também para outros jornais e revistas, o autor, até agora, escreveu cinco livros sobre o assunto: 1. "Administração Esportiva, Pública e da Capoeira; 2. Volta do Mundo da Capoeira; Capoeiragem no Rio de Janeiro, Sinhozinho e Rudolf Hermanny; Capoeira no Rio de Janeiro, no Brasil e no Mundo (literatura de Cordel; e, em francês, L `Art de La Capoeira à Rio de Janeiro, au Brésil et dans le Monde.











Neste trabalho foram acrescentadas algumas ilustrações, substituindo ou não algumas originais.

Cópia para a Biblioteca Amadeu Amaral, no Museu do Folclore, a mais completa em Folclore, particularmente em CAPOEIRAGEM (Rua do Catete, RIO/RJ)

ROTEIRO GERAL



O TOQUE DE CAVALARIA
INTRODUÇÃO (EDIÇÃO VIRTUAL)
PRELEÇÃO
THE BRASILIANS
LA CAPOEIRA C`EST LÀ AMOUR ET LA GUERRE
LIVROS RECOMENDADOS
ILUSTRAÇÕES DIVERSAS
CAPOEIRA NO FÓRUM VIRTUAL!

PRIMEIRA PARTE

Artigos publicados no JORNAL DOS SPORTS.

Observação: boa parte dos artigos foi transcrita em três livros do autor: "Administração Esportiva, Administração Pública e outras Administrações".

- Ministério de Educação e Desporto / PNC — 1994, esgotado; no livro "A Volta do Mundo da Capoeira - 1ª edição, 1999, também esgotada; e no Jornal do Capoeira (Internet).

A Capoeira de Mestre Artur (26.mar.93)

Capoeira no Legislativo (jan/94)

Angola em Manhattan -João Oliveira dos Santos

- Mestre João Grande, doctor of humane letters - New York Grupo de Capoeira Angola (jul/94)

SEGUNDA PARTE

Carta de Nova York (25.set.94)

Ciríaco, Hermanny, Artur e Hulk (03.set.93)

Vale-Tudo, Mestre Hulk e a TGA (21.dez.95)

Toffler, Capoeira e os Governos 21.jan.96)

A Mulher na Capoeira (04.fev.96)

Sinhozinho (25.fev.96)

Naná, Steinway e Berimbau (10.mar.96)

Os Gracie, a Capoeira e o Berimbau (24.mar.96)

Criação Divina da Capoeira (14.abr.96)

Terreiro de Angola (02.jul.96)

Mestre Abel Magalhães (25.ago.96)

Congresso Nacional de Capoeira Angola (26.set.96)

Capoeira & Olimpíada 2004 (20.out.96)

Ministro Pelé, Ouro Preto e o PNC (01.dez.96)

Angola na Universidade (08.dez.96)

Os Marajás da Capoeira (29.dez.96)

Capoeira: do CND ao INDESP (05.jan.97)

Rosário do Catete, o IBAM e a Capoeira (12.jan.97)

Manduca da Praia em CD-ROM (23.fev,97)

ICB, Capoeira e a Mansão do Caminho (05.fev.97)

O Pelourinho e a Lei Zico (09.fev.97)

Barba Branca e Sinhozinho (26.fev.97)

O Marchante Sarado (16.mar.97)

A Oração da Capoeira (23.mar.97)

Gospel na Rua 14 (13.abr.97)

Sindicato dos Capoeiras (16.jul.97)

Um Encontro que Promete (24.jul.97)

Mestre Caiçara (28.ago.97)
Volta do Mundo 14.set.97)
Euro-Brasil: Mercado Incomum (12.out.97)
Oitenta "Voltas do Mundo" (26.out.97)
Cascais, Fado e Capoeira (07.dez.97)
MinC, FUNARTE, USA e Japão (29.mar.98)
João Grande, Beija-Flor e Umoi.

O TOQUE DE CAVALARIA

"O processo de se observar um fenômeno altera este fenômeno" Lei da Indeterminação, Heisenberg.



O TOQUE DE CAVALARIA, no Jogo da Capoeira, é o toque de alerta.

Nasceu da necessidade de alertar os capoeiras de uma roda da aproximação da repressão, cavalaria militar. O toque e a idéia permanecem até hoje nas verdadeiras rodas de capoeira. Ou seja, ao perceber a chegada de uma pessoa estranha, o mestre do berimbau toca Cavalaria. Ao retornar ao toque anterior (ou passando para algum outro toque de jogo, normalmente mais lento), como um milagre, a Roda muda, o capoeira disfarça, jogando mal ou até parando de jogar. Deliberadamente.

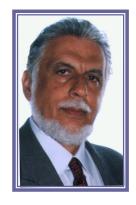
O "recado" do toque de cavalaria não termina, necessariamente, quando ele cessa, pois quase sempre é reforçado, já em outro toque, pelo canto, onde chulas tradicionais (de alerta) misturam-se com chulas novas, improvisadas, ao sabor dos acontecimentos e do talento dos cantadores.

Pobre do jornalista, do estudioso, do folclorista que não percebe o toque de cavalaria. Vai tirar, certamente, conclusões precipitadas...

Não fosse um pequeno problema de cronologia, não seria absurdo pensar que a Mestra Maria Pandeiro, radicada há longas décadas na Alemanha, andou trocando algumas idéias com o físico - prêmio Nobel - Karl Werner Heisenberg. Realmente, o simples observar uma roda de capoeira já altera esta roda; até mais do que isso, às vezes, ao despontar numa esquina, um estranho já provoca transformações mandingueiras numa Roda.

Por que tais digressões neste começo de capítulo?

Muito simples: este CD Especial deve ser apreciado com um Toque de Cavalaria ao fundo.



INTRODUÇÃO

ANDRÉ LUIZ LACÉ LOPES

A primeira edição DO LIVRO "a Volta ao Mundo da Capoeira" foi, na verdade, um grande balão-de-ensaio. Que superou até, diga-se de passagem, as previsões mais otimistas. Para escrever o livro e em função dele recebi, dos quatro cantos do mundo, um surpreendente apoio e número de excelentes sugestões e críticas bem fundamentadas.

Frente a este sucesso e com a primeira edição esgotada comecei a preparar uma segunda edição. Justamente neste momento, ao final de uma grata entrevista para o Sr. Paulo Roberto Godinho (Jornal dos Sports: pugilismo), recebi dele a seguinte sugestão:

- "Por que você não parte para uma edição virtual? Tenho o nome certo para lhe assessorar neste trabalho.

Na mesma semana, não foram necessários mais de 30 minutos de conversa, para firmar um acordo com vistas à edição. Virtual!

Solução alternativa extremamente moderna que me permitiu realizar uma cirurgia plástica na primeira edição. Um pouco dolorosa (corte de vários artigos e ilustrações), é verdade, mas de fundamental importância para tornar a leitura mais fácil e atraente. Além do mais, como não poderia deixar de ser, aproveitei para uma nova revisão geral na redação dos textos. Em função desta engenharia editorial, o livro foi desdobrado em cinco, o que não foi tarefa difícil posto que a primeira edição já estava, claramente, dividida em cinco partes que poderiam até ser publicadas isoladamente. É o que está sendo feito nesta edição virtual:

A Volta do Mundo da Capoeira (cinco volumes)

Livro I - O Fascinante Jogo da Capoeira: Introdução e Primeira Seleção de Artigos

Livro II - O Fascinante Jogo da Capoeira: Segunda Seleção de Artigos Livro III - O Fascinante Jogo de Capoeira: Terceira Seleção de Artigos Livro IV - O Fascinante Jogo da Capoeira: Seleção de Correspondência

Livro V - O Fascinante Jogo da Capoeira: Capoeira é Capoeira

e Cinco Chamadas de Angola

Quanto aos três primeiros volumes, cada livro pode ser lido isoladamente, a rigor até cada capítulo pode ser lido independentemente dos demais, até porque foi assim que cada artigo do livro foi, inicialmente, publicado em jornais e revistas. O conjunto de artigos, de capítulos e de livros, entretanto, formam uma história só. Uma história sobre Capoeira ou, mais academicamente, sobre o "processo de institucionalização da Arte Afro-Brasileira da Capoeiragem". Por oportuno, também nesta edição virtual, volto a chamar atenção para as datas da publicação original de cada artigo selecionado, pois será um importante referencial de Tempo para contextualizar os temas explorados em cada um deles.

Terminando, quero registrar minha convicção na crescente importância de melhor dimensionar a Capoeira. Capoeira é um fascinante fenômeno cultural multifacetado, e um grande somatório de grandes mestres, de grandes rodas e de grandes acontecimentos sociais, culturais, cívicos, religiosos, filosóficos e desportivos e históricos. Não pode, pois, ficar limitada a uma só versão ou a uma só região histórico-geográfica. Percebo, sobretudo, no exterior, uma crescente preocupação em conhecer melhor a verdadeira História da Capoeira que, a exemplo da História do Mundo, jamais será totalmente conhecida, mas, por outro lado, urge acabar com o verdadeiro festival de "tradição inventada" que parece tomar conta do mercado editorial, inclusive das revistas "especializadas" em Capoeira. O fato é que, proporcionalmente ao crescimento do número de leitores, vem crescendo, também, a exigência de publicações menos sectárias, mais abrangentes e, digamos, mais ecumênicas, contemplando todos os ricos segmentos da Capoeiragem.

Capoeiragem que vai, pouco a pouco, tornando-se precioso acervo da cultura popular, não apenas do Brasil, mas do mundo inteiro. Para lograr este aprofundamento será imperiosa uma preocupação mais acurada sobre metodologia de pesquisa. Tema que exploro no próximo livro, à luz da *Institution Building Theory*.

Por ora, no entanto, caro leitor, comece a ler o presente livro, espero que goste.

O próximo virá a seu tempo.

Capoeiristicamente,

André Luiz Lacé Lopes

Leblon, 28 de fevereiro de 2001

PRELEÇÃO

"QUEM NÃO PODE COM MANDINGA NÃO CARREGA PATUÁ QUEM NÃO PODE NÃO INTIMA DEIXA QUEM PODE INTIMÁ"

Recomendamos a leitura das Apresentações (Rudolf Hermanny e Lilia da Rocha Bastos) e da Introdução (André Luiz Lacé) aos cinco volumes da Coletânea "A Volta do Mundo da Capoeira" que abrem o livro inicial da série (Livro I — O Fascinante Jogo da Capoeira — Primeira Seleção de Artigos).

SEGUNDA PARTE



CAPOEIRA

transcende os limites brasileiros e repercute internacionalmente

LUCIANO SCREVEU

"uito respeitado e detendo um admirável curriculum. André Luiz Lacé Lopes, é administrador, jornalista e professor. Aprendeu e ensinou a famosa e respeita-da Capoeira de Sinhozinho, treinou também no subúrbio do Río, com os mestres Artur Emídio e Djalma Bandeira, foi Diretor de Capoeira da Confede-Djalma Bandeira, foi Diretor de Capoeira da Confederação de Puglismo, produziu e apresentou, na Rádio Roquette Pisso (Rio, 1965 e 1974), o programa "Volta do Mundo da Capoeira", foi assessor do Museu de Artes e Tradições Populares de Rio de Janetro, escreveu más de 300 artigos e crônicas sobre ante popular e um livro sobre Administração Pública e esportiva, onde inclui reflexões sobre a administração de Capoeira. "Nas horas vagas", como ele mesmo diz, dentre outras atividades académicas e professionais esplicas que mentante em métarios. cas e profissionais, realizou um mestrado em adminiscas e professionais, realiziou um mestrado em alominis-uração (Universidade de Synacuse, Nova York), foi dire-tor de Assuntos da Juveniude, da O.E.A. (Washington D.C.); superintendente administrativo do Clube de Regatas de Flamengo; assessor técnico e professor du I.B.A.M./ E.N.S.U.R.

Cada vez mais, a "arte afro-brasileira da capoci ragem" ganha espaço no mundo. A tradicional "volta do mundo" da Capoeira está finalmente dando a sua vol-

ta ao mundo.

Na middi, no Brasil e exterior, pelo menos uma vez
por semana, já se lé artigos e reportagens sobre o assunto,
mas nenhum preocupado com o "processo de institucionalização" desta tão fasciannate arte popular.

Devido ao crescente sucesso mundial, o que aconte-

cerá com a pureza da Capoeira? Como regulamentar uma arte que "d livre como o vento"?

TB - Se a Capoeira é livre como o vento, para que então discipliná-la?
ALLL - Atualmente, em certas "rodas", você vê um capoeirista portando um cordel com urês ou quatro cores, jogando com outro, que ao invés de cordel, utiliza um cordão ou fita com outra mistura de cores. Como avaliar então o grau de aprendizagem de cada um deles?

com força para insinuar que a sua capocira é mais violenta. Onde fica nisso tudo, a tradicional Capocira Angola?

TB - Haverá uma solução conciliatória para todo esse impasse atual? ALLL - Claru, mas para atingi-la tecemos, todos nos da Capocira, que ultrapassar o indivi-dualismo, a vaidade, o regionalismo, etc.

Para começar, os mestres de Capocira dever se socorer de mestres de outras áreas. Churchill disse durante a II Guerra Mundial que a guerra era assunto munio importante para ser tratado ape-nas por generais. Parafraseando, eu diria que a Capoeira é assunto muito importante para ser tratado apenas por capociristas. Por exemplo, na importante pará do ritimo e de canto devenos ser hosa mestros, ado nara de canto devenos ser hosa mestros, ado nara

do canto, devemos ter bons maestros, não para determinar, mas para nortear musicalmente o assunto. Da mesma forma, mestres em Sociolo-gia, Direito, História, Educação Física e Admi-nistração devem ser mobilizados.

TB- E quanto ao Governo?

ALLL- Bellissima pergunta. O Governo pode ajudar muito, mas também pode agravar os erros.

Temos exem-plos para ambos os casos. Quando, décadas atrás, o Go-verno Federal publicou o livro "Subsidios para o Essudo da Metodologia do Treinamento da Ca-poeiragem", do professor Înezil Penna Marinho, prestou inestimávels serviço à Capoeira.

A lei orgânica do município paulista de Santos.

Assando uma zasteira mestirata nos municípios con Bos.

A les organica do mumicipio paulista de Santos. passando uma rasoicir anagistral nos municipios do Roo. Salvador, Recife e outros, dedica algumas linhas especifi-camente à capocira. Mas também item os exemplos nega-tivos. Na área federal, gestão passada, nosso rei Pelé foi obrigado a tontar medidas dirásticas no INDESP, que salpicaram um pouco a Capocira.

O saldo, entretanto, me parece positivo, além do que repeusa em adquma mesa do INDESP um projeto que fiz a pedido deles. Projeto simples, ondo o Governo tena que, sem puternalismo, criar condições para um grupo de trabalho od ñoc, multidisciplinar e interdepartamental.

André Luiz Lacé Lopes outros nomes, além dos que estão fora, no exterior, fa zendo excelente trabalho, como Jelon Vieira; Acor deon; Cobrinha Mansa; (Presidense da Fundação Inc. nacional da Capoeira de Angola em Washington D.C.)

A Volta do Mundo Capoeira

19P

TB - Mas como fica a Capoeira enquanto

overno não vem?

ALLL- Não fica mal, o Governo, repito, é de grandalia, mas sem ele a capocira caminha sem tropeça usem tropeça, às vezes, é o capocirista.

A Capocira está erescendo, deisando de ser um seguento da cultura popular afro-brasileira para ser um do

mais fascinantes segmentos du cultura popular do mundi É só olhar em volta, aqui no Rio, em São Pauli Minas Gerais, Bahia, Pernambuco, Paraná, no Bras inseiro e na "volta do mundo".

inteiro e na "volta do mundo".

Ese mês, aldem de inúmeros "batismos" pêlo Brasis afora, tivemos uma oficina Internacional de Angola com o mestre Cobrinha Mansa; lançamento do Etime sobre Mestre Pastinha; em Paris, o Centre d'Essegiment de L'Auture et d'information sur la Capocina, dirigido pels moste Iram, está promovendo o seu "P Festival de Capocina do Rior. Mastre Bogado prestriguando o 4td Encountre of Capocina em Halifax, Canadá, evento naus promovido pelo mestre Geraldo Carvalho e, relevando i falta de modelsita, o lançamento do meu livro em Sal vador, Baltia, na internacionalmente famosa academia de Grandé Mestre Jodo Poeucon de Pastinha. Grande Mestre João Pequeno de Pastinha.

TB - Haverá lançamento a nível internacional? ALLL- Claro, já está acertado: em Nova York. a Academia do Dr. João Grande (Doctor of Human Letters em Lisboa, na Academia de Mestre Umoi; e em Vieter Itália, na academia de Mestre Canela

TB - Considerando seu amor pela Capocira e s

TB - Considerando seu amor pela Capocira e su experiência de mais de quarenta anos, como voc definiria essa "arte afro-brasileira de capoeiragem"?

ALLA: De maneira curta e diceta costumo diace que "Capocira".

De maneira mais fotodósca, dego que o grande fascin de Capocira reside no faio de que, num meumo momento de jogo, o fator Lúdico ocessas de maneira mágica co fator Agonfísico, ou seja, num mesmo momento, tente per la capocita de la capocita de maneira mágica co fator Lúdico coessas de muestro e cara, sudo isso está no fivor. A blost do Mundo de mundo de la capocita de maneira e par., sudo isso está no fivor. A blost do Mundo fator. guerra e paz.... tudo isso está no livro. A Volta do Mundo Caporira. 460 páginas, capa do Sylvio Redinger (Kedi).

TB - Então porque isso

ALLL - Apesar da classifi-cação "oficial", estabelecida pela Confederação Brasileira de Capceira, vários grupos, alguns com representatividade internacional muito dade internacional musto maior do que a própria Confederação, preferiram criar graduação própria. Daf, a Torre de Babel formada nessa área. Como avaliar uma Roda em Nova York, Paris ou Londres?
Como saber quem é o melhor canocidista? capoeirista?

capocirista?
será aquelo que entra
na Roda com um cordel
todo colorido ou aquele
cheio de tatuagent? Será
aquele que não pára de
dar saltinhos cincenses?
Será aquele que sai
agarrando o outro canoeirium, nentando andipoeirista, tentando aplicar um goipe de judô de ségunda casegoria? Ou aquele que, ao invés de tocar, "bate" a percussão



TB - Como criar um grupo e garantir

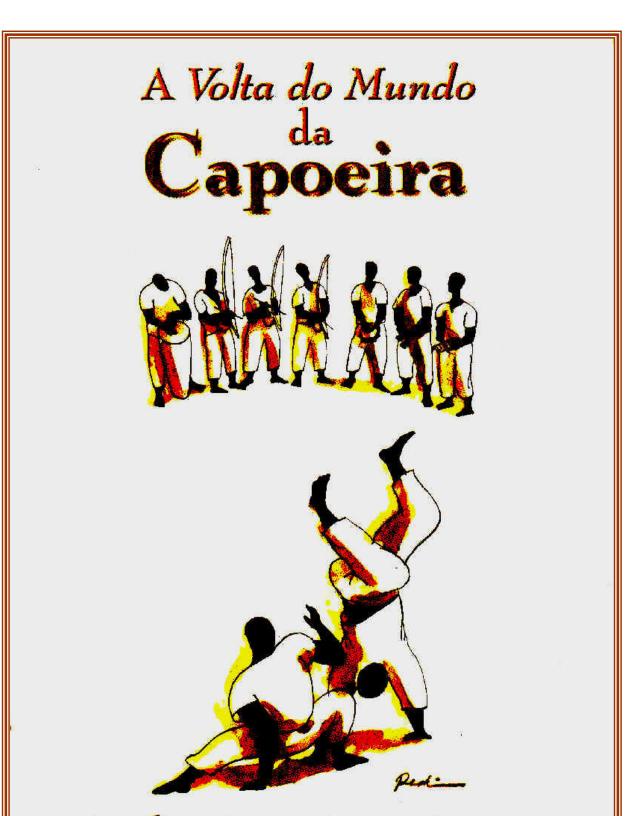
(B) - Como criar um grupo e garantir resultados positivos e práticos? ALLL - Como grupo multidiscipli-nar mestres de Capocira realmente repre-sentativos (de todos estilos de Capocira) e mestres de outras áreas, como jo adian-tei: sociólogos, advogados, médi-cos admistrationes. cos, administradores, etc.

Como grupo interdepartamental, a inclusão de representantes de minis-térios, direta ou o indiretamente, ligados à Capoeira como o Ministério da Saúde, do Trabalho, Educação, Relações

- Poderia citar alguns nomes ALLL - Lamartine Pereira da Costa, autor de um dos primeiros livros sobre Capoeira; doutorado em educação, consultor

Capociria, doutorado em educação, consultor internacional de Administração esportiva e visitante de virias universidades no exterior; Luiz argio Dias, escritor premiado: "Quem tem medo Capociria". Munia: Sodré, foi capocinista, souro em comunicação, professor da UPIRG, Jar. Moura Macaria, um doi melhores alumos do mestre. Bimbs, pesquisador, autor, de livros e filmes sobre Capociria; Mestre Pedro Morais. Trindade, um dos perferentantes mais cameirados, de

representantes mais capacitados da Capoeira Angola, enfim, muitos

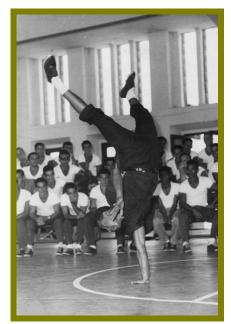


André Luiz Lacé Lopes

PRIMEIRA PARTE

A CAPOEIRA DO MESTRE ARTUR - uma iusta homenagem -

Não fosse banalizar ainda mais um assunto já bastante banalizado, eu advogaria



Mestre Artur, EEFEX, Urca, RIO, 1961

um plebiscito (*), também, para a extraordinária Capoeira do Mestre Artur Emídio de Oliveira: *Capoeira Angola, Capoeira Regional* ou, simplesmente, uma excelente (e surpreendente) *CAPOEIRA* <u>sem sobrenome?!</u>

Artur nasceu e passou sua juventude em Itabuna, no sul da Bahia, onde completou o ginásio no Colégio Divina Providência e fez o serviço militar no Tiro de Guerra local. Filho de Emídio Lindolfo de Oliveira e Leocádia Maria de Oliveira, Artur veio para o Rio em I. Trazendo consigo, totalmente pronta para ser usada, sua fascinante (e surpreendente) capoeira que começou a aprender com sete anos de idade, na sua cidade natal, com "Paisinho" (Teodoro Ramos), seu único mestre.

A velha guarda da capoeira, no Rio de Janeiro e na Bahia, sabe muito bem que Artur foi um dos maiores talentos de todos os tempos. Fez pela capoeira o que, até hoje, todos nós, reunidos, ainda não fizemos. Bira Acordeom, corajosamente, registrou, em seu livro (*Capoeira, a Brazilian Art Form", pág. 49. North Atlantic Books*) o extraordinário talento de Artur: **"Em 1963,**

passei algumas semanas no Rio de Janeiro onde conheci Artur Emídio, um baiano de Itabuna. Fiquei impressionado com sua velocidade e com sua técnica. Aprendi com ele algumas...".

ARTUR EMIDIO x EDGARD DURO

Em sensacional confronto de capoeira contra "vale tudo"

Segunda-feira, no Circo Piolim — Esse original combate está sendo aguardado com enorme interesse em nossos meios esportivos — Como preliminares serão realizados cinco combates de luta-livre olimpica — O programa

O capoeira Artur Emidio derrotou Edgard Duro

A viloria do baïano deu-se no 3.0 assalto, por efeito de cutiladas — Interessantes as preliminares de luta livre olimpica — Resultado das lutas — Renda de Cr\$ 35.200,00

Com o guerreiro e saudoso mestre Djalma Bandeira, Artur Emídio deu, décadas atrás, sua "volta do mundo", levando a capoeira para o exterior, fazendo sucesso em Buenos Aires, Acapulco, Nova Iorque, Paris e tantas outras cidades famosas do mundo.

Se brilhou no palco - e capoeira é também uma arte - enfrentou no ringue diversos lutadores como Rudolf Hermanny (RIO), Robson Gracie (RIO), Carlos Coutinho (Bahia, Fonte Nova), Carbono (RIO) e Edgard Duro (São Paulo, especialista em luta livre, com algumas vitórias sobre alunos de Mestre Bimba). Quem até hoje repetiu tal façanha, quem aceitou ou aceita tais desafios?

(*) Plebiscito: Consulta genérica feita em linha direta aos eleitores sobre questões políticas relevantes ou polêmicas. Ao legislativo cabe, em seguida, detalhar e regulamentar a alternativa vencedora.

Com base no artigo publicado no Jornal dos Sports (26.mar.93).

ANGOLA EM MANHATTAN - João Grande, doctor of humane letters! -

Mestre João Grande recebeu, de uma faculdade norte-americana, o título de DOUTOR. Iniciativa que as universidades brasileiras, especialmente as da Bahia, do Rio e de São Paulo, há muito tempo, já deveriam ter tomado. Mas não é só isso. Mostrando e demonstrando que "roupa de homem não dá em menino", João Grande abriu uma academia de Capoeira Angola em Manhattan.

Mestres, contramestres, instrutores, professores, capoeiristas em geral, já existem muitos nos Estados Unidos e no resto do mundo. Alguns até, apressome a dizer, de muito talento, de muita fibra e de muito bom caráter. Dos pioneiros Pettezzoni "Belisquete" (Capoeira de Sinhozinho, Miami, 1953) e Mestre Jelon Vieira (Nova Iorque) ao angoleiro Cobrinha Mansa, em Washington D.C.

Cada um desses, e alguns outros mais, já estão a merecer reconhecimento público.



A situação desses mestres, entretanto, não difere muito da situação dos mestres no Brasil. Pois, praticamente, nenhum deles conta com um local próprio, quase todos estão ensinando na "casa dos outros", sujeitos, portanto, a mudanças repentinas e indesejáveis.

Pois muito bem, Senhor Turista, Senhor Jornalista ou Senhor Pesquisador, chegando na mágica Ilha de Manhattan, dêem um pulo (não, não precisa dar um pulo dentro da Roda de Capoeira) no segundo andar da 60 West 14th Street, quase na Sexta Avenida. Lá vocês encontrarão um pedaço valioso da Bahia, um pedaço valioso do próprio Brasil: o Grupo de Capoeira Angola, sob o comando de Mestre João Grande. Perdão, Doutor João Grande. Orgulhosos, solidários e, sobretudo, conscientes da importância da presença de João Grande, vários outros capoeiristas brasileiros, como José Sena (Nego Gato) e Eldio Rolim (Cabelo), estão sempre presentes, o que aumenta a atração da Roda, para encantamento total e definitivo de quem a visita ou dos "nativos", alunos ou não, que estão descobrindo o endereço, em Manhattan, de um dos mais fascinantes componentes da cultura popular brasileira. Aliás, que atenção muito especial seja dada a esses alunos americanos, pois estão com sentimento capoeirístico muito mais puro do que muitos capoeiras que vejo jogando pelo Rio de Janeiro. E mais, todos esses "gringos", orgulhosamente, ostentam apelidos

recebidos ao longo aprendizado: Graham Ross (Galo), Genesis Lampkins (Calango), Andrew Black (Pirata), Robin Reed (Africana), Penelope Dudah (Panela), Eric Riggins (Chapéu Vermelho), John Loeber (Coqueiro)...

Vá sem pressa, pois a roda é fascinantemente autêntica. Ou seja, não tem ginga marcada, não tem agarrões orientais, não tem atabaque ensurdecedor, não tem cânticos apressados, não tem o famigerado "jogo de compra", onde cada capoeira não joga mais do que cinco segundos...

Não estou sozinho nesse entendimento, entre outros, acompanha-me o governo norte-americano. Tanto assim que, após exemplar investigação e entrevista (aparentemente antipática, mas justificável, séria e competente), rendeu-se à mandinga da Capoeira Angola e autorizou João Grande a prosseguir seu trabalho. Melhor diria, a prosseguir em sua missão. A bem da verdade e da justiça, dois nomes devem ser ressaltados neste processo histórico: C. Daniel Dawson e Trish Rosen (Risadinha). A rigor, não sei se estou elogiando ou acusando esses dois de participarem de um complô da CIA com o objetivo, plenamente alcançado, de nos levar o nosso querido Mestre João Grande.

SEGUNDA PARTE

DE NOVA YORK

O Consulado Geral do Brasil em Nova York organizou e está promovendo, em muito boa hora, o I Seminário de Cultura Brasileira.

Consulado Geral do Brasil em Nova Vork Certificado de Participação

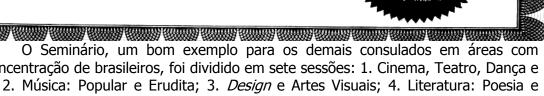
André Luiz Lacé Lopes

Participou do 1º Seminário em Noba York sobre Cultura Brasileira, Sessão 1: Cinema e Artes Cênicus: Teatro, Bança e Capoeira, como Conferencista Conbidado e Panelista do Grupo de Capoeira.

Nova York, 17 de junho de 1994

Embaixador Marco Cesar M Naslausky Cônsul-Geral

> Conselheiro Marcio A. Tage Chefe do Setor Cultural



O Seminário, um bom exemplo para os demais consulados em áreas com grande concentração de brasileiros, foi dividido em sete sessões: 1. Cinema, Teatro, Dança e Capoeira; 2. Música: Popular e Erudita; 3. Design e Artes Visuais; 4. Literatura: Poesia e Prosa: 5. Mídia e Comunicações: 6. Financiando a Cultura Brasileira em Nova York; e 7. A Cultura Brasileira e o Mercado Cultural Norte-Americano.

A simples leitura dos títulos já permite perceber o mérito e prever um total sucesso para o evento. Que não terá uma preocupação elitista, muito pelo contrário, pois terá como objetivo ouvir e oferecer espaços para a massa brasileira radicada em Nova York e adiacências (Connecticut, Delaware, Pennsylvania e New Jersey). Afinal, segundo as estatísticas (meio frágeis em função do "green card"...), mais de 150 mil brasileiros já estão residindo na costa leste. Veículos naturais da cultura brasileira, consumidores (saudosos) da cultura brasileira, sendo que alguns desses trabalham justamente com essa matéria.

Participei da sessão inicial, realizada de 14 a 17 de junho passado, e pude confirmar a preocupação de contemplar no Seminário todos segmentos artísticos, gerenciais, de business, marketing etc) e, sobretudo, os segmentos sócio-econômicos. Quase uma surpresa para quem se habitua a ouvir que embaixadas e consulados são serviços públicos sofisticados, mais voltados para o interesse de uma elite.

De parabéns, portanto, o Professor José Luiz Ligièro Coelho e alguns outros, que fizeram os primeiros estudos preliminares com vistas à realização do Seminário.

Parabéns ao Conselheiro Marcio A. Lage, Cônsul-Geral Adjunto, Chefe do Setor Cultural do Consulado, sempre atento e solícito, que deu a forma final do projeto e é responsável pela sua coordenação geral. E, *last but not least*, parabéns à incansável e extremamente competente Senhora Rose Marie Romariz Maosri. O que mais me impressionou, entretanto, foi a participação apaixonada de alguns heróicos "Bandeirantes" locais. Pessoas extremamente fortes e talentosas, latinos num país anglo-saxão, lúdicos no país da agonística, sobrevivendo heroicamente no entrechoque das duas culturas. Brasileiros como Jelon Vieira (Capoeira Foundation) e Silvana Magda (Viva Brasil Dance Co.), para ficar apenas em dois exemplos, que enfrentam um dragão por dia para fazer germinar...A cultura brasileira em Nova York. Carinhosamente, acredito que devo arriscar mais um exemplo, de igual heroísmo e talento. Refiro-me à escritora Flora Castaño Ferreira que tem seus contos infantis publicados nos livros escolares locais.

Foi neste berço, preparado pelo Consulado e com o co-patrocínio da TURISRIO, Transbrasil e VASP, é que nasceu a CARTA DE NOVA YORK. Escrita, com inspiração, pelo diretor de teatro Amir Haddad e aprovada por todos os presentes da primeira sessão do Seminário.

Todas as próximas sessões contarão com a inspiração dessa carta. Ao final do Seminário, seguramente, teremos como documento final, não apenas a CARTA DE NOVA YORK, mas todo o seu desdobramento natural em termos de projetos culturais e, sobretudo, uma estratégia de aglutinação de forças que certamente potencializará o excelente trabalho que cada um desses "bandeirantes" da cultura brasileira está realizando nos Estados Unidos.

Rio, 25 de setembro de 1994

CIRÍACO, HERMANNY, ARTUR E HULK

Francisco da Silva Ciríaco, mais conhecido como Macaco Velho, nascido em Campos, foi um dos mais afamados capoeiristas no Rio de Janeiro, na virada do século 19 para o 20. Era o mestre preferido pelos acadêmicos de medicina, fenômeno que se repetiu na Bahia, décadas mais tarde, com Mestre Bimba. Foram esses estudantes que insistiram no confronto da Capoeira (Macaco Velho) com o jiu-jitsu (Sada Miyako, campeão japonês). Evento que acabou ocorrendo, no dia 1º de maio de 1909, com um fulminante desfecho: aplicando um literalmente surpreendente rabo-de-arraia, Ciriaco encerrou a luta em alguns segundos.

Mesmo existindo uma versão – jamais comprovada - de que Ciriaco teria utilizado um recurso, digamos, de rua, mesmo assim, luta é luta, vale-tudo é vale-tudo, e ninguém jamais poderá negar o mérito da vitória.

Tanto assim, que Mestre Ciriaco saiu vitorioso do Pavilhão Internacional Paschoal Segreto, com o povo cantando pelas ruas "a Ásia curvou-se ante o Brasil". No dia seguinte, a Capoeira foi notícia em quase todos os jornais, valendo registrar, por oportuno, de ocorrência algumas redações cautelosas, quase envergonhadas da própria cultura brasileira, como a nota Commercio do jornal do (02.05.1909, pág. 7): *"0*

sportman japonez do tão apreciado jogo jiu-jitsu foi hontem vencido pelo preto



Pavilhão Internacional, Avenida Central, RIO, 1909. O "preto" Ciyriaco versus o campeão de jiu-jitsu Sada Miyako

campista Cyriaco da Silva, que subjugou o seu contendor com um passo de capoeiragem".

A nota, curiosamente, não menciona o nome do "sportman" perdedor. Mais adiante, entretanto, no mesmo jornal garimpei o seguinte anúncio: "JIU-JITSU: Mr. Sada Miyako, professor contratado para leccionar na marinha brasileira encarrega-se de dar lições particulares a domicílio. Cartas para a Rua Gonçalves Dias n. 78 ou para a Fortaleza de Willegaignon"...

Ou será que a nota, de modo até sutil, protesta a respeito do tal recurso de rua acima levemente mencionado?

Décadas se passaram, estamos agora, no final dos anos 40, com a capoeira utilitária de Sinhozinho (Agenor Moreira Sampaio) ressurgindo, subindo aos renegues e colhendo vitórias significativas. Valendo relembrar os confrontos do jovem Rudolf Hermanny com alunos do Mestre Bimba (Perez) e dos Gracie (Guanair). Nesta mesma época, Artur Emídio de Oliveira, um dos mais talentosos capoeiristas que vi jogar, deixa sua Itabuna, na Bahia, e vem para o Rio disposto a divulgar sua arte em qualquer arena. Realiza uma série de lutas, vence algumas, perde outras (inclusive para o Hermanny), mas deixa, sem sombra

de dúvida, um exemplo de coragem para os capoeiras-lutadores e, também, escreve seu nome na História da Capoeira.

Mais algumas décadas se passaram, quase meio século, estamos agora nos dias de hoje. Mestre Hulk acaba de vencer, valentemente, o I Tira-Teima Nacional de Vale-Tudo. Já no tempo do nosso saudoso e famoso Sinhozinho (Ipanema, RIO), que formou um respeitável número de "brigadores de capoeira", discutia-se até onde a Capoeira poderia ser

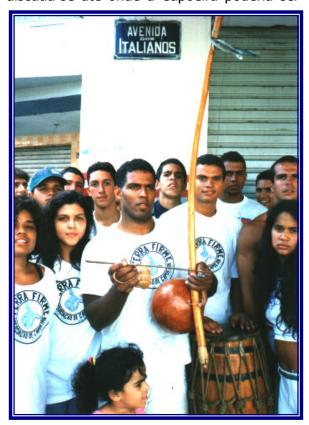
eficaz no enfrentamento com outras lutas, recolocando, portanto, a questão da capoeira ser ou não ser uma "luta marcial".

Já no tempo do nosso saudoso e famoso Sinhozinho (Ipanema, RIO), que formou um respeitável número de "brigadores de capoeira", discutia-se até onde a Capoeira poderia ser eficaz no enfrentamento com outras lutas.

Reascende-se a discussão. Discussão que, fatalmente, ensejará algumas quêstões preliminares. Como por exemplo, que tipo de Capoeira joga Mestre Hulk, quem foi o seu mestre, joga angola ou regional (aliás, uma falsa dicotomia), que golpes de capoeira mais utiliza em suas vitórias?

Devo adiantar que não acho uma "traição", neste tipo de combate vale-tudo, utilizar recursos de outras lutas. Todos fazem isto, inclusive o jiu-jitsu, não há outra alternativa. Será desejável, entretanto, que a base técnica do cada lutador não fique irreconhecível.

No caso em tela - Mestre Hulk - ficou clara sua base capoeirística.



Mestre Hulk e alguns alunos. RIO, 1995

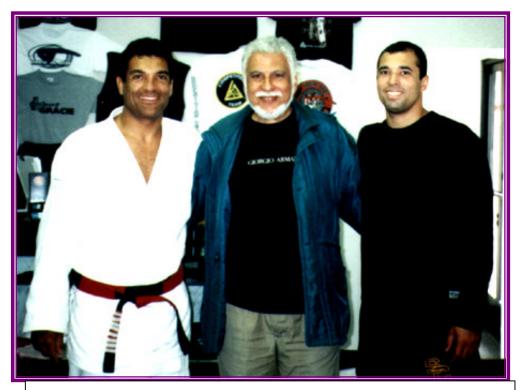
A discussão está aberta.

Ficando claro, desde já, que o Sr. Sidney Gonçalves Freitas, Mestre Hulk *(foto*), com o seu talento e com sua valentia, já colocou seu nome na História da Capoeira do subúrbio do Rio (Rocha Miranda!), do RIO/RJ e do próprio Brasil. Que outros bons exemplos apareçam; ou capoeira não é, "também", uma luta marcial?

Com base no artigo publicado no Jornal dos Sports, Rio (03. Set. 1995) e republicado, em jan/2001, no site do CONI/BRASILE/AICS.

O VALE TUDO, MESTRE HULK E A TGA

Pela televisão, tenho acompanhado o *Ultimate Fighting Championship* nos Estados Unidos. Onde o Brasil está revolucionando o conceito norte-americano de super-



Rorion e Royce Gracie ladeiam André Lacé na exemplar Gracie Jiu-jitsu Academy, em Torrance, Califórnia, 1999.

homem. Inicialmente através do clã dos Gracie (Royce!), e, em função da sétima etapa do evento (UFC), através de Marcos Ruas, um desassombrado representante da luta livre. Pois, às duras penas, os norte-americanos estão descobrindo que o super-homem, o gigante do primeiro mundo, tem, também, que saber lutar no chão, tem que saber - e muito bem - a arte do jiu-jitsu e do vale-tudo à la brasileira. Senão, nada feito. Sem dúvida, uma revolução, inclusive, em termos sócio-culturais. Com base no crescente sucesso do *Ultimate Fighting* nos Estados Unidos, surgiu a idéia de realizar um confronto similar aqui no Brasil. Haveria uma fase nacional, onde seria selecionado o lutador que representaria o Brasil na fase internacional. Excelente idéia, tinha tudo para dar certo.

E realmente, a fase nacional transcorreu muito bem, surgindo como campeão brasileiro de vale-tudo - para total surpresa e perplexidade do pessoal do *jiu-jitsu* e, salvo engano, dos próprios organizadores do evento - um lutador de capoeira: Sidney Gonçalves Freitas, o Mestre Hulk!

Na fase internacional, entretanto, os problemas bateram forte e levaram os organizadores à lona. Faltou dinheiro, o torneio foi interrompido e, salvo engano, passado mais de um mês, algumas dívidas ainda não foram honradas. Mas, não tenham dúvida, a idéia é muito boa e acabará prosperando aqui no Brasil.

Assim considerando, animo-me a fazer uma rápida apreciação crítica do que testemunhei no Maracanãzinho, tendo, como pano de fundo, até por cacoete de profissão, a Teoria Geral da Administração.

Cheguei às 16 horas, uma hora antes da hora marcada para começar o espetáculo. O acesso ao ginásio foi liberado, exatamente, às 17 horas. O espetáculo só foi começar, debaixo de vaia, três horas depois. Mesmo assim, o Maracanãzinho apenas contava com pouco mais de 10% da sua lotação. Valendo registrar que, destes 10%, mais da metade era composta por capoeiristas especialmente interessados na terceira luta, onde o campeão brasileiro de vale-tudo, Mestre Hulk, enfrentaria um lutador japonês (Naoyuki Taira). Pelo menos, isto é o que tinha sido anunciado pelos jornais.

Os "organizadores", simplesmente, ignoraram todos subsídios e instrumentais fornecidos pelas diversas escolas da TGA, da escola clássica (tempos/movimentos, respeito às regras e regulamentos...) à escola sistêmico-contingencial (variáveis exógenas...), passando pela escola das relações humanas (tratamento mais humano para o Hulk...), comportamentalistas (importância da cultura popular brasileira...) etc. Ignoraram, sobretudo, as quatro grandes funções de toda ação empresarial: **planejamento**, **organização**, **direção** e **controle**.

O primeiro grande erro, na área sócio-cultural (o que inclui um grande erro de marketing), foi, justamente, o de ignorar a importância de uma homenagem à cultura popular brasileira. Por exemplo, convidando, de modo muito especial, os principais mestres de capoeira da cidade e até do Brasil para assistirem todas as lutas. Mestres, como Artur Emídio de Oliveira, um dos poucos capoeiristas que ousou aceitar, décadas atrás, confrontos com outras lutas poderiam quadruplicar o número (surpreendentemente baixo) de expectadores pagantes.

Salvo engano (dos jornais), o adversário inicial de Hulk, o japonês Taira, por suas características físicas e técnicas propiciaria um confronto mais equilibrado. A mudança, aparentemente repentina e casuística, do japonês pelo canadense Jean Rivierre prejudicou o próprio espetáculo.

O atraso de três horas poderia muito bem ter sido minimizado se os organizadores tivessem programado, como preliminar do espetáculo, uma RODA DE CAPOEIRA. Da mesma forma que a seleção de música (terrível e ensurdecedora), feita pelo pessoal do som, poderia ter incluído a fascinante parte rítmica e cantada da capoeira. Para não falar das músicas sobre o tema, feitas por Vinicius de Moraes & Baden Powell, Paulinho da Viola (*Vela no Breu...*), Gilberto Gil, Candeias (*O Batuqueiro...*), Martinho da Vila (*No cais dourado...*), conjunto MPB-4 e tantos outros.

"Quem é homem de bem não trai o amor que ele quer a seu bem Quem diz muito que vai não vai e assim como não vai não vem Quem de dentro de si não sai vai morrer sem amar ninguém O dinheiro de quem não dá é o trabalho de quem não tem Capoeira que é bom não cai e se um dia ele cai, cai bem.

Capoeira me mandou dizer que já chegou - chegou para lutar Berimbau me confirmou vai ter briga de amor - tristeza, camará "".

Obs. Considero esta música, de Vinicius e Baden, juntamente com a "Yaya do Cais dourado", de Martinho da Vila e Rodolfo, as duas composições mais representativas da Capoeiragem e da sociedade brasileira. "Cada qual no seu cada qual" - como diria Caiçara — cada uma dentro do seu momento sócio-cultural brasileiro.

Afinal, como pude ouvir, tempos atrás, do exemplar e saudoso Carlos Gracie (fui à sua casa levado pelo Professor Robson Gracie), o jiu-jitsu é mais do que uma arte marcial, é uma lição de vida. O que certamente nos leva a uma visão que extrapola a limitações de um ringue.

Mas, em que pese todos desacertos, relevem a repetição, não tenho dúvida que a iniciativa (Vale-Tudo no Brasil), apesar de abortada, foi válida, foi corajosa e está apenas começando. Para os próximos eventos, que certamente virão, desde já, lanço a idéia de

se reservar sempre uma (ou mais) vaga para a Capoeira. Ou até mais do que isto, que seja realizado, como preliminar da fase nacional do próximo vale-tudo, uma pré-seleção entre os capoeiras-lutadores interessados. Afinal, trata-se da "luta nacional brasileira", muito embora, há que se reconhecer, para se impor como arte marcial vai precisar que outros, muitos outros capoeiristas lutadores tenham a coragem (não é fácil) que teve um Artur Emídio de Oliveira no passado e que está tendo agora o Sr. Sidney Gonçalves. Daí o grande alcance de uma seleção preliminar com vistas a selecionar um capoeira-lutador para a primeira fase, brasileira, do próximo torneio de vale-tudo.

Se isto for feito, não tenho dúvida, o Maracanãzinho vai superlotar, talvez até garanta uma receita que possa tranquilizar os organizadores em relação às custas da fase internacional...

O grande mérito desta alternativa, entretanto, será permitir a boa parte dos atuais mestres de capoeira refletirem melhor sobre o real potencial da Capoeira como arte marcial. Pois, sem dúvida alguma, existe uma razoável dose de fantasia guerreira em algumas rodas de capoeira. A capoeira, não tenham dúvida, sobreviverá a este laboratório, saindo dele mais autêntica e fascinante. Em termos práticos, técnicos, táticos e, sobretudo, em termos institucionais, onde urge um fortalecimento.

Não fosse o seu prestígio pessoal, sua família, seus amigos, seus alunos, representantes da instituição municipal onde trabalha, Mestre Hulk teria ficado sozinho no Hospital Souza Aguiar, para onde foi levado, após uma luta inicial, improvisada e infeliz, com o canadense Jean Rivierre. Estive lá (hospital) e senti a falta de uma ação institucional objetiva e eficaz. Por exemplo, um representante do Ministério Extraordinário de Esportes, ou do Ministério da Educação ou até da Cultura (por que não?).

Em suma, enquanto nos Estados Unidos, Mestre João Grande recebe, de uma faculdade, o titulo de *doctor of humane letters,* e, do Governo, um cobiçado "green-card" como Mestre de Capoeira Angola, aqui no Brasil, a verdadeira capoeira continua sendo tra-tada como fenômeno sócio-cultural de segunda classe.

RIO, 21 de dezembro de 1995

TOFFLER, CAPOEIRA E OS GOVERNOS

Acabei de ler o mais recente livro do casal Alvin & Heidi TOFFLER ("Criando uma nova Civilização"). Leitura obrigatória para todo mundo, servindo para mim, especialmente, para minhas aulas de Teoria Geral da Administração. Serve, também (e como!), para lançar algumas luzes no livro que ora estou escrevendo sobre o processo de institucionalização da Capoeira.

O terceiro mundo reafirma, às folhas tantas do livro, o casal acima mencionado, convive com as três ondas, com as três revoluções (agrícola, industrial e da informática). Claro, convive com pouca intimidade com a última, mais à vontade com a segunda, e, por incrível que pareça, com uma grande dificuldade com a primeira. É fácil entender porquê. A terceira, informática, não nos dá intimidade; a segunda, industrial, foi "generosamente" liberada "para nós (poluição, sindicatos etc...); e, finalmente a primeira, revolução agrícola (e ecológica), está a exigir uma boa reforma e um bom controle de radar verde-amarelo.

A estrutura do poder no terceiro mundo estremece com essas três ondas, não sabendo conviver com elas, teme, com razão, propostas populares (mídia) de reestruturação. Daí os constantes escândalos, como é bom exemplo, o episódio da "pasta rosa", onde, segundo alguns, banqueiros financiam legisladores. E vice-versa. E quanto às licitações que não licitam, mesmo derrubando ministros? E quanto à "caixa dois" diplomática que exonera, às vezes demite, mas jamais prende?

Nosso extraordinário Pelé, por sinal Ministro Extraordinário dos Esportes, corajosamente, chamou para si a árdua missão de alertar que o "rei está nu". Ou seja, chamando atenção para a corrupção no Esporte, para a corrupção até dentro do próprio governo (tripartição de Montesquieu).

Mas, baixando um pouco esta bola, como estará a Capoeira neste cenário?

Será função do governo colaborar com a preservação da cultura popular do seu povo?

Acredito que sim.

Sendo a Capoeira, inquestionavelmente, polivalente (aspectos desportivos, recreativos, educacionais, culturais, religiosos, históricos etc), como os diversos setores dos governos brasileiros - federal, estaduais e municipais - estão se portando a respeito?

Mais objetivamente, em relação à capoeira, quanto e, sobretudo, como os governos estão gastando o dinheiro público, o sofrido dinheiro do cidadão-contribuinte?

Graças a Deus, os governos estão gastando muito pouco. Deveriam estar gastando muito mais, entretanto, repito, graças a Deus, estão gastando muito pouco. A julgar pelos resultados alcançados, melhor seria se os governos não estivessem gastando nada.

O sociólogo alemão Max Weber - nosso presidente da república foi o supervisor técnico de uma das melhores obras de Weber traduzidas para o português - defendia três tipos de sociedade e de liderança: tradicional, carismática e formal. Hegel entendia a Burocracia como um elo entre a sociedade civil e o governo. Karl Marx, mandingueiramente (teria sido capoeirista?) discorda em parte de Hegel, alertando que a Burocracia Governamental não passa de um braço (braço armado com as mais perigosas das armas: o processo burocrático) das elites de cada sociedade.

Quando, décadas atrás, escrevi a monografia "o Embranquecimento da Capoeira" (pode-se ler, também, o "aburguesamento da capoeira"), sem saber, estava plagiando Marx (poderia até ter sido preso...).

O pior é que, até agora, nada mudou. As minguadas verbas que o governo federal está destinando à capoeira, salvo engano, estão sendo canalizadas para reforçar o processo de "embranquecimento da capoeira". Possibilitando ainda, algumas viagens turísticas para os eventuais donos-da-verdade e alguns "*uncles tom*" da capoeira.

De um extremo a outro, passando do círculo federal para o municipal, vamos encontrar o mesmo quadro. Recentemente, em função dos 300 anos de Zumbi e de um final de verba, promoveu-se, aqui no município do RIO, um encontro entre velhos mestres do samba e da capoeira. Quais foram os critérios adotados para escolher os participantes, quais os critérios escolhidos para remunerar os participantes e, sobretudo, quais os resultados práticos deste curioso evento? Pensou-se, realmente, na terceira onda da Capoeira? Pensou-se, realmente, na terceira onda do samba? Ou apenas pensou-se, fisiologicamente, em lançar as bases de uma campanha eleitoral?

De qualquer maneira, tudo indica, que o Rio perdeu esta "volta do mundo" para a Bahia que, sob a coordenação do bacharel em direito e educação física, Sr. Odilon Jorge Daltro de Góes, Mestre Odilon, realizou um democrático evento - Palestra e Grande Roda de Capoeira Zumbi 300 - **com ampla cobertura da mídia.**

Em suma, urge, fazer a Capoeira surfar, **também**, a terceira onda do casal Toffler, na estrada do futuro ("The road ahead") de Bill Gates.

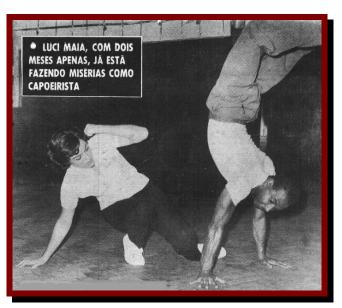
Claro, tendo de fundo, os 14 princípios universais do velho e saudoso Fayol. E - por que não? - os quatro princípios da Administração Pública Brasileira (Constituição Federal, Art. 37, caput); muito especialmente o princípio da IMPESSOALIDADE. Aliás, contemplado, também, por Fayol.

A MULHER NA CAPOEIRA

A História do Brasil Colonial registra, de modo pouco preciso, alguns casos de mulheres jogando capoeira. Mas é neste século, a partir de algumas décadas atrás, que se começa a registrar, mais nitidamente, a presença da mulher; no começo, timidamente, abrilhantando a parte cantada. Pouco a pouco, entretanto, a presença da mulher foi crescendo, ocupando espaços cada vez maiores. Da presença da mulher no canto, o disco de Mestre Bimba, gravado no início dos anos 50, é um bom exemplo.

Mas, como exemplo pioneiro de mulher jogando capoeira, sem dúvida alguma, podemos citar o trabalho do Mestre Artur Emídio de Oliveira que, também, por volta dos anos 50, entre outras moças, teve o prazer e a honra de ensinar a nossa tenista, campeã brasileira, Lucy Maia.

O quadro atual, entretanto, é que está justificando o presente artigo. Pois, é muito possível, que a capoeira, atualmente, seja o esporte que reúna maior número de participantes do sexo feminino. E, como da quantidade, sempre tende a sair alguma qualidade, as rodas de capoeira já começam a contar com verdadeiras mestras de capoeira. Constatação que serve para o Rio, Bahia, São Paulo, Minas, enfim, para todo o Brasil e para o resto do mundo, como veremos mais adiante.



Mestre Artur e a tenista Lucy Maia, Revista do Esporte nº 62 -RIO, 14.maio.1960

O tema começou a chamar minha atenção durante a festa de comemoração promovida pelo Professor Augusto Lopes, mais conhecido como Mestre Baiano Anzol. Ao final da festa, comentando o desempenho da grande roda de capoeira (ecumênica; numa atitude exemplar, Anzol tratou de convidar "gregos e troianos"; o que, aliás, não deu muito certo, mas isto é outra história), percebi, para minha surpresa e a de todos, que meus dois destaques eram para duas capoeiristas: Gisele (Gigi), responsável pela "volta do mundo" mais pura e mais completa, onde, entre outros movimentos, deu uma rasteira absolutamente antológica; e Mônica (Cegonha), que, embora lamentando muito, foi obrigada a mostrar o que acontece quando uma parceira de "volta do mundo" insiste, obstinadamente, em aplicar um golpe mais da família do judô do que da família da capoeira. Aliás, este foi meu único reparo e meu alerta para esta legião de mulheres capoeiristas que começa a enriquecer as rodas de capoeira: cuidado com o "aburguesamento" da capoeira.

Mas, o saldo da festa foi extremamente positivo, valendo registrar, muito especialmente, o momento, criado pelo Mestre Anzol, quando se formou uma roda só de mulheres. Saí de lá convencido que há potencial para fazer muito mais. Por que, por exemplo, não entregar, também, o comando da Roda (parte rítmica e cantada) às próprias mulheres?

Perseguindo o "mote", tratei de conversar com a capoeirista Júlia Muniz (I.U.N.A., Mestre Rui Henrique) que, além de lembrar vários nomes - Rosângela Rufatto, Sueli Cota, Índia, Babuína, Frances Lady (Borboleta), Rita de Cássia Santos (contramestre China), Sueli (Suri-Sam), "Dilá" etc - concordou, em princípio, com a idéia de se estimular reuniões periódicas apenas de mulheres capoeiristas. Reuniões onde a Capoeira seria refletida sob o ponto de vista feminino. Por que não, por exemplo, as capoeiristas não começam a compor suas próprias ladainhas, com luz própria, filosofando sobre a sua própria presença no mundo

e na volta do mundo (o resultado, certamente, mereceria ser perpetuado em disco, com a presença, fundamental, da encantadora voz da capoeirista Ciça, ora em Nova York; e - quem sabe? - com uma participação especial da fascinante cantora Elba Ramalho, recém-batizada numa Roda de Capoeira)? E quanto aos aspectos técnicos e táticos? E quanto à História da Capoeira e dos seus fundamentos? E quanto à Administração da Capoeira (processo de institucionalização!), tão negligenciado até agora? E quanto à fisiologia e à anatomia? E quanto à ludicidade e agonística? E quanto à ética?

E quanto à "terceira onda" (casal Toffler) da capoeira, sua internacionalização, as mestras de capoeira no exterior? O consulado americano, por exemplo, com toda razão, nega o visto permanente para todo e qualquer pedido relacionado com o ensino da capoeira. Com razão, pois, afinal, assim como aqui no Brasil, existe lá fora, um bom número de "mestres" pouco expressivos. Mas, claro, existem, algumas extraordinárias exceções. Uma delas, sem dúvida, é o nosso querido *doctor of humane letters* Mestre João Grande.

Ou seja, assunto é que não falta. Que venha, pois, a primeira reunião de mulheres capoeiristas.

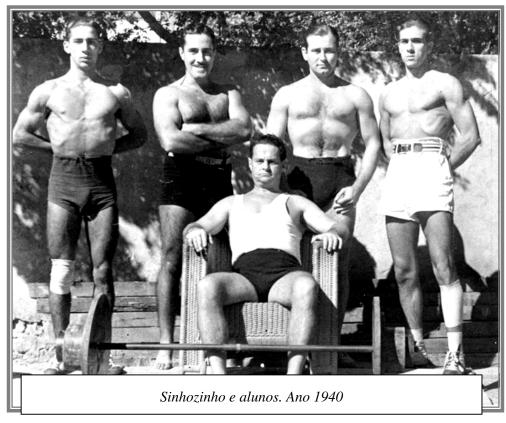
RIO, 04 de fevereiro de 1996

SINHOZINHO

Estou terminando meu segundo livro, desta vez, exclusivamente sobre a Arte da Capoeiragem (terá uma versão em inglês: "Capoeira invites you for a turn around the world"). O "mote" principal é o processo de institucionalização - lamentável, mas inevitável - com especial ênfase no papel que os governos - federal, estaduais e municipais - estão ou deveriam estar desempenhando.

Faço um paralelo com o processo de institucionalização sofrido pelo jazz, e chamo a atenção para algumas semelhanças com o momento atual da Capoeira. Daí a idéia de uma edição em inglês.

Fecho o livro fazendo um apanhado crítico da Capoeira na Internet, já congestionada com uma "neocapoeira". O que demonstrou a importância, senão a fr resgatar, pelo menos deixar registrado um resumo da substancial e inquestionável contribuição do Sr. Agenor Sampaio, mais conhecido como Sinhozinho (Ipanema, RIO), na prática da capoeira como verdadeira arte marcial.

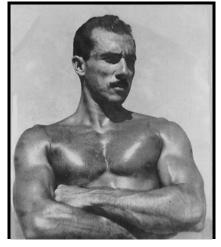


Para tanto, tratei de procurar o Professor Rudolf Hermanny, um dos melhores alunos de Sinhozinho, com quem tive a honra e o desprazer (batia muito forte) de fazer alguns treinos de capoeira. Generosamente, Rudolf Hermanny liberou seus guardados - fotos de Sinhozinho, reportagens e artigos preciosos - além de prestar um longo, seguro, ético e muito bem informado depoimento pessoal. Só para dar uma idéia, levei para casa jornais da época, com preciosas matérias sobre os confrontos, no RIO, de alunos de Mestre Bimba com alunos de Sinhozinho.

Identificando os nomes em cada foto - da primeira safra de alunos de Sinhozinho, André Jansen, os irmãos Marinho, Alberto Silva, Eurico Fernandes e outros (início da década de 30); às safras seguintes, com Joaquim Gomes (Quim), Luiz Pereira de Aguiar

(Cirandinha), Carlos Alberto Pettezzoni, Carlos Alberto Monteiro (o popular Copacabana), o próprio Rudolf Hermanny (Urso), Roberto William...

Hermanny fez uma especial sugestão: "este aqui é o Professor Paulo Azeredo, seu trabalho não estará completo se não conversar longamente com ele. Era muito ligado ao Sinhozinho e foi considerado, na época, o atleta perfeito". Dias depois, tive o prazer de



constatar o mérito da sugestão, conversando longamente com uma das mais expressivas personalidades, de todos os tempos, do desporto brasileiro, o Professor Paulo Azeredo!

Para começar, fomos recebidos com um presente raro, um exemplar, com generosa dedicatória, do precioso livro de Annibal Burlamaqui (Zuma) - "Gymnastica Nacional (Capoeiragem), methodisada e regrada", 1928!

Não tenho mais a menor dúvida que este livro subsidiou praticamente todos os esforços que começaram a surgir, por volta desta época, no sentido de institucionalizar a Capoeira. Não apenas no RIO, mas, também, na Bahia e em vários outros estados.

Pesquisa paralela que estou fazendo no Jornal dos Sports - a capoeira na década de 30 - confirma, por exemplo, que, visitando o RIO, o grande e saudoso Mestre Bimba colheu significativos subsídios (golpes de outras lutas, talvez - quem sabe? - um exemplar do livro de Zuma...) para enriquecer o seu já temido arsenal de movimentos capoeirísticos, de batuque e de luta livre.



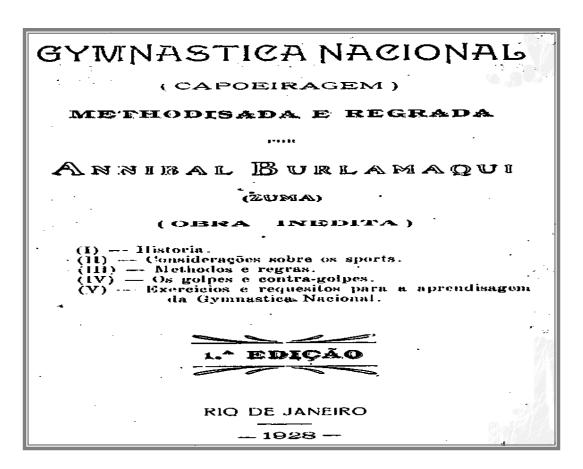
"O BAHÚ - É dado com a barriga para o levantamento do adversário. É muito praticado "nos"batuques lisos e sambas".

Gimnastica Nacional (Capoeiragem), Annibal Burlamaqui, 1º Edição, 1928!

Depois de uma longa conversa, o Professor Paulo Azeredo brindou-nos com um vídeo-teipe sobre a sua trajetória de atleta vitorioso em mais de 28 modalidades (inclusive luta). No vídeo, além de mais registros sobre Sinhozinho, uma longa e respeitável relação de ex-alunos e amigos como Tom Jobim, Brigadeiro Délio Jardim de Mattos e muitos outros.

Farto e precioso material, portanto, para fechar com chave de ouro, um livro sobre Capoeira.

Ao deixar a casa do Professor Azeredo fomos honrados - eu e minha mulher - com um convite para participar, no próximo dia 21 de março, do almoço comemorativo dos seus jovens oitenta anos.



Almoço que, a julgar pela legião de amigos, deverá ocorrer no Maracanãzinho. Palco, talvez, de uma revanche entre o capoeirista Sidney Gonçalves Freitas, Mestre Hulk, campeão brasileiro do I Tira-Teimas de Vale Tudo e o campeão de jiu-jitsu Amaury Bitetti. Mas isto, é claro, já é uma outra história. Ou melhor, um novo capítulo da fascinante história da Capoeira.

RIO, 25 de fevereiro de 1996

NANÁ, STEINWAY E BERIMBAU

"A melhor corda para berimbau é a corda número 15, para piano, marca Steinway, afinada em fá".

Quem afirma, entre outras credenciais, já escreveu e gravou, simplesmente, um concerto para Berimbau e Orquestra ("Saudades", gravado na Alemanha, em 1980).

Não, não se trata, de um "gringo" meio-brasilenista, mas sem um real sentimento do que seja a mandinga do berimbau. Bem ao contrário, trata-se de um pernambucano, com passagem pelo Rio, Paris (cinco anos), ora radicado na fascinante Ilha "Estados Unidos de Manhattan", mas vivendo a maior parte do tempo dentro de um avião: *Naná Vasconcelos*.

De passagem pelo Rio, ultimando os preparativos de mais um PERC/PAN - III World Percussion Panaroma, festival mundial de ritmos, anualmente realizado em Salvador, sob os auspícios do Governo da Bahia, o que talvez explique a ausência de uma bateria de uma das escolas de samba do RIO - Naná foi à praia pensando em descansar e acabou, num encontro casual, ensejando este artigo.

Embora o "mote" principal da longa conversa tenha sido o Berimbau, falou-se de tudo. Dom Um Romão famoso, histórico e



Naná Vasconcelos - 1996

saudoso Beco das Garrafas ("Bottle's, Dom Um tocando com Mestre Leopoldina...), trabalhos com Milton Nascimento, a viagem de Naná para Buenos Aires, convidado para gravar com o Gato Barbiéri; o mesmo Barbiéri convidando Naná para gravar em Nova York, depois em Paris, onde Naná resolveu fixar residência. Curiosamente, foi lá, em Paris, e não aqui, que começou a tocar e gravar com Egberto Gismonti (Dança das Cabeças, Sol do Meio Dia, Duas Vozes). De Paris, Naná mudou-se para Nova York, onde reside até hoje, em contato permanente com vários amigos comuns, como o extraordinário Mestre João Grande e o não menos extraordinário Sylvio Redinger, responsável por uma capa (genial) de um dos discos gravados por Naná (*Rain Dance*).

Conversa de praia, se não é bem administrada (o que nem faz muito sentido) não acaba nunca. Tratei, portanto, lá pelas tantas, de concentrar toda a atenção no berimbau. Recebi uma aula magna, a ponto de lamentar a ausência de grandes tocadores (e "fazedores") de berimbau, como os Mestres Edvaldo Baiano, Camisa, Mendonça, Bogado, Fanho, Nacional, Cabide e alguns outros.

Para começar, Naná deixou bem claro a importância das raízes - "tratei de aprender primeiro, o melhor que pude, os toques tradicionais da capoeira", "pois não se pode e não se deve tentar inventar enquanto não se tem um profundo domínio do que já existe". Verdadeira lição para muitos mestres de berimbau que andam por aí.

Em seguida, de maneira bem humorada, Naná resumiu um curioso problema que teve, em relação ao "dobrão" (moeda antiga que muitos ainda utilizam para tocar berimbau). Perdeu o seu na Europa e não sabia como arranjar alguma moeda parecida, "tentei até a "Maria Teresa", antiga moeda austríaca de tamanho similar ao dobrão". Nada funcionou, e, quando conseguiu, finalmente, um dobrão, descobriu que também não era mais a

solução. A melhor solução - aliás, também usada por alguns antigos tocadores - era e continua sendo uma pequena pedra, tipo "seixo".

A "corda" não é mais tirada de pneu. Do alto do seu profundo conhecimento musical, Naná acabou descobrindo a melhor solução: corda de piano, afinada, no seu caso ("há que se sentir a alma do som"), em fá. Sua última corda foi comprada em Hamburgo, na própria fábrica dos pianos Steinway.

E como amarrar a corda ao berimbau?

- "Nada de couro ou nylon, pois os dois tiram o som, absorvem o som, o melhor mesmo é cadarço comum de sapato. Claro, assim como a madeira (de beriba), o cadarço deve contar com uma manutenção na base de periódicos banhos de sebo.

Quanto à cabaça (gunga), Naná costuma dar um tratamento especial nas bordas para o som se espalhar melhor.

Chegamos, finalmente, ao caxixi:

- "Sem dúvida alguma, a semente "lágrima de virgem"continua sendo a melhor solução. Tanto assim que estou levando um saco delas para Nova York. Com relação à base do caxixi, isto vai depender de cada um; querendo um som mais grave é só colocar uma base plana, querendo um som mais agudo, o tocador deverá optar por uma base ovalada".

Berimbau, como se vê, é um instrumento muito especial, inclusive em termos de transporte. Alguns mestres chegam a preparar capas especiais para protegê-lo. Perguntei ao Naná como ele resolvia este problema, especialmente em suas viagens por avião.

- "Sem problema, levo na mão, toco um pouco para a Segurança do Aeroporto e embarco". É, o pessoal da Segurança sempre estranha o instrumento, que realmente, para quem não conhece, parece até uma arma. "Resolvo o problema, tocando um pouco para os policiais; gostaria até de filmar as expressões de cada um deles. No começo, uma expressão tensa e desconfiada, ao final, uma expressão de total curtição". Aí eu embarco, sem "problemas"...

E pensar que o nosso código penal de 1890, no seu capítulo XIII (Dos Vadios e Capoeiras), determinava que todo capoeira deveria ser punido. Estaria incluído aí o tocador de berimbau?

OS GRACIE, A CAPOEIRA E O BERIMBAU

Uma pesquisa sobre a prática da CAPOEIRAGEM no Brasil não pode, em hipótese alguma, ficar limitada à leitura dos livros sobre o assunto. Não que sejam poucos, mas, em sua grande maioria, apresentam uma visão regionalizada e excessivamente apaixonada. Paixão que, às vezes, leva à fantasia, a mitificações e, até a mistificações.

Claro que livros como o de Annibal Burlamaqui, Zuma (Gymnastica Nacional, 1928), de Inezil Penna Marinho (Subsídios para o Estudo da Metodologia do Treinamento da Capoeiragem, 1945), de Waldeloir Rego (Capoeira Angola: ensaio sócio-etnográfico, 1968), de Luis Sergio Dias (Quem tem medo da Capoeira? - 1995), Carlos Eugênio Líbano Soares (A Negregada Instituição - os capoeiras no Rio de Janeiro, 1995) e alguns outros devem compor a biblioteca de qualquer pesquisador. Isso para não mencionar a sempre valiosa contribuição de antropólogos, sociólogos, folcloristas (vá lá...), musicistas e historiadores em geral; ou seja, nomes como Roquette Pinto, Renato de Almeida, Dunshee de Abranches, Albano de Oliveira, Artur Ramos, Manuel Querino, Câmara Cascudo, Silvio Romero, Luiz Edmundo, Melo Morais Filho, Edison Carneiro e tantos outros. Mas, na pesquisa de velhos jornais e revistas é que se vai encontrar os elementos mais esclarecedores.

Não tanto em jornais de circulação local - pois esses, obviamente, tendem a ter uma visão igualmente local ou, no máximo, regional - mas, sobretudo, em jornais nacionais. Pois, como se costuma dizer, o rio corre para o mar, e, em qualquer parte do mundo, ao longo da história, verifica-se que os fatos mais relevantes tendem a ocorrer nos grandes centros urbanos, nas cidades maiores.

Folheando os grandes jornais brasileiros - quatro, cinco, seis décadas atrás - verifica-se, apenas para dar um exemplo, que os grandes cantores líricos apresentavam-se no Rio, em Buenos Aires e... voltavam para os Estados Unidos ou para a Europa. O mesmo sempre aconteceu na área da Arte Marcial. Os grandes lutadores estrangeiros, dos Estados Unidos, da Europa ou do Oriente, via de regra, vinham fazer apresentações e participar de confrontos aqui no Rio, então, capital federal do Brasil. Mergulhando mais a fundo nos jornais antigos, especialmente o JORNAL DO SPORTS, a partir da década de 30, comecei a confirmar esta verdade, cada vez mais cristalina. Aconselho aos pesquisadores sobre o assunto a fazer o mesmo. Com base em tais pesquisas está sendo possível acender algumas luzes, apresentar alguns novos tópicos para discussão geral e até ensaiar algumas conclusões. Vejamos:



"Combates que despertam emoção - as gymnasticas nacional e japoneza, face a face". "...o Sr. Carlos Gracie, diretor da academia de jiu-jitsu firmou um accordo com o Sr. Jayme Ferreira, diretor da Academia de Capoeiragem..." (Jornal dos Sports, 03.julho. 31, 1ª e 4ª páginas).

- 1. A Família Gracie tem realmente um espaço garantido (o que está faltando para que escrevam um livro, esclarecedor, a respeito?) na História da Arte Marcial no Brasil. Praticamente, não havia lutador estrangeiro que chegasse ao Brasil (RIO) que não fosse desafiado pelos irmãos Carlos e George Gracie. É só ler os jornais da época.
- 2. A CAPOEIRA começa a aparecer nos jornais em função desta realidade, ora fazendo lutas preliminares, ora, até, confrontando-se com os Gracie.
- 3. Da CAPOEIRA desafiando grandes mestres estrangeiros, salvo o famoso e matreiro confronto, em 1909, do japonês Sada Miako com o nosso Ciríaco Francisco da Silva (Sinhozinho assistiu a essa luta), é difícil, senão impossível encontrar algum registro nos grandes jornais. Valendo registrar, como curiosidade e a bem da justiça, alguns confrontos de rua, de beira de cais ou em pequenos tablados pelo interior onde a capoeira se saiu muito bem; muito embora, tais eventos e confrontos não contassem com regras claramente pré-fixadas.
- 4. Proibida, no Código Penal de 1889, a Capoeira (como luta, sem berimbau), praticamente desapareceu do RIO, sobrevivendo na Bahia ao som fascinante do berimbau e do melodioso canto baiano.
- 5. Sendo o BERIMBAU um fantástico instrumento de comunicação, todos os cantos, preceitos, ladainhas e chulas passaram a "vender" somente a capoeira musical, a capoeira local, a capoeira baiana.

O que explica porque quase todos os temas estavam e, em alguma medida, ainda estão restritos à Bahia, especialmente a Salvador. O que explica o silêncio do berimbau baiano frente a grandes acontecimentos históricos, de dimensão nacional, como, por exemplo, a curiosa e providencial aliança informal feita, em junho de 1828, durante o reinado de D. Pedro I, entre um representante do Governo (Major Miguel Nunes Vidigal) e os capoeiras cariocas para que esses enfrentassem os batalhões sublevados de estrangeiros mercenários aquartelados na Praia Vermelha, no Campo de Santana e em São Cristóvão. dezenas de outros ricos exemplos, valeria, ainda, destacar mais três: 1. o famoso caso do capoeirista Juca Reis (José Elísio dos Reis) que, simplesmente, quase provocou uma crise ministerial no Governo de Deodoro; 2. o confronto, em 1953, de mais de uma hora entre o capoeirista Rudolf Hermanny (Capoeira de Sinhozinho) e Guanair Gomes, representando o jiu-jitsu; 3. o confronto, em 1954, entre o Mestre Artur Emídio de Oliveira e o Sr. Edgard Duro (especialista em luta livre, com algumas vitórias sobre alunos de Mestre Bimba); e 4. a vitória de um capoeirista, Sidney Goncalves Freitas (Mestre Hulk) em 1995, no Primeiro Tira-Teima Brasileiro que contou com representantes de várias outras lutas. cantadores de capoeira - que, muito freqüentemente, buscavam nos poetas-repentistas, na literatura de cordel, inspiração para suas chulas, bem que poderiam ter aproveitado destes, também, a visão mais abrangente de mundo.

O poeta-repentista é, sem sombra de dúvida, um cronista social. Canta o dia-a-dia da sua cidade, canta o dia-a-dia do mundo, canta o passado, o presente e o futuro. O cantador de capoeira também é um cronista social, só que, pelas razões acima resumidas, até agora, continua muito regionalizado e preso ao passado. Situação que, felizmente, começa a ser modificada. Cantadores-compositores como o Sr. Gilberto Quini, Mestre Beija-Flor (do Grupo Capoeira Senzala de Santos) como o Sr. Everton de Freitas Batista (Mestre Fanho) já começam, com todo respeito e reverência às raízes, a (r)evolucionar a temática do Jogo da Capoeira. Em seu primeiro disco, semi-artesanal, Mestre Fanho, com muita oportunidade e criatividade, critica os cinematográficos ninjas, critica a ginga marcada - "capoeira não é desfile militar"- de uma neocapoeira que anda grassando (ou desgraçando)

por aí, autocritica-se com bom humor, e permite-se fazer algumas reflexões filosóficas sobre a magia da capoeira. Eis aí um bom exemplo que deve ser seguido por todos que realmente gostam de Capoeira. Assim como deve ser seguido o entendimento do saudoso Mestre Bimba a respeito da Capoeira praticada como Arte Marcial: tais confrontos, especialmente com outras lutas não devem ser ao som do berimbau (para detalhes leiam o livro "Mestre Bimba, a Crônica da Capoeiragem", pág. 23, de Jair Moura).

E realmente não precisa, ousaria eu complementar, pois o verdadeiro capoeira parte para um confronto de verdade, especialmente com outras lutas, com o som do berimbau no seu coração. Valendo adiantar, entretanto, que isto apenas não basta, pois a Capoeira como Arte Marcial exige exercícios muito especiais (Capoeira de Sinhozinho!) e uma movimentação de luta bem diferente da ginga lúdica de uma **volta do mundo**.

Daí a importância de confrontos **amistosos** periódicos - e bem regulamentados - com outras lutas.

Daí a importância dos Gracie para a Capoeira.

RIO, 24 de março de 1996

CRIAÇÃO DIVINA DA CAPOEIRA

Os eternos humoristas de plantão, quando querem criticar o governo no Brasil reapresentam a velha história da criação do mundo. Onde os anjos-assessores lembraram ao Criador que estava sendo criado um país extremamente privilegiado, sem vulcão, sem terremoto, sem vendaval, sem tempestade de neve, e com lindos rios, densas florestas, praias e terras "onde, em se plantando, tudo dá". Como resposta, os anjos ouviram: É, mas vocês vão ver o governo que este país terá...

Dia 19 de maio, domingo passado, atendendo a um convite de Mestre Ephrain (Associação Cultural de Capoeira Ginga Brasil), participei de mais uma tradicional cerimônia de batismo, na Escola de Samba TRADIÇÃO, em Campinho, RIO.

Antes do batismo, sob comando da versátil capoeirista Babuína, foi realizada uma extraordinária demonstração-dramatizada com meninos-de-rua que deveria ter sido filmada por todas as ONGs especializadas no assunto. Durante o batismo, que contou com um respeitável e sintomático número de bons mestres de capoeira, com grande senso de justiça e de oportunidade, Mestre Ephrain prestou uma homenagem ao grande Mestre Artur Emídio de Oliveira que, durante algum tempo, aceitou e assumiu o comando da Roda. O batismo transcorreu admiravelmente bem, o problema começou nas não menos tradicionais reuniões paralelas e informais dos mestres, contramestres e agregados. Reuniões imperdíveis, onde se trata de tudo e não se resolve absolutamente nada. Invariavelmente, todos são a favor da UNIÃO; invariavelmente todos apresentam uma proposta própria do que seja UNIÃO.

São reuniões surpreendentes. A de domingo variou de uma forte e professoral discussão sobre toques de berimbau (Mestres Bogado Senador e Mintirinha) até à preocupação de Mestre Touro, finalmente realística, com o planejamento, organização, direção e controle da sua campanha eleitoral; passando pela linda capoeirista Mucama, com o seu gravador em punho, fazendo misteriosas e, ao mesmo tempo, ingênuas entrevistas.

Após quase quatro horas de Roda de Capoeira (muito animada, de bom nível, embora prevalecendo a tal ginga marcada e um certo abuso de demonstrações circenses) e meia dúzia de reuniões informais, desisti de participar da reunião formalmente marcada para o final (?) da Roda - para discutir e detalhar a programação anual da recém-lançada Federação de Capoeira Desportiva do Rio de Janeiro - e resolvi ir embora.

Não sem antes abraçar os mestres mais conhecidos e confidenciar ao meu amigo Mestre Mendonça Sonhador (interpreta sonhos) uma adaptação capoeirística para o primeiro parágrafo desta crônica:

- Durante a criação do mundo, notando o fascínio da recém-criada Arte da Capoeiragem, os anjos-assessores trataram de apontar ao Criador a injustiça que, aparentemente, estava sendo feita em relação às outras lutas, aos outros esportes e às demais forma de arte; como resposta, tiveram que ouvir: "esperem para ver o espírito de união de alguns dos futuros mestres".

TERREIRO DE ANGOLA

Há mais de trinta anos atrás, analisando o processo de institucionalização da arte da capoeiragem escrevi uma monografia - "O Embranquecimento da Capoeira"- onde procurei chamar atenção para os inevitáveis riscos de aburguesamento. Alertei, sobretudo, para o risco da estandardização. Estandardização dos variados e extremamente criativos "métodos" de ensino dos velhos mestres, estandardização da ginga, estandardização dos golpes. Alertei, também, para o risco de, na tentativa ingênua de tornar a capoeira mais marcial, transformá-la, "apenas", numa linda dança guerreira.

Para terminar meu segundo livro, desta vez, exclusivamente sobre capoeira, voltei a percorrer algumas rodas de capoeira aqui no RIO, onde é possível encontrar, sem sombra de dúvida, uma razoável amostra do que vai pelo Brasil e pelo mundo. O resultado foi muito positivo, com emoção estou vendo a classe média, inclusive um número sintomaticamente crescente de moças, praticando Capoeira até nas praças públicas da cidade.

Por outro lado, tenho confirmado, também, boa parte dos meus prognósticos: estandardização do método de ensino, estandardização da ginga, excesso de agarração, eliminação de um bom número de golpes (todos aqueles que impeçam o jogo em pé, onde os capoeiras se limitam a trocar meias-luas de frente, queixadas inócuas e meias-luas soltas); a parte rítmica, em nome de uma discutível eficácia, está excessivamente acelerada, com o atabaque (ou pandeiro) sendo o rei da "orquestra"; não se ouve mais uma ladainha abrindo a roda, os cantos não guardam relação com o que está acontecendo em cada "volta do mundo". E, o que talvez seja o mais grave, as fisionomias estão carregadas, não são capoeiras, são samurais tupiniquins, normalmente "vencendo a luta" pela truculência através de um golpe roubado do judô (mas, sem aceitar jamais participar de um *Ultimate Fighting...*). Conversando com algumas lideranças, felizmente, tenho percebido que todos, não só estão conscientes e preocupados com este risco (estandardização excessiva, perda de ludicidade, descaracterização etc), como estão entendendo a importância de se estudar melhor, mais profundamente, os fundamentos da capoeiragem.

O que explica a procura, cada vez maior, dos terreiros de Capoeira Angola. Não apenas no Rio, na Bahia, em Minas Gerais, no Paraná, em São Paulo (Mestre Moraes está em Santo André passando a sua invejável experiência, cada vez mais, reconhecida internacionalmente), ou em todo Brasil, mas no mundo inteiro. Na América Latina, especialmente na Argentina, vamos encontrar o Mestre Pedrinho de Caxias, bom angoleiro, fazendo um justo sucesso; nos Estados Unidos, especialmente em Washington D.C. (onde está sendo criada a Fundação Internacional de Capoeira Angola: Mestre Moraes, Cobrinha Mansa e outros) e em Nova York (com o fabuloso trabalho de Mestre João Grande); na Europa, particularmente na França (atualmente, o melhor jornal especializado em capoeira -"IÊ" - está sendo publicado, em Plessis-Robinson, pelo capoeirista Iram e pela jornalista Ana Lúcia Custódio) e na Alemanha, onde, até as universidades e centros culturais estão realizando estudos sobre Capoeira Angola. Neste apanhado, embora não pretenda esgotar o assunto, seria injusto não registrar o interesse de Angola pela Angola. É isto mesmo, conversando com o Adido Cultural de Angola, Doutor Bento Salazar André Morgado - no meu primeiro livro faço uma homenagem aos povos de fala portuguesa - tomo conhecimento que a Ministra da Cultura daquele país, Dra. Ana Maria de Oliveira, está vivamente interessada num intercâmbio cultural com o Brasil, o que, seguramente, inclui a nossa Capoeira.

Face a esta realidade, mais atentamente, estou tratando de percorrer, aqui no Rio, alguns terreiros de Angola. Com muito prazer, portanto, aceitei o convite formulado pelo Instrutor Ricardo "Teco" para participar da festa de aniversário do Mestre Camaleão (Wellington Nascimento Rosa, Grupo de Capoeira Angola-Brasi/), na Freguesia, Ilha do Governador. Festa, a rigor, itinerante, que começou na Academia do Waldo Santana - excelente pessoa - no Centro do Rio, e acabou na calçada em frente do bar "Pesca-e-Gelo", passando pela academia do Mestre Camaleão, também na Freguesia.

O padrão de capoeira apresentado foi absolutamente antológico. Há tempos não vejo uma Roda de Capoeira tão exemplar, tanto na parte rítmica e cantada, como nas "voltas do mundo": bonitas ladainhas, canto de sotaque, cantos de exaltação, cantos de mandinga, improvisos descrevendo ou prescrevendo, ladainha de despedida; toques corretos, berimbaus - viola, solo e berra-boi - brilhantemente harmonizados; atabaque e pandeiro sem guerer passar para primeiro plano; voltas-do-mundo extremamente criativas, salpicadas de bom humor e com duração suficiente para o jogo render plenamente. Nada, portanto, de cantos sem pé nem cabeça, nada de berimbau tocando a 100 km por hora e um atabaque & pandeiro com mais de 1000 decibéis, violando a tradição da capoeira e o Código de Postura da Cidade. Nada de um jogo-de-compra onde cada capoeira fica na roda, no máximo, cinco segundos, muitas vezes, dividindo o espaço com mais duas ou três duplas de desesperados. Vi, também capoeira fechada, jogo de dentro, jogo duro, adrenalina pura, mas sem cara carrancuda, cara de ninja cabocla, de aprendiz de Chuck Norris, Jean-Claude Van Damme, Stalone ou Arnold Schwarzenegger. Há muito tempo não vejo tanta variedade de movimentos e golpes desferidos com tanta noção de tempo e espaço: banda traçada, meia-lua solta, meia-lua de compasso, banda de frente, cabeceira, suicídio, todo tipo de pantana (por mais incrível que possa parecer, vi até alguns golpes típicos da capoeira "utilitária" do saudoso Sinhozinho de Ipanema). Nada de ginga marcada ou de jogo limitado a armadas de frente, queixadas, meias-luas e um sem-número de estranhos rodopios circenses e pseudo-marciais.

A surpresa maior, no entanto, ficou para o final, quando tive oportunidade de conversar com o jovem Mestre Camaleão - exímio capoeirista, personalidade forte e bom caráter - e três de seus alunos (Teco, Flávia e Raphael Internet). Outra lição. Lição de amor à Capoeira e respeito a todos os mestres ("Estivemos no Mestre Boneco, na Acxe Sportside Club, na Barra da Tijuca, a recepção foi muito boa e gostamos de jogar com o grupo dele), profundo conhecimento dos fundamentos e consciência da importância de uma grande união, a começar pelos "terreiros" (gostei do nome) de Angola. Foi quando tomei conhecimento de um número de grupos muito maior do que eu imaginava existir no Rio de Janeiro: Mestre Braga, na UNE, no Catete; Mestre Arerê, no Instituto de Pesquisas das Culturas Negras, IPCN, na Cruz Vermelha; Mestre Neco, em Santa Teresa; Professor Urubu, Terreiro "Quem vem lá", na Praça 11; Mestre Pedrinho, Terreiro - Mandinga, Duque de Caxias; Mestre Mola (ou Muca), Terreiro Dambala, Duque de Caxias; Mestre Canela, Memorial Pastinha etc.

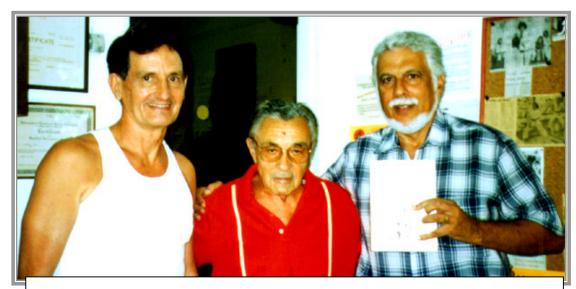
Que seu bom exemplo prolifere, Mestre Camaleão! Não apenas dentro da eternamente respeitável Capoeira Angola, mas, em termos mais abrangentes, de Brasil e de mundo, unindo todas as lideranças numa grande e histórica "volta do mundo", onde o processo de institucionalização - tema do meu próximo livro - ao invés de violentar (regulamentos excessivos, babel de cordas e cordéis etc) vai, ao contrário, consolidar os verdadeiros fundamentos da nossa fascinante Arte da Capoeiragem.

RIO, 2 de julho de 1996

MESTRE ABEL MAGALHÃES

"Roupa de homem não dá em menino", repete sempre o Sr. Antônio Conceição Moraes, o famoso Caiçara, mestre da capoeira Angola, um verdadeiro patrimônio cultural da Bahia. Este sábio entendimento cai, como uma luva, no caso de Abel Magalhães da Silva que, no dia 17 de agosto, comemorou noventa anos de vida. A maioria dos quais dedicados, com grande talento e eficácia, à preservação da brasileira (e fascinante) Arte da Capoeiragem.

Em função do meu próximo livro, em muito boa hora, reencontrei Abel



Mestre Abel Magalhães entre Rudolf Hermanny e André. Ipanema, 1999.

Magalhães e dele consegui, preciosos subsídios. Da sua iniciação capoeirística no Pará, em 1921, passando por suas impressionantes pesquisas feitas em documentos escritos no século XVI, até a sua participação - sem dúvida decisiva - na elaboração e, sobretudo, na aprovação do primeiro Regulamento Oficial da Capoeira.

Muito embora, até hoje, Abel Magalhães faça, como eu também faço, uma longa série de críticas a todo este processo de institucionalização de um fenômeno social rico, espontâneo e "livre como o vento".

O parágrafo acima merece ser desdobrado.

"Comecei a gostar e aprender capoeira vendo os caboclos canoeiros da Ilha de Marajó, lutarem a sua "Marajoara". Sem dúvida alguma, continua Abel, era a nossa capoeira, sim! "Os golpes consistiam em lançamentos dos pés e das mãos quase ao mesmo tempo; apoiado num pé, o caboclo jogava o outro no adversário. A ginga, não tão expressiva como hoje em dia, fazia, também, parte do jogo. Em suma, impressionado com a luta, fui para Marajó aprender com os nativos da terra, os segredos da luta Marajoara". Ainda sobre esta época, Abel lembra o professor Conde Koma, "um japonês que se radicou no Pará e que, também impressionado com a luta Marajoara, sempre falava sobre ela no "dojo" do Clube do Remo, onde ensinava jiu-jitsu".

Recuando ainda mais no tempo, Abel falou sobre as pesquisas feitas, orientado por um padre jesuíta, em documentos antigos. Entre vários exemplos destacou o livro escrito pelo Padre Anchieta, Os Sermões, em 1560, onde "às páginas tantas, vamos encontrar: os índios nativos fazem uma dança chamada de *caãpueira* começando na boca

da noite (caraquypy), iluminada por fogueiras, que se estendia pela madrugada adentro, com o som de instrumentos feitos de toras de madeira e cordas de cipó (titica)".

Antes que eu perguntasse - a pergunta que todos, que estão lendo, já estão se perguntando - Abel Magalhães se adiantou: "Não estou, em momento algum, negando a contribuição africana, muito especialmente das tribos da região de Angola. Parece-me óbvio que a capoeira que se joga hoje em dia, tem suas raízes na África. Por outro lado, não se pode fechar os olhos para a possibilidade de mais de uma certidão de nascimento".

Do século XVI, Abel volta para o XX, e passa a fazer um resumo do seu trabalho, como assessor de capoeira da antiga Federação Carioca de Pugilismo. Difícil destacar qual a contribuição mais relevante, mesmo assim, eu ousaria destacar a elaboração de um regulamento desportivo para a capoeira. Elaboração, muita adequadamente, feita em função de um evento preliminar – 1º Simpósio Oficial de Capoeira: Capoeira é Esporte ou Dança Folclórica"? - que procurou reunir as pessoas mais representativas e capacitadas para debater o assunto: Ministro Lyra Filho ("A Sociologia da Capoeira"), Professor Edison Carneiro ("Dinâmica do Folclore", "Capoeira Angola" etc), Dr. Ângelo Decânio (o convite foi feito ao Mestre Bimba, que indicou Decânio para representá-lo), Dr. Lamartine Pereira da Costa ("Capoeiragem, a Arte da defesa Pessoal Brasileira"), representantes do então Conselho Nacional de Desportos e outros estudiosos e autoridades.

Como resultado do Simpósio foi elaborado um regulamento que, em seguida, cumprindo as exigências legais, foi enviado ao então Conselho Nacional do Desporto, através da Confederação Brasileira de Pugilismo, a qual, na época, a capoeira estava subordinada. Passando pela CBP, segundo Abel Magalhães, o regulamento foi reavaliado, sofrendo uma série de modificações e, finalmente, enviado ao CND. As modificações introduzidas na Confederação foram, basicamente, feitas pelo Assessor de Capoeira da época, Mestre Damionor Mendonça e por mais dois membros da diretoria, especialistas em Box. "Daí porque, filosofa Abel Magalhães, o regulamento ter ficado muito semelhante a um regulamento de boxe".

Crítica que, à época, também fiz, e com a qual até o próprio Damionor Mendonça, hoje em dia, concorda ("Fiz o que foi possível fazer na época").

Mas, a paternidade, pelo menos neste caso, é coisa secundária, pois a luta maior veio depois. Pois o Conselho Nacional Desporto, simplesmente, não queria aceitar o regulamento, não queria reconhecer a Capoeira como um desporto de competição (vendo, agora, o renascimento e o sucesso internacional da Capoeira Angola, começo a ver uma certa sabedoria e premonição na posição negativa inicial dos conselheiros do CND...).

Foi nesta fase que o professor de educação física Abel Magalhães e mestre de Capoeira (mestre por reconhecimento geral e mestre diplomado, em 1970, pela Federação Carioca de Pugilismo) teve a sua atuação mais brilhante e efetiva. Poucos, muito poucos conhecem esta parte. Conhecendo a maioria dos conselheiros do CND, especialmente o que estava como relator do processo em questão, Abel Magalhães mobilizou e coordenou alguns bons capoeiristas e apresentou para eles, conselheiros, uma exibição especial primorosa. Sucesso absoluto, o relator mudou o seu voto, todos mudaram, o Regulamento da Capoeira foi aprovado!

Com o que o Sr. Abel ainda não ficou satisfeito. Experiente, sabia muito bem que não a basta aprovar uma lei, será sempre de fundamental importância viabilizar o seu bom cumprimento. Assim considerando, começou a trabalhar, também, em cursos de arbitragem, formando especialistas que pudessem garantir um bom nível de qualidade nos torneios que, em seguida, passaram a acontecer.

A esta altura, devo dizer, em que pese todas as minhas críticas à tentativa de colocar uma "camisa de força" no encanto da capoeira, tais torneios deram um impulso muito grande à sua prática e difusão.

A comprovação deste sucesso pode ser vista nos inúmeros diplomas e certificados de reconhecimento que o Sr. Abel Magalhães tem nas paredes de seu escritório

e, sobretudo, pelo precioso acervo de documentos que tem no seu baú de guardados capoerísticos. **Baú que está transformando em livro** que, certamente, será um sucesso, e para o qual procura um editor. Da mesma forma - aproveitando o mote - que será um sucesso a publicação do livro do escritor-pesquisador Luis Sergio Dias ("Quem tem medo da Capoeira?") "e a republicação de livros emblemáticos como o marcante livro do Professor Inezil Pena Marinho ("Subsídios para o Estudo da Metodologia do Treinamento da Capoeiragem"), o revelador livro do advogado Esdras Magalhães dos Santos (Mestre Damião), o livro "Capoeira, a arte brasileira", sem presopopéias doutorais, do Mestre Paulo Gomes e mais alguns outros. Frente a tais competidores, começo a temer pelo sucesso editorial do meu próprio livro.

Com a palavra, os editores. Afinal, há uma demanda crescente, inclusive a nível internacional, para este tipo de literatura.

RIO, 25 de agosto de 1996

CONGRESSO NACIONAL DE CAPOEIRA ANGOLA

A Capoeira Angola cresce, sintomaticamente, no mundo inteiro. Além de um número sempre crescente de praticantes, vai crescendo, também, a literatura especializada, incluindo-se aí, teses e dissertações universitárias. Aqui no Brasil, nos Estados Unidos e na Europa.

Consciente e preocupado com o amadorismo gerencial crônico que caracteriza a grande maioria de eventos dessa natureza, o Senhor Cenésio Feliciano Peçanha, mais conhecido como Mestre Cobra Mansa, chegando de Washington D.C. - onde realiza um extraordinário trabalho de propagação da capoeira Angola - em rápida passagem pelo Rio, tratou de dis-cutir o assunto com algumas lideranças locais. Participei de um desses encontros e fiquei muito bem impressionado. Assim como foi uma grata surpresa o êxito do "workshop" por ele realizado, no Centro Cultural José Bonifácio, no histórico bairro carioca da Gamboa. Ainda mais do que êxito, surpreendeu-me a estratégia de promoção do evento, ou melhor, a deliberada despreocupação com a promoção do evento. Situação, aparentemente, contraditória, mas que encerra toda a sabedoria utilizada pelos nossos primeiros capoeiristas - o negro das senzalas, o negro das capoeiras (mato rasteiro), o negro dos quilombos: "para resguardar as raízes há que se evitar, nesta frondosa e fascinante árvore, o crescimento dos galhos podres, dos galhos comerciais, dos galhos aburguesados, dos galhos com grife, dos galhos invejosos"...

Não tenho dúvida que as reflexões e, sobretudo, as sugestões objetivas feitas durante tais reuniões e durante o "workshop" deverão subsidiar e - quem sabe? - dar maior conseqüência prática ao Congresso de Salvador, destino final de Mestre Cobra Mansa, nesta sua rápida visita ao Brasil (muito embora, afirme que tomou conhecimento da reunião por mero acaso).

Acredito até que um resumo deveria ser feito e distribuído, preliminarmente, a todos os congressistas. Sugeri a idéia, mas o Senhor Cenésio, alegando - com certa razão - falta de tempo hábil, mandingueiramente, contrapropôs que eu escrevesse um pequeno artigo destacando tópicos que, seguramente, deverão aflorar durante o congresso na Bahia. Aproveitando a generosidade deste espaço no Jornal dos Sports, com base em minhas observações e sem querer, obviamente, esgotar tão rico assunto, é o que passo a fazer:

- **1. Preliminares:** Para iniciar, será de fundamental importância, que as lideranças da Capoeira Angola Mestres João Grande, João Pequeno, Pedro Moraes, Nô. Curió, Lua de Bobó, Cobra Mansa, Mala e tantos outros, conheçam, a fundo, a filosofia, os objetivos e, sobretudo, os resultados práticos que a CBC vem apresentando desde a sua fundação. Claro que a própria Confederação, a esta altura, já deverá ter preparado, para distribuição no Congresso, um exaustivo e persuasivo relatório sobre suas realizações. A rigor, este material já deveria estar nas mãos dos congressistas (disquete, parece, foi enviado para alguns). De qualquer modo, o resumo, certamente, deverá mencionar o nome, endereço, telefone e *curriculo vitae* de toda diretoria e conselhos da Confederação, bem como a relações (diretores e conselheiros) e endereço de todas as federações estaduais a ela filiadas. Pois tomo conhecimento que há alguma polêmica sobre a legitimidade e, sobretudo, sobre a eficácia de algumas dessas federações.
- **2. Regulamento Oficial da Capoeira (?):** Não sendo possível distribuir um regula-mento para cada congressista, ser imperioso colocar umas cópias à disposição dos mais interessados.
- **3. Proposta inicial:** A iniciativa do evento, da reunião, do congresso, salvo engano, não partiu das lideranças de Angola, sendo assim, caberá aos promotores, justificar a realização

do evento, apresentando uma proposta inicial para discussão. Ou seja, o que a CBC pensa da Capoeira Angola, e o que pensa fazer por ela e com ela? E, na hipótese de um não casamento entre Capoeira Angola e CBC, a Confederação passará a tomar medidas coercitivas?

- **4. Recursos Financeiros:** quais são os recursos da confederação, como estão sendo gastos, como serão gastos até o final do ano e ate o final da atual gestão. Transparência administrativa é e será sempre fundamental.
- 4.1 Considerando a crescente profissionalização do esporte amador, o que a CBC está fazendo neste sentido?
- **5. Estatuto & Eleição:** também o estatuto da CBC deverá estar à disposição dos congressistas, da mesma maneira que uma pequena palestra deverá ser feita para esclarecer sobre a próxima eleição, prováveis concorrentes e eventuais mudanças na política de ação.
- **6. Luta pelo Poder, disputa de mercado:** de maneira adulta, o assunto devera ser abordado, para evitar as perversões que rondam boa parte do esporte confederado (poder pelo poder, poder por vaidade, poder para viajar, poder como escada política, poder para licitar etc).
- **7. Cooptação:** Ate onde o "povo de Angola" estará sendo, novamente, conduzido para o navio negreiro?
- A própria Capoeira Regional foi vítima do "sistema" (aburguesamento, sistematização excessiva, padronização excessiva, transformando em dilema o que é a essência da capoeira).
- **8. Soluções alternativas, solução brasileira:** por que insistir em colocar a capoeira numa camisa de força?

Por que não procurar uma solução alternativa, brasileira, que contemple toda a infinita criatividade da capoeira, especialmente da capoeira angola?

Por exemplo: como está e como estará - em função do evento -a Associação Brasileira de Capoeira Angola?

E quanto à Fundação Internacional de Capoeira Angola, com sede em Washington D.C.?

- **9. União Geral:** sem dúvida, será uma ótima oportunidade para que as lideranças da Capoeira Angola dêem um belo exemplo de fraternidade, de capacidade de união; para tanto, será aconselhável que o congresso reserve um tempo e um espaço para reuniões fechadas, só para angoleiros. Tais reuniões serão tão importantes quanto as reuniões gerais, onde, com alguma sorte, prevalecerá o clima de fraternidade e comunhão.
- **10. Visão ecumênica da Capoeira:** A Capoeira Angola não pode nem deve abrir mão de suas raízes, não pode nem deve negociar o quase milagre do seu ressurgimento e sucesso (no mundo todo), mas pode e deve procurar trocar idéias com todos aqueles que realmente conhecem o assunto e sabem conversar, respeitosamente, sobre ele.
- **11. Capoeira Olímpica, Ano 2004:** está na hora da Capoeira, especialmente a Capoeira Angola, apoiar, apropriadamente, a luta para sediar a Olimpíada de 2004 no Brasil. O Congresso poderá deverá tomar uma posição inteligente, criativa e, sobretudo, eficaz!
- **12. Homenagens especiais:** claro, pelo menos em tese, há que se reconhecer a importância do encontro e, por via de conseqüência, o mérito da iniciativa (CBC e Prefeitura Municipal de Salvador), entretanto, o evento ensejará uma excelente oportunidade para homenagear os grandes mestres da Capoeira Angola, incluindo-se aí o próprio Mestre Bimba (certo!?) e, por motivos especiais, o Sr. Antonio Conceição Moraes.

RIO, 26 de setembro de 1996

Observação: Este artigo valeu-me um violento protesto (fax sem timbre e sem assinatura) do "Di*retor do Departamento Nacional de Capoeira Angol*a (?)", de uma organização de capoeira que tem a pretensão de um, belo dia, passar a

controlar todos, absolutamente todos os tipos de capoeiragem, inclusive o "folclórico". O bravo diretor contestou o Senhor Cenésio para quem, segundo ele, mandara um convite formal para participar do evento ("muito embora entendesse que o Senhor Cenésio não representasse os verdadeiros interesses da Capoeira Angola"). Só uma acareação bem humorada poderá esclarecer o tal problema de comunicação; agora, quanto ao êxito deste "departamento nacional" e da própria organização nacional bastará avaliar os resultados práticos atuais e de um futuro próximo. Particularmente, há décadas, venho defendendo uma solução totalmente atípica (Plano Nacional para o Desenvolvimento Pleno da Arte Afro-Brasileira da Capoeiragem; um plano multidisciplinar e interdepartamental!)

MINISTRO PELÉ, OURO PRETO E O PNC

Tempos atrás, desassombradamente, o nosso Ministro Extraordinário de Esportes deu uma contundente entrevista sobre o negro na sociedade e, sobretudo, na vida pública. Com muita propriedade lembrou que a presença, quantitativamente, insignificante do negro na vida pública apresentava, pelo menos, um bom aspecto: total distanciamento das patologias administrativas - corrupção, malversação do dinheiro público, tráfego de influência etc - que rondam, diuturnamente, todos os governos do mundo.

Mesmo assim (e mais uma vez com toda razão) Pelé advogava uma maior presença do negro na vida pública brasileira; mesmo sabendo que, quanto maior a presença, maior o desafio, maior o risco de contaminação.

O que, certamente, nosso ministro não esperava, até pelo prestígio e o respeito que todo mundo tem ao seu nome, era solicitar uma auditoria para apurar possíveis irregularidades dentro do seu próprio ministério. Pois este é um dos principais assuntos da mídia, nesta semana, da coluna de Ancelmo Góis (Veja, 27.11.96) aos comentários de Boris Casoy (TV SBT).

Em princípio, toda a preocupação do Senhor Ministro parece girar em torno de convênios firmados pelo Instituto de Desenvolvimento do Esporte, INDESP, órgão subordinado ao Ministério Extraordinário de Esportes, sem licitação, com uma determinada empresa (Ouro Preto, segundo o jornalista Casoy).

O Senhor Ministro, certamente, já foi alertado sobre a possibilidade legal de tal conduta administrativa. Ou seja, em alguns casos, a licitação pode ser ignorada. E o caso em tela pode muito bem ser um bom exemplo desta excepcionalidade.

Mas, pode também não ser, daí a iniciativa de uma auditoria no INDESP.

O que nos leva ao Programa Nacional de Capoeira, PNC, uma organização não-governamental que vinha recebendo através do INDESP, até há bem pouco tempo, recursos públicos (dinheiro sofrido do cidadão-contribuinte). Como estou escrevendo um livro sobre o processo de institucionalização da arte afro-brasileira da capoeiragem, venho tentando, há anos, obter maiores informações sobre esta ONG. Escrevi para o gabinete do Ministro de Esportes, para a direção do INDESP e até para o próprio Programa Nacional de Capoeira. A todos pedindo, até agora, sem nenhum êxito, informações que deveriam estar disponíveis para todo e qualquer cidadão-contribuinte: montante do dinheiro público repassado, avaliação de resultados alcançados (custo/benefício sócio-cultural e esportivo).

Mesmo sabendo que sem tais informações meu livro sairia incompleto, já estava desistindo de obtê-las, quando sou surpreendido por um faxe enviado por uma das organizações nacionais de capoeira mais atuantes (pelo menos em termos de papelório) - "Ofício 022/96" - alertando sobre alguns "desmandos com o dinheiro público".

Não sei se a auditoria que está sendo aberta no INDESP, iniciativa altamente louvável do Senhor Ministro de Esportes, é geral ou específica para um determinado caso. Na segunda hipótese, acho recomendável que os recursos repassados para a organização não-governamental mencionada, também, sejam auditados. Não apenas em termos contábeis ou administrativistas (Direito Administrativo), mas, sobretudo, em termos gerenciais: serviços prestados à cultura brasileira. Ou seja, um controle de qualidade total como defende o Senhor Ministro de Administração, Bresser Pereira.

Não tenho dúvida que esta auditoria - de interesse, sobretudo, do próprio Programa Nacional de Capoeira - dará extraordinários subsídios para reorientar os gastos que estão sendo feitos nesta tão importante quanto fascinante área da cultura popular brasileira: a arte (marcial?) da capoeiragem. Proporcionando, inclusive, um relacionamento mais harmônico entre o INDESP e a FUNARTE, órgão responsável pelo melhor trabalho feito, nos últimos anos, em prol da capoeira.

RIO, 01 de dezembro de 1996

ANGOLA NA UNIVERSIDADE

Desta vez, surpreendentemente, a iniciativa coube a uma universidade brasileira. Ao contrário, portanto, do que aconteceu com o primeiro título de *doctor of humane letters* concedido a um mestre na arte brasileira da capoeiragem: Mestre João Grande teve que ir para os Estados Unidos, onde foi recebido de braços abertos e com um *green-card*, para ter o seu trabalho reconhecido, até em nível universitário!

Verdade é que vários encontros já estão sendo realizados, em circuitos universitários, nos Estados Unidos e na Europa, mas um curso específico de Capoeira Angola, este pioneirismo cabe à Universidade Estácio de Sá, do Rio de Janeiro. Pioneirismo que teve início no ano passado e, em face do êxito, o curso passou a fazer parte dos 700 cursos que a UNESA oferece, gratuitamente, durante as férias escolares regulamentares. Claro, trata-se de um curso de férias, sem pretensão de esgotar o assunto (aliás, inesgotável), daí a preocupação de passar para os alunos "apenas" uma noção básica dos infinitos e fascinantes segredos da Capoeira Angola. Mas, temos aí um bom começo e um bom exemplo para as demais universidades brasileiras.

Por oportuno, sugiro que a própria Estácio inclua, pelo menos parte deste curso, no documentário (vídeo) que está fazendo sobre o assunto. Tenho acompanhado o trabalho da equipe (jovem e talentosa) destacada para este trabalho e sei que a presente sugestão cairá em solo fértil.

Quem sabe o documentário, ainda a procura de um roteiro a sua altura, não tome o curso como espinha dorsal de sua mensagem sobre cultura popular brasileira?

Afinal, um documentário feito por uma universidade, além de entretenimento deve, também, provocar reflexões sócio-culturais. Daí as linhas gerais que sugeri, no início das filmagens:

- 1. Ênfase no fenômeno da institucionalização da capoeira;
- 2. Aspectos comerciais (luta pelo "mercado consumidor", comercialização dos "batizados" e dos cordéis, inflação de mestres, etc);
- 3. Riscos de descaracterização de sua tradição:
- 4. Importância fundamental da parte rítmica e cantada da capoeira;
- 5. Capoeira (Olímpica) no RIO 2004;
- 6. Perfil de alguns grandes mestres;
- 7. A "volta do mundo da capoeira" (crescente sucesso internacional); e
- 8. Exemplo de uma Roda de Capoeira completa (só com mestres).

A rigor, este tema - cultura popular brasileira, capoeira - está merecendo um projeto universitário de dimensões mais abrangentes. Por exemplo, um grande trabalho de pesquisa, cobrindo, praticamente, todas as áreas universitárias: história, filosofia, direito, administração, música, educação física, sociologia, comunicação, medicina...

O produto final - por que não? - bem que poderia ser um CD-ROM.

Com a palavra as universidades brasileiras, muito especialmente - e por motivos óbvios - as do Rio e as da Bahia. Antes que as universidades "lá de fora" lancem mão da idéia.

OS MARAJÁS DA CAPOEIRA

Discute-se muito, e com toda razão, o perfil ideal para um Estado Moderno.

Afinal, em plena Terceira Onda (Alvin e Heide Toffler!), não há outra alternativa senão a de reavaliar as funções do Estado e, por via de conseqüência, reestruturar os poderes, muito especialmente, o poder executivo. Uma nova estrutura "gerencial" deverá surgir, mais eficaz, menos paternalista e menos dispendiosa. Uma hierarquia mais rigorosa de gastos deverá ser definida. Não fará sentido, por exemplo, despender dinheiro público com programas de desporto de alto nível, enquanto as escolinhas públicas de alfabetização ou os hospitais públicos estão caindo aos pedaços. A menos que se queira contemplar interesses corporativos ligados ao ensino ou à saúde.

Por outro lado, ninguém jamais poderá negar, a importância de programas sócioesportivos, onde o Esporte não aparece como um fim em si mesmo, mas como poderoso instrumento auxiliar dos programas de educação, de saúde, de promoção social do cidadão brasileiro.

É aí que se encaixa a fascinante Arte Brasileira da Capoeiragem.

Tão fascinante e multifacetada que pode participar de vários orçamentos públicos; não apenas na área do Esporte, mas, também, nas áreas da Educação, da Saúde e, sobretudo, da Cultura.

Não é sem razão, portanto, que o melhor trabalho público realizado em prol da Capoeira, nos últimos anos, não foi feito pela área do esporte, mas pela área da Cultura. Estamos-nos referindo, mais precisamente, ao projeto "Bibliografia Folclórica, Capoeira: Fontes Multimídia" desenvolvido pelo Ministério da Cultura, através da FUNARTE. Aproveito para agradecer a cópia recebida - Bibliotecária Marisa Coinago Coelho, da Biblioteca Amadeu Amaral, e Antropólogo Raul Lody, Unidade de Pesquisa - aproveito, também, para enfatizar minha sugestão no sentido de dar uma ordem cronológica ao mencionado trabalho.

Não é de hoje, aliás, que a área da CULTURA vem apresentando maior sensibilidade para o assunto. Para provar tal afirmativa bastará consultar o extraordinário trabalho realizado pela então Campanha Nacional do Folclore, especialmente quando sob o comando do saudoso Professor Edison Carneiro.

Mas não se diga que o governo federal não tem, na área esportiva, preocupado-se, também, com a Capoeira. Do livro do Professor Inezil Penna Marinho (Subsídios para o Estudo a Metodologia do Treinamento da Capoeiragem, 1945) às recentes verbas repassadas, com grande ingenuidade, mas com boa intenção, para um "Programa Nacional de Capoeira", na realidade uma organização não-governamental, pelo menos para mim, muito misteriosa.

Há anos venho tentando alertar para os riscos deste mistério: falta de transparência, possível "ação entre amigos", "desserviço" à verdadeira arte popular da capoeira, desprezo pelo trabalho das verdadeiras lideranças capoeirísticas atuais, prestação de contas obscuras, resultados práticos duvidosos.

Curiosamente, minha preocupação começou quando tive um livro (na realidade, uma apostila cheia de erros) publicado por este Programa. Pelo menos uma pessoa, coresponsável pela publicação, acumulava várias posições: professor de educação física na administração pública, conselheiro do "Programa Nacional de Capoeira" e empresário e consultor na área esportiva. Pareceu-me exagerado, talvez até, para dizer o mínimo, pouco ético.

Muito embora, mesmo tendo pedido insistentemente, não tenha recebido sequer um exemplar dos demais livros e afins, publicados pelo PNC com dinheiro público (pelo menos em parte), acabei tendo acesso a algumas obras. Terríveis, pareciam ter apenas um objetivo: alimentar a vaidade de seus autores, um dos quais, pelo menos, conselheiro do Programa Nacional de Capoeira.

Já tinha desistido de insistir, quando abro os jornais e constato que o assunto, embutido num quadro técnico-burocrático mais complexo, assumiu proporções de escândalo. A ponto do próprio Ministro Extraordinário de Esportes não ter alternativa senão a de mandar abrir um inquérito, afastando de imediato 12 funcionários com forte suspei-ta de estarem ligados à malversação do dinheiro público. Checando os nomes, confirmo a presença de (pelo menos) dois conselheiros do intrigante Programa Nacional de Capoeira.

De parabéns, portanto, o administrador público Edson Arantes do Nascimento, que teve o desassombro de ordenar uma cirurgia delicada no seu próprio ministério. Sem dúvida, um bravo exemplo, pois o risco de corrupção ronda, diuturnamente, a administração pública do mundo, o que está faltando é exemplo como este.

Que o inquérito seja rigoroso, que os culpados, caso existam (<u>em tese, sempre haverá a possibilidade de estar havendo um grande e lamentável equívoco</u>), sejam exemplarmente punidos. Não apenas com a exoneração de cargos de confiança, continuando em seus respectivos cargos de carreira, mas sendo demitidos, também, destes, sem prejuízo de uma ação penal na justiça comum. Que o governo publique uma lista com os "serviços" que foram prestados, ao longo de sua controvertida existência, pelo Programa Nacional da Capoeira, pois as verdadeiras lideranças da capoeira, absolutamente perplexas com as notícias, querem saber, com todo direito, onde, como, quando e por quem foram gastos, em nome da Capoeira, o sofrido dinheiro público.

Caso se comprove algum tipo de improbidade, os culpados, seguramente, serão naturalmente expurgados do meio da Capoeira, criando-se assim, condições para que o INDESP promova uma grande mesa redonda, reunindo as verdadeiras lideranças que, finalmente, unidas darão preciosos subsídios para que o governo federal possa, aí sim, elaborar e executar um PLANO NACIONAL PARA O DESENVOLVIMENTO PLENO DA ARTE BRASILEIRA DA CAPOEIRAGEM.

CAPOEIRA: DO CND AO INDESP

Brigadeiro Jeronymo Bastos era um apaixonado, pela Aeronáutica e pelo esporte. Foi presidente do antigo Conselho Nacional de Desportos.

Certo dia, como assessor de capoeira, da Confederação Brasileira de Pugilismo, fui ao CND apresentar um plano nacional de ação para a "arte brasileira da capoeiragem".

Profundo conhecedor de administração esportiva e, para minha surpresa, profundo conhecedor da mandinga da Capoeira e, sobretudo, das idiossincrasias dos capoeiras, o Presidente do CND após uma realística observação - "cada mestre de capoeira tem a sua solução particular" - fez uma proposta-desafio: "una as lideranças em torno de sua proposta ou outra qualquer que represente o consenso e vocês poderão contar com o apoio deste Conselho".

Mais de duas décadas já se passaram, mas, espero estar errado, o quadro pintado pelo saudoso Brigadeiro Jeronymo Bastos continua prevalecendo.

Situação que poderá ser revertida a qualquer momento, bastando para isto que as lideranças cheguem a um acordo. Quanto mais depressa melhor, pois a Capoeira está ganhando o mundo, correndo o risco, portanto, de acabar sendo adotada por algum outro país.

Nesta luta, não caberá ao governo - federal, estadual ou municipal - assumir o comando, paternalizar a capoeira. Até porque o governo tem prioridades indiscutíveis como educação de base, saúde, saneamento básico, moradia, emprego etc. E o dinheiro público não está sobrando.

Por outro lado, um bom programa nacional de capoeira, sem sombra de dúvida, representará uma valiosa ajuda aos programas governamentais nas áreas (prioritárias) da Educação, da Saúde, do Desenvolvimento Comunitário. Valendo mencionar a importância da Capoeira como um dos segmentos mais fascinantes da cultura popular brasileira.

Ventos de Brasília trazem boas notícias: estudos preliminares com vistas a avaliar a possibilidade de êxito de um Encontro Nacional da Arte brasileira da Capoeiragem. Uma espécie de mesa redonda, reunindo as lideranças, formais e informais, da Capoeira, com a finalidade de discutir, definir e realizar um trabalho conjunto - capoeiristas, governos e setor privado.

Participei de vários "encontros" deste tipo, continuo otimista, mas aproveito para alertar para o risco de uma armadilha tradicional.

A armadilha dos "Primeiros Encontros". Já participei de vários "primeiros encontros", inclusive um, em Nova York, jamais participei de "segundos encontros". A explicação para o fenômeno é simples e óbvia, pois nenhum "encontro" gera resultados institucionais ou práticos, é o "encontro" pelo "encontro", na realidade todo "encontro" (ou seminário, ou congresso, ou reunião, ou oficina) não passa de uma grande (e fascinante) roda de capoeira. Fazer um "segundo encontro" significa, de plano, resumir os resultados alcançados pelo encontro anterior. Ocorre que tais encontros jamais resultam em alguma coisa.

Como eliminar este risco?

Muito simples, tudo que o governo terá que fazer é, detectada as principais lideranças atuais da Capoeira, solicitar a todas elas, um estudo preliminar sobre o tema: "Sugestões para um Plano Nacional de Desenvolvimento Pleno da Arte Brasileira da Capoeiragem".

Claro, acompanhando o trabalho, cada líder interessado, cada mestre interessado, cada instituição interessada, deverá anexar seu *curriculum vitae* (ou relatórios anuais), bem como, sugestões claras, concretas e objetivas sobre problemas específicos como:

1. Profusão de cordéis, cordas, cordões e fitas, como equacionar o assunto (ou será melhor deixar como está?);

- 2. Uma Confederação Brasileira de Capoeira, mesmo funcionando plenamente, terá condição de contemplar toda a rigueza da capoeira?
- 3. Em caso de resposta negativa (item anterior), qual seria a melhor solução para este processo de institucionalização deplorável, mas inevitável da Capoeira?
- 4. Será aconselhável colocar uma camisa-de-força, também, na extraordinária Capoeira Angola?
- 5. E o componente "negritude", por que não estudá-lo mais a fundo? O fenômeno do "blue note", por exemplo, pode ser encontrado, sem sombra de dúvida, no canto de alguns capoeiras.

Não, não estamos propondo que cada mestre apresente uma tese doutoral.

Mas, claro está, a fase infanto-juvenil está terminando, as lideranças atuais podem e devem buscar apoio em várias outras áreas. Da visão sociológica para o fenômeno, até a utilização plena de recursos de audiovisual e da informática. O "trabalho-de-casa preliminar" que estamos propondo deverá ser apresentado em forma de vídeo, através de *slides* ou em forma de CD-ROM.

Por que, não?

Certo, alguns perguntarão: "e quanto ao grande mestre, ao velho mestre, sem cultura acadêmica, sem recursos, mas com uma grande sabedoria para oferecer ao Encontro?".

Impossível discordar, tais mestres não podem ficar de fora; mas, também, para este impasse, há diversas soluções alternativas. Aqui no Rio, por exemplo, os mesmos especialistas que realizaram o importante projeto "Capoeira: Fontes Multimídia" (FUNARTE), poderiam receber a incumbência de assessorar as contribuições dessa gente. Da mesma forma toda a rede da Universidade Federal. Para não mencionar, por falta de espaço, o importante papel que a mídia geral, certamente, aceitará desempenhar.

Uma coisa é certa, se este "dever-de-casa" for bem feito, o governo terá um bom argumento para destinar algum dinheiro público na realização de um Encontro Nacional. Que será, não tenho dúvida, uma reunião histórica, democrática, ecumênica, um verdadeiro gol de placa.

Rosário do Catete, o IBAM e a Capoeira

Do economista Antônio Lisboa Alves - profissional competente e extraordinária figura humana - recém-empossado como secretário municipal da Prefeitura de Rosário do Catete, em Sergipe, recebo uma carta solicitando o "máximo de informações sobre o Instituto Brasileiro de Administração Municipal, IBAM", onde tive o prazer e a honra de trabalhar durante alguns anos.

O PROCESSO DE INSTITUCIONALIZAÇÃO DA CAPOEIRA Seminário

RIO, de 7 a 8 de dezembro de 1974

Auditório do Instituto Brasileiro de Administração Municipal

Rua Visconde Silva nº 157, Humaita

CONSELHO NACIONAL DE DESPORTOS

Patrocínio

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE PUGILISMO Programação

DEPARTAMENTO ESPECIAL DE CAPOEIRA Planejamento e Coordenação

Aproveitando o "pretexto", fiz uma visita ao IBAM - o que todos governos municipais deveriam fazer - revi velhos amigos e garimpei preciosas informações técnicas - Manual do Prefeito, de Comunicação etc - para a prefeitura sergipana.

Além de usufruir a tradicional fidalquia ibaneana, fui surpreendido com uma nova frente de atividades. Através da Associação de Funcionários, o IBAM tem, agora, um curso de capoeira para seu quadro de pessoal. Não é uma idéia nova, como bem salientou, em meu favor, a brilhante administradora Mara Darcy Biasi Ferreira Pinto, pois em 1974, no mesmo auditório do IBAM, promovi o I Festival de Uma Corda Só e, o IBAM, através de sua Revista de Administração Municipal (RAM nº. 185,) publicava, em out/dez/87, resumo do meu trabalho "Plano Municipal Sócio-Esportivo, subsídios", onde, às páginas tantas, eu defendia a prática da capoeira em escolas municipais estratégicas (centros de irradiação, áreas pólo). Detalhe que, obviamente, não tira o mérito do Sr. Severino Andrade, chefe do setor de expedição e presidente da mencionada associação.

AGENDA

07.12 - sabado - 08:00 Saudação de Abertura General Eurico de Andrade ves Filho Presidente da Confederação Bra sileira de Pugilismo; Breves considerações sobre Jogo-Luta Capoeira e a Confederação Brasileira de Pugilis-Dr. Edison Freire Jordão Assessor da Presidência da C.B.P. 08:30 Explanação sobre a estrutura finalidade do Seminário, apresentação dos participantes, sor teio da ordem de apresentação das delegações, instruções para as apresentações individuais,de cisões diversas sobre a participação dos observadores ciais Prof. André Luiz Lacé Lopez Coordenador do Seminário 09:30 "Capoeira - uma visão nacional" Assessor do Departamento Especial de Capoeira, da C.B.P. 11:30 Almoço 14:30 "A Capoeira e a Reforma da Administração do Esporte Amador" Dr. Nelson Mello e Souza Assessor Especial do Ministro de Educação para Assuntos Esporte.

Como não poderia deixar de ser, a primeira visita provocou uma segunda, especificamente para assistir a uma aula de capoeira (após o expediente, aproveitando uma das áreas disponíveis do complexo do auditório). O curso está sob a responsabilidade do jovem Rafael Rodrigues Cunha, cordel roxo, mais conhecido como Mindinho nos meios da capoeira, especialmente no Grupo Capoeira Brasil (Mestre Boneco), do qual faz parte. Assisti à parte final da aula e tive uma longa e surpreendente conversa com o Sr. Rafael. Para começar, em praticamente todos os meus artigos, concentro minha atenção no que venho chamando de "processo de institucionalização - lamentável, mas inexorável - da capoeira"; ou seja, procuro sempre lembrar algumas datas históricas e a importância da capoeira praticada no Rio de Janeiro, procuro lembrar a importância de estudos como o livro de

Professor Inezil Penna Marinho (Subsídios para o Estudo da Metodologia do Treinamento da Capo-eiragem, 1945) ou livro de Annibal Burlamaqui, Zuma - ("Gymnastica Nacional - Capoeiragem, methodisada e regrada", 1928), procuro lembrar Juca Reis, Manduca da Praia, Ciríaco, Camisa Preta, o saudoso Sinhozinho de Ipanema, Rudolf Hermanny, a época de ouro da capoeira do subúrbio do Rio, o quase milagre do ressurgimento da capoeira angola (a nível mundial) etc. Reservo pouco espaço, portanto, para a Capoeira Regional e seus desdobramentos - Grupo Senzala, Grupo ABADÁ, Grupo Brasil, Grupo Muzenza etc. - pois entendo que esta corrente é muito forte, especialmente em termos sócio-econômicos, podendo escrever - e muito bem - seus próprios artigos e livros.

Para minha surpresa, entretanto, recebi do Sr. Rafael Cunha, informações e esclarecimentos preciosos, de interesse jornalístico e para qualquer estudioso de capoeira. Gostei de como ele descreveu, minuciosamente, o talentoso jogo de dois grandes mestres. Pois virou coisa rara uma "volta do mundo" de antologia, demorada e magistralmente (não confundir com "teatralmente") mandingueira; anotei quando o cordel roxo Mindinho mencionou, elogiosamente, o nome do capoeirista Espirro-Mirim: "é lá, em Fortaleza, onde se está praticando uma excelente capoeira, Espirro é presença obrigatória em toda boa roda". Ora, todo esporte, toda arte, toda profissão tem os seus campeões, a capoeira também, mas estão um pouco escondidos por detrás da cartolice e da vaidade de alguns "mestres" e "cartolas". Gostaria muito de ver este capoeirista cearense jogando, quem não gostaria?

Outro ponto relevante da conversa foi a importância e, ao mesmo tempo, os riscos de um "Encontro Nacional" com vistas a unir as lideranças, aparar algumas arestas e partir para soluções de consenso (que não descaracterizem a capoeira). Por uma feliz coincidência, o governo federal está sensível a um projeto destes, mas, sem paternalismos. O que significa que um pré-requisito para o pleno êxito de uma grande mesa redonda nacional será a apresentação, antecipada, por parte de todos os participantes em potencial, de uma proposta objetiva e concreta de união geral. Sem isto, qualquer encontro, copatrocinado pelo governo ou não, será mera perda de tempo e dinheiro, na melhor das hipóteses será apenas uma grande roda de confraternização duvidosa.

Resumindo e terminando, talvez esteja surgindo aí o embrião de um grande projeto reunindo as lideranças da capoeira, o governo federal (INDESP!), demais governos interessados. Parcerias no setor privado e, certamente, o Instituto Brasileiro de Administração Municipal. Por exemplo, um Segundo Encontro Nacional sobre o Processo de Institucionalização da Capoeira (tenho o Primeiro, totalmente gravado)!

RIO, 12 de janeiro de 1997

MANDUCA DA PRAIA EM CD-ROM

Assisti, finalmente, ao CD-ROM "demo" produzido, com certa genialidade, por três especialistas em informática. O trabalho definitivo, caso realmente venha a público, será, seguramente, um marco na história da comunicação da Capoeira.

Para o seu total sucesso, restam apenas dois desafios: 1. Definir um mecanismo de comercialização e 2. Definir um roteiro "ecumênico" para o revolucionário CD-ROM. Ou seja, que o trabalho não fique limitado, às vezes até por razões comerciais mal equacionadas, a este ou aquele segmento desta tão fascinante quanto multifacetada arte brasileira da capoeiragem.

Em relação ao primeiro desafio, além do setor privado, acredito que seja aconselhável tentar, também, as três esferas governamentais. Começando pelo recém-empossado governo da Cidade do Rio de Janeiro, cujo secretário municipal de esportes, pelos jornais, tem demonstrado grande sensibilidade em relação ao casamento do esporte com a cultura. Da mesma forma os governos Estadual do Rio de Janeiro e Federal, sendo as recentes inaugurações das vilas olímpicas na baixada fluminense um bom exemplo (a capoeira, futura "modalidade olímpica", estará incluída nas programações dessas vilas?) de vontade política.

Quanto ao segundo desafio, será importante contemplar os principais aspectos da História da Capoeira, da África à sua recente invasão nos Estados Unidos e Europa, passando - é claro - pelo Rio de Janeiro, pela sempre fascinante Bahia e pelo bravo Pernambuco (Nascimento Grande, João Sabe-tudo e outros...). De fora, por exemplo, não poderá ficar a dramatização de uma das mais curiosas passagens do livro "O Rio de Janeiro do meu Tempo", de Edmundo Lins (1938). Em recente projeto (vídeo), apresentado a uma universidade do RJ, sugeri esta dramatização e dois nomes - Mestre Damionor Mendonça e Mestre Mintirinha (Luiz Américo da Silva) - todos dois extraordinários no papel:

Intróito: "Chega as 7 da manhã no cortiço, Manduca da Praia, vindo da "teorga", para dormir. Ronca até muito depois do meio-dia. Come, veste-se e vai embora. Quando ele parte, maneiroso e gentil, cantarolando, alegre, o "pinho" entre os dedos, saudando os conhecidos do cortiço - Bá tarde! - muito orgulhoso das suas calças brancas, da sua bipartida gaforinha, há um movimento de admiração que o envolve e o acaricia. Gabam-lhe a voz, o violão, o bom corte do terno, feito na Tesoura de Prata à rua da Saúde. Por vezes, dando-se à importância, pára conservando no pátio da estalagem, ora com um, ora com outro. Fala em gíria carioca num estilo vivaz, cheio de imagens imprevistas:

Mintirinha: - "Saía eu, onte de tardinha, do chatô para ir ao chôro do Madruga, no Agrião, quando risca na minha frente um cujo meio sarará e que eu me recordei de haver estragado num dia de festa no arraial da Penha, por motivo de Ermelinda, que então vivia comigo. O cabra vinha zarro para tirar sua desforra e fazer sua deferença. Não dei tempo ao bruto de comparecer com os argumentos. Sacudi longe o pinho e, sem tomar aragem, dansei de velho e fui, logo, cascando o quengo na caixa de catarro do bruto, que ele teve que ir barra a fora, vestido de fato inteiro, indo acomodar os ossos na limpeza da calçada. Virou cobra e cresceu para mim, de novo. Fiz uma figuração. Mergulhei. Foi quando lhe senti, nos dedos o brilho da sardinha. Ele que queria era me cortá! Engoli barriga. Cocei-me achando logo a ferramenta, levantei o rabo do corte e pus-me de guarda à espera do avanço...

Mendonça: "Veio de cadeira. Marombei, calcei o bicho. Não caiu. Aí, sem abusar do ferro, mandei-lhe um baiano só de lambuja, na altura da bomba do respiro. Pois não é que quase matei o home?! Caiu de borco. E quando eu lhe perguntei: - Então? Seu Jagodes, você esconfiou"? Encolheu de caramaujo e sortou a cusparada ". "Olvidei a ofensa e disse pra ele: - Não dou em home deitado. Se você não agüenta o tranco diga, que eu vou me embora. Cuspiu de novo. Vi sangue. Vôte! É quando pega ajuntá gente. E uns geitos de "não

pode". Depois, meganha. Fui saindo de barriga e, quando o grilo estrilou, abri o arco e caí no mundo. Na minha meia hora vou longe, que eu sou do povo da lira e tenho o corpo fechado".

RIO, 23 de fevereiro de 1997

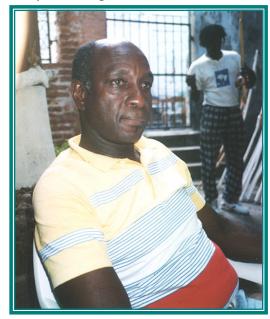
ICB, CAPOEIRA E A MANSÃO DO CAMINHO

Há um acordo de reciprocidade entre o Iate Clube do Rio de Janeiro e o da Bahia (ICB). O acordo não inclui, certamente, a utilização abusiva do computador, da impressora e do faxe; graças, entretanto, à tradicional generosidade baiana, especialmente do Sr. Antonio Fernandes Neto, gerente geral do Iate Clube da Bahia, estou enviando, diretamente de Salvador, este pequeno artigo, quase uma crônica.

Vim para ver Capoeira, a rica e boa capoeira que a Bahia sempre apresenta a quem sabe procurar. Vi mais do que isto vi o bom trabalho do Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural da Bahia (IPAC), do Instituto Mauá, do Centro de Estudos Afro-Orientais, da Universidade Federal da Bahia, vi mestres e estudiosos abrindo mão de parte do prestigio pessoal e passando a apoiar a emergente e promissora Associação Brasileira de Capoeira Angola, vi o excelente trabalho da Fundação Mestre Bimba, em suma, vi, ainda estou vendo, o que a Bahia tem de melhor em matéria de capoeira. Assunto, não apenas para um artigo, mas para um livro de muitas páginas e fotos. O que não invalida este pequeno relato, onde destaco uma das muitas visitas programadas e uma, aparentemente, não programada.

Das visitas programadas, será impossível não destacar os contatos que estou mantendo com a diretoria da Associação Brasileira de Capoeira Angola, instalada, finalmente,

em generoso espaço na histórica e encantada área do Pelourinho (palmas para a Bahia, especialmente para o IPAC). Em um desses contatos, assisti a uma Roda de Capoeira inesquecível: toda a Diretoria do ABCA estava lá, o presidente do conselho diretor, Mestre Barba Branca (Sr. Gilberto Reis F. Santos Filho) estava lá, o presidente do conselho deliberativo, Mestre Gildo Alfinete (Senhor Gildo Lemos Couto) estava lá, meu velho conhecido, Sr. Rodrigues Ferreira do Rosário, o extraordinário Mestre Lord Bom Cabrito (foto) estava lá; Mestres Mala, Dois de Ouro e Pelé (muito bom em samba de roda) estavam lá; os alunos do Ilê Opô Afonjá, do terreiro de Mãe Estela estavam lá; o grupo de Capoeira Angola Cultural Aculpe de Brotas (Mestre Marron) estava lá; o capoeirista Franco Paulista (extraordinário) estava lá...



Noite para não esquecer, exatamente como a visita não programada ao Senhor Divaldo Franco, na Mansão do Caminho, no distante (sei que isto é relativo) bairro de Pau de Lima. Distante, mas, mesmo assim, uma visita de suma importância espiritual. Por sorte, vejo agora, foi onde fiquei hospedado, em minha primeira viagem a Salvador, longas décadas atrás. Já naquela época, pesquisando sobre a nossa brasileira e fascinante arte da capoeiragem.

Para ser franco, não sei se esta minha visita à Mansão do Caminho foi tão acidental assim.

O PELOURINHO E A LEI ZICO

Enquanto muitos ainda não entenderam ou não estão querendo entender, o famoso Pelourinho, em Salvador, Bahia, já está aplicando, mandingueiramente, a Lei Zico. A idéia da lei, como todo desportista sabe, é possibilitar uma saudável competição, também, em nível de gerência do esporte. Ou seja, a partir da chamada Lei Zico, cada esporte não precisa ficar limitado a uma só federação, nem mesmo a uma só confederação. Nada impede, agora, que coexistam, pacificamente, mais de uma representação para um mesmo esporte.

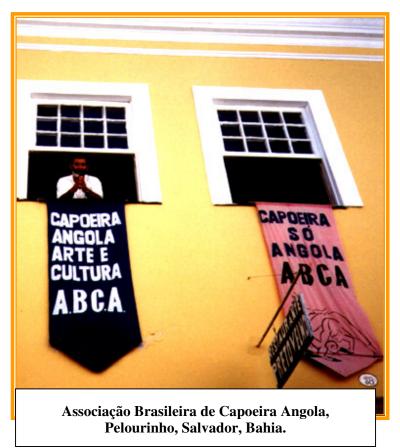
O que ninguém poderia esperar é o que está acontecendo: o primeiro esporte a utilizar esta lei, inconscientemente que seja, curiosamente, nem esporte olímpico ainda é. Estamos-nos referindo à fascinante arte afro-brasileira da capoeiragem que um dia, seguramente, estará nas Olimpíadas. Não, simplesmente, como mais uma luta marcial, nem mesmo, como mais uma modalidade de esporte, entrará, isto sim, criando uma nova categoria, a altura de todo o seu fascínio de sua forma tão multifacetada. Neste dia, todos entenderão, com extrema facilidade, que a Capoeira encerra, muito mais do que todos os esportes olímpicos juntos, a essência dos ideais de Barão de Coubertin ("O importante não é vencer, é competir").

Tivesse o Senhor Barão conhecido a capoeira, teria cunhado uma frase muito

mais completa: "o importante não é vencer, é, simplesmente, dar uma "volta do mundo".

Mas, voltemos ao tema-básico. E, nos apressamos a adiantar que não vamos dissecar a coexistência das duas "federações" de capoeiras do Rio de Janeiro; vamos sim, mostrar as soluções que a Bahia está encontrando para processo - lamentável, mas inexorável institucionalização da capoeira. Sem dúvida, um belo exemplo para o Rio de Janeiro e para os demais estados.

Tivesse o Instituto do Patrimônio, Artístico e Cultural da Bahia, IPAC, uma visão meramente burocrática, míope, pouco criativa e pouco generosa, poderia não ceder ou destinar apenas um pequeno espaço para a prática e



demonstração da Capoeira. Afinal, em que pese o fascínio da capoeira, a Bahia tem muito mais coisa para apresentar e encantar a todo mundo. Sábiamente, entretanto, percebendo o sucesso internacional, crescente, do nosso jogo-luta de mandinga, o IPAC destinou para ele, não apenas um, mais vários bons espaços. E que vença o melhor, o mais capaz, em termos de talento capoeirístico e, também, o que é muito importante, em termos de talento gerencial. Atualmente, no Pelourinho, vamos encontrar da recém- inaugurada Associação

Brasileira de Capoeira Angola à velha academia de Mestre Bimba, atualmente sob a responsabilidade de Mestre Bamba, passando pela Escola de Capoeira Angola Irmãos Gêmeos de Mestre Curió, pela Escola Municipal Mestre Pastinha que, obviamente, também, ensina capoeira, e pela Fundação Mestre Bimba que, a qualquer momento deverá assumir seu espaço na área.

E que vença, relevem a repetição, o melhor trabalho!

Ou melhor, que vençam todos, pois todos merecem vencer. Uns pelo carisma do mestre principal, como é o caso de Mestre Curió, outro pela capacidade de realizar um esforço conjunto, como é o caso da ABCA e da Fundação Mestre Bimba. Valendo lembrar que todos esses esforços, dentro da área encantada do Pelourinho, estão recebendo um natural apoio de algumas dezenas de excelentes mestres e estudiosos espalhados por toda Salvador e por toda a Bahia. Desses, merecendo especial destaque, o Grande Mestre João Pequeno, no Largo de Santo Antônio Além do Carmo (antiga Casa de Detenção) ou na roda dentro de sua casa, em Fazenda Couto.

RIO, 9 de fevereiro de 1997

BARBA BRANCA E SINHOZINHO

O Sr. Gilberto Reis Santos Filho, Mestre Barba Branca, é presidente do Conselho Diretor da Associação Brasileira de Capoeira Angola, ABCA, organização promissora, que está-se instalando na área mágica do Pelourinho, em Salvador. Mês passado, aproveitando uma rápida viagem à Bahia, trocamos algumas idéias. Atencioso e ponderado, Mestre Barba Branca demonstrou interesse em conhecer mais a fundo a História da Capoeira do Rio Antigo. Recomendei, então, alguns escritores - historiadores, romancistas, antropólogos etc - e, sobretudo o livro de Inezil Penna Marinho (Subsídios para o Estudo da Metodologia do Treinamento da Capoeiragem, 1946) e o de Carlos Eugênio Soares, publicado mais recentemente, (A Negregada Instituição, os capoeiras no Rio de Janeiro).

Em função do meu próximo livro, entretanto, folheando precioso material gentilmente cedido pelo Professor Rudolf Hermanny, percebi que poderia, de maneira resumida e

imediata, oferecer mais alguns subsídios para o futuro Centro de Memória da Capoeira da ABCA. Estoume referindo, muito especialmente, ao extraordinário Agenor Sampaio (foto), Sinhozinho, uma das figuras mais queridas e respeitadas, longas e décadas saudosas particularmente no Morro de Santo Antônio (que já não existe) e na Zona Sul do RIO. Melhor do que tentar um resumo do material mencionado será, pura e simplesmente, pincar transcrever algumas de suas partes:

1. "Agenor Sampaio (Sinhozinho) o grande animador da mocidade brasileira sportiva, fala ao DIARIO DE NOTÍCIA - Club Nacional de Gymnastica (Capoeira): uma grande promessa. Rio, 01 de setembro de 1931"



- "É tamanho o prestigio de Agenor Sampaio na roda de veteranos e tão grande a sua ascendência sobre uma grande parte de nossos actuaes athletas, que já correm as histórias mais curiosas a respeito do consagrado campeão".
- "Há muito tempo que ensino a capoeiragem ou luta brasileira. Fazia-o, gratuitamente, a um regular número de rapazes, numa grande área da minha residência. A benéfica campanha desenvolvida pelo DIÁRIO DE NOTÍCIAS em favor do reerguimento daquella luta, animoume. Os meus alumnos argumentaram, de maneira que me vi forçado a obter um local onde me fosse possível attender a todos. Daí minha decisão de criar o Club Nacional de Gymnastica, que se acha, provisoriamente instalado à Rua do Rosário n. 183, 2do andar. Com o apoio da Imprensa, espero ver a luta brasileira bastante disseminada nesta capital, dentro de pouco tempo. Vou organizar um torneio entre todos os meus discípulos, cujas bases se encontram em elaboração".
- 2. Boletim Oficial da Associação Atlética Agenor Sampaio (texto escrito por Eloy Dutra. 1946).
- "Se perguntarmos a vários habitantes do Rio de Janeiro quem é Alexander Fleming, muitos talvez ignorem quem seja o famoso cientista inglês. Se, no entanto, perguntarmos a

estas mesmas pessoas se conhecem Agenor Sampaio, um O! aberto será a indefectível resposta. Realmente não há quem não conheça Sinhozinho. Chega-se a ter a impressão que o nosso balzaquiano Sinhô existe desde a época de Tomé de Souza, primeiro governador geral do Brasil e, possivelmente seu ex-aluno. A figura do popular atleta é impressionante. De constituição física invulgar, Sinhozinho é um desses homens que além de ser atleta tem o dom de criar atletas".

- 3. "Agenor Sampaio, o popular Sinhozinho lança um desafio aos pupilos do professor Bimba" (Gazeta Esportiva, 1948). Observação: em função do desafio foram realizadas duas lutas, os alunos de Sinhozinho Luiz Ciranda e Rudolf Hermanny) venceram as duas.
- 4. Sinhozinho de Ipanema (Diário de Notícias, 1962, artigo escrito pelo próprio Hermanny)
- "Sinhozinho foi um dos pioneiros da cultura física e dos desportos no Rio de Janeiro, tendo também, paradoxalmente, sido um grande boêmio do início deste século. Suas proezas de força e destreza formam lenda na história desta cidade e ainda estão vivos muitos dos que o acompanharam nas noitadas que intranquilizavam as noites cariocas de então. Bororó, Antenor da Praia, Lincoln, Zenha, Silvio Pessoa, Beijoca, Elite são apenas alguns dos nomes que frequentemente surgiam em suas narrativas participando de situações incríveis. Nascido em Santos, do que muito se orgulhava, cantava as glórias de São Paulo, mas ninquém o arrredava do Rio".
- 5. "O velho Sinhozinho", do livro *RIO, para não chorar*! de Sérgio Pettezzone: "E, finalmente, uma do velho presenciada pelo meu mano Carlos Alberto, o Belisquete".

Estavam os dois em um ônibus, em direção à Academia de Sinhô. Conversavam calmamente quando no banco da frente um cara puxou e acendeu, com a maior tranquilidade, um cigarro. Longas tragadas e fumaça para todo o lado. Os passageiros começaram a abrir as cuas innelas, pois a fumaça já começava a irritar. Sinhozinho, irrequieto já pão tipha posição

suas janelas, pois a fumaça já começava a irritar. Sinhozinho, irrequieto já não tinha posição em seu assento. Em dado momento levanta-se por trás do fumante e lhe pede um cigarro. O fulano, louco para ganhar um companheiro fumante, solidário em suas tragadas, oferece o maço ao velhinho amável.

Sinhozinho pega o maço, quase cheio, amassa-o entre os dedos (ele ficou famoso quando matou, com um soco, um jegue que fora atropelado no Arpoador e jazia sofrendo no asfalto quente) e diz baixinho para o já apavorado cidadão:

- Vai fumar na casa do cacete (ou similar...).

Sentou-se e continuo a conversa como se nada tivesse acontecido".

Embora muito rapidamente, tive, também, a honra de conhecer Sinhozinho. Ensinava uma capoeira realmente violenta, através de um treinamento extremamente criativo e sem utilizar o Berimbau. Certamente por esta razão, não existe nenhuma ladainha cantando seus feitos. Para conhecê-los, meu caro Mestre Barba Branca, não bastará uma biblioteca **regional**, há que se mergulhar na Biblioteca Nacional (RIO).

RIO. 26 de fevereiro de 1997

O MARCHANTE SARADO

O capoeirista Iram Custódio Magalhães, de passagem pelo Brasil, está garimpando informações sobre a Capoeira no Rio Antigo. Iram, juntamente com a mulher, jornalista Ana Lúcia, publica, na França, o Jornal "ÏÊ", e preside a Association Brésilienne de Capoeira. Combinamos, para este domingo, uma conversa, para qual tomei a liberdade de convidar mais três mestres, Artur Emídio de Oliveira, Edvaldo Baiano e Rui Henrique. O segundo, acompanhado de sua contramestre China, e o terceiro, acompanhado da capoeirista Julia que está, mandingueiramente, costurando um interessante projeto (I Torneio Feminino de Capoeira). Por uma feliz coincidência, sábado passado, recebi das mãos generosas do jornalista Fichel Davit Chargel, uma série de fotos raras do famoso Moleque Ciríaco (1909) e um exemplar da Revista KOSMOS (outra raridade: março de 1906!), com um artigo de Lima Campos sobre a Capoeira de então.

Entremeando o artigo, ilustrado genialmente por Calixto Cordeiro, Lima Campos reproduz o linguajar típico de um capoeira da época. Um monólogo que lembra muito o famoso recitativo de Manduca da Praia (do livro No Tempo dos Vice-Reis, de Edmundo Lins) que serviu de base para um outro artigo publicado, recentemente, pelo Jornal dos Sports.



Figura 1: "Assuntando"

Typos e uniformes dos antigos Nagoas e Guaymús sendo os principaes distinctivos dos primeiros cinta com cores branca sobre a encarnada e chapéo de aba batida para frente e dos segundos com cores encarnadas sobre a branca e chapéo de aba elevada na frente.

Vale a pena fazer uma comparação, como valerá, também, reproduzir a ilustração inicial de Calixto Cordeiro - Nagoas e Guaymús (Figura 1); e a descrição que Lima Campos, em rápidas pinceladas, fez dos dois tipos de capoeira:

Vamos, agora, ao famoso e realmente curioso monólogo:

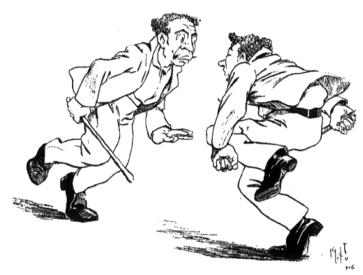


Figura 2: A Peneiração

"Não te conto nada seu compadre! O samba esteve cuéréréca. No fim é que houve uma churumella de escacha. O Cara Queimada estava de sorte com a Quinota quando o marchante chegou. Ih! seu camarada! Foi um estrompício!

O <u>marchante era sarado</u>, foi logo encaroçando a joça. Eu tive que entrar com o meu jogo, sim, tu sabes, que não vou nisso, e ali eu estava separado, não havia cara que me levasse vantagem. Quando a coisa estava preta eu fui ver como era p'ra contar como foi (comentário da coluna: frase fabulosa, coisa de capoeira de fato).

Com pouco vi um cabra <u>peneirando</u> na minha frente, dancei de velho, o typo era bom! Sambou e entrou no cateretê commigo...

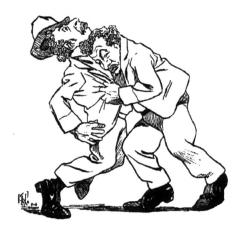


Figura 3 - A Cocada

Fiz duas chamadas nos materiaes rodantes, de uma palma, sempre com os mirones grelados no mecco, o cabra não leu... fiz um figuração por cima para o bruto fugir com o carão, e grampeei o individuo. Chamei o cabra na chincha, levei a caveira de lado, e fui buscar o machinismo mastigante do poeta (cocada).

O cabra engolio a lingua, damnou-se, não perdeu a scisma, ganhou tento e compareceu de novo... Não fiz questão do preço da banha.



Figura 4: O Calço ou a Rasteira

...Cahi no bahiano rente à poeira, e lasquei-lhe um rabo de raia que o marreco voôu na alegria do tombo, indo amarrotar a tampa do juizo n'uma canastra, e ahi, gritei: - Entra negrada! O turuna enfeitou-se outra vez...Oh! cabra catuba!



Figura 5: A Lamparina

Grimpei, perdi a estribeira, cocei-me, dei de mão na barbeira e...ia sapecar-lhe um rabo de gallo quando o cabra cascou-me uma <u>lamparina</u> que eu vi vermelho!

Figura 6: Meter o Andante



Ahi não conversei, grudei na parede, escorei o tronco, e <u>meti-lhe o andante</u> na caixa da comida. O dréco bispando que eu não era pecco, chamou na cannela que si bem corre, está muito longe...

Eu voltei p'ro samba gargateando:

- Meu Deus que noite sonorosa!

RIO, 16 de março de 1997

ORAÇÃO DA CAPOEIRA

Uma preciosidade, com versões esmeradas para o francês, inglês e espanhol. Quanto mais mergulho no passado da capoeira, mais impressionado fico com os estudiosos

de algumas décadas atrás. O autor (Oração), professor Inezil Penna Marinho, além de sólida e diversificada formação universitária, possuía, sem dúvida alguma, uma sensibilidade extraordinária para entender a cultura popular brasileira. Daí a excelência dos estudos que deixou a respeito especial-mente sobre uma Ginástica Nacional Brasileira, toda fundamentada na Capoeira.

Uma visão nacionalista, mas sem perder de vista o potencial da capoeira em termos de "volta do mundo". Não tenho dúvida, um



belo dia, veremos, não apenas o Brasil, mas todo mundo, em conjunto, talvez até numa olimpíada, rezando a Oração da Capoeira. Vamos a ela, primeiro em português, depois, nas demais línguas:

- 1. "Sinto que das profundezas de meu ser brota um novo anseio de expressão corporal, como se minh'alma se libertasse de séculos de opressão! Não mais serei obrigado a repetir gestos típicos da manifestação cultural de outros povos distantes! Eu consegui me libertar daqueles ritmos que me atormentavam, descompassando meus movimentos, sufocando a sensibilidade musical de meus ancestrais! Eu me encontrei finalmente com o meu próprio ritmo, graças ao qual eu me libero de atávicas repressões e posso exprimir meus sentimentos, minhas esperanças, minhas idéias, minhas quimeras, meus ideais! Agora eu sou livre! Respeito a ginástica de todos os povos do mundo, mas necessito, desejo e quero realizar a minha própria ginástica a GINÁSTICA BRASILEIRA"!
- 2. "From de inner depths of my being arises a new craving for corporal expression, as if my soul had escaped from centuries of oppression. I shall no longer be compelled to repeat the typical gestures of cultural affirmation of other nations. I have succeeded in freeing myself from those rhythms that obsessed me, up set the balance of my movements, and suppressed the musicality of my forebears. At last I became aware of my own rhythm, which helped me cast off age-old inhibitions and allowed me to give free rein to my feelings, hopes, thoughts, and ideals! Now I am free! I profoundly respect the physical culture of other nations, but I need, want, and must perform my own the BRAZILIAN GYMNASTICS"!
- 3. "Je sens que dans les profundeurs de mon être jaillit un nouveau désir d'expression culturelle, como si, par hasard, mon âme se libertait des siècles d'opression!

Je ne serais plus obligé de répéter des gestes typiques de la manifestation d'autres peuples lointains! J'ai reussi me délivrer des rythmes que me tourmentaient, que déréglaient mes mouvements, étouffant la sensibilité musicale de mes ancêtres! Je me suis rencontré, finalement, avec mon vraie rythme, grâce auquel je me libère des répressions ataviques et grâce auquel je peux exprimer mes sentiments, mes espoirs, mês idées, mês chiméres, mês ideau Maintenant, je suis libre!

J'eprouve un grand respect pour la gymnastique de tous les peuples du monde, mais, évidemment, j'aí besoin et je tiens à réaliser ma gymnastique, c'est-à-dire, la GYMNASTIQUE BRÈSILIENNE"!

4. "Siento que de lo más profundo de mi ser brota un nuevo deseo de expresión corporal, como si mi alma se libertase de siglos de opresión! No seré más obligado a repetir gestos típicos de manifestaciones culturales de otros pueblos distantes! Yá consegui librarme de aquellos rítmos que me atormentaban, descompasando mis movimientos, sofocando la sensibilidad musical de mis antepasados! Yo me encontré, finalmente, con mi propio ritmo, gracias al cual me libro de atávicas represiones e puedo exprimir mis sentimientos, mis esperanzas, mis ideas, mis quimeras, mis ideales!

Ahora yo soy libre!

Respecto la gimnasia de todos dos pueblos del mundo, pero necesito, deseo y quiero realizar mi propia gimnasia - la GIMNÁSIA BRASILEÑA"!

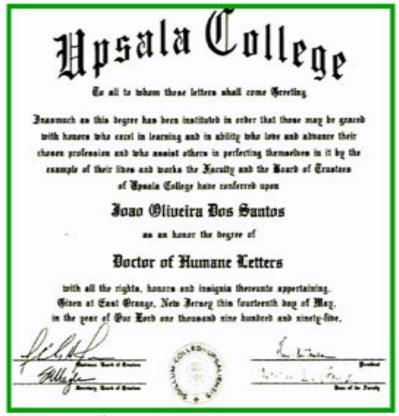
Concordo, há uma "pequena" incongruência implícita: para que as versões se a oração é exclusivamente verde-amarela? Ora, das duas, uma: ou o autor pensou na legião de capoeiristas que estão, crescentemente, preferindo viver no exterior, ou o autor anteviu o sucesso mundial da capoeira, suplantando todas as demais ginásticas do mundo, excessivamente disciplinadas e sem mandinga. Em meu próximo livro, com todo respeito ao extraordinário talento do Professor Inezil Penna Marinho, apresento uma solução alternativa, mais ecumênica e atingindo por igual a todos os praticantes de capoeira do mundo. Ou seja, além do "jus solis" e do "jus sanguines", teremos o "jus capoeiras"...

GOSPEL NA RUA 14

Estou chegando, mais uma vez, dos Estados Unidos de Manhattan.

E, mais uma vez, como todo mundo, consegui realizar 50 % do planejado.

Pois se trata de uma ilha encantada, onde, aos domingos, depois de um Gospel "na Igreja do Nelson Motta" e de um almoço - *soul food!* - no Sylvias's (também, no Harlem, uptown; registro especial para excelente cantora Ruth Simonsen), é possível assistir, na outra ponta da ilha, na Rua 14 com 6º Avenida (downtown), a um Gospel brasileiro. Refiro-



me ao extraordinário trabalho que Mestre João Grande vem realizando nos Estados Unidos, divulgando um dos mais fascinantes segmentos da cultura popular brasileira: a Capoeira Angola!

Claro, durante a semana, tenta-se fazer o "resto": musicais da Broadway (incluindo-se aí, motivo óbvio, o Balé Folclórico da Bahia, no *City Center*). museus, galerias, *sightseeings*, SoHo, Chinatown, Tribeca, *Seaport, Greenwich Village, Blue Note, Cotton Club, Central Park, libraries, bookstores, Lincoln Center, New York City Opera (La Bohème!), Metropolitan Opera (Madame Butterfly!), Rockefeller Center, Estátua da Liberdade, <i>Empire State Building,* Consulado Geral do Brasil, "Niterói" (New Jersey) etc, e naturalmente, a famosa Rua 46 (*Little Brazil*).

Nada, porém, pode ser comparado com a emoção de, num mesmo dia, participar de um Gospel no Harlem e de uma autêntica e exemplar Roda de Capoeira, comandada por João Grande, doctor of humane letters, pelo Upsala College (título, pioneiro no mundo da Capoeira, recebido em 15.05.95). Décadas atrás, o Jornal dos Sports e, logo depois, o Pasquim publicaram um resumo de uma pesquisa que fiz comparando o Jazz com a Capoeira. Pela primeira vez, abordei o tema da institucionalização de uma cultura popular, fazendo um paralelo com fenômeno semelhante "sofrido" pela música de jazz. Transformei o mote em livro e parti para negociá-lo nos Estados Unidos, o que me obrigou, a par da peregrinação resumida acima, visitar alguns editores e as universidades de Colúmbia e de

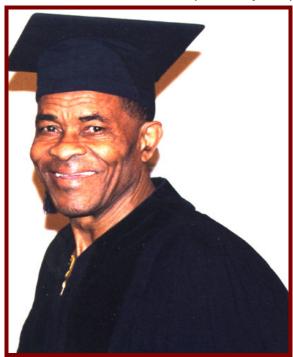
Nova York. O que encontrei, mais uma vez, comprovou a crescente importância do tema. Para o Brasil e para o resto mundo.

De volta ao Rio, encontro cartas, faxes e *e-mails* carregados de preciosas informações exatamente sobre este tema: Administração da Capoeira.

Em longa, competente e generosa carta, Mestre Carlos Senna (Bahia) tenta resumir - com relativo sucesso - seu imenso amor (e saber) pela arte brasileira da capoeiragem. Via fax, Mestre Santana, de São Paulo, envia uma circular com o seu Projeto União Nacional da Capoeira. Pela Internet recebo sugestões e pedidos de informações sobre os rumos da capoeira (?).

Das diversas informações e recados, sem dúvida, a proposta concreta apresentada pelo Mestre Santana exige prioridade. Pois, em tese, é um bom exemplo; as verdadeiras lideranças da capoeira devem aderir ou apresentar projetos alternativos.

Em resumo, o projeto do Mestre Santana pretende resolver os problemas da Capoeira através de uma representação política forte. Santana, prudente e



Mestre João Grande, Nova York, 1997

democraticamente, está enviando uma circular a todas as liderancas pedindo apoio e sugestões para o Suponho que Mestre projeto. Santana tenha enviado uma cópia, também, para 0 Ministério Extraordinário dos Esportes. É o os demais mestres estudiosos que tenham alguma proposta concreta devem fazer. Pois, não tenho dúvida, o Senhor Ministro Extraordinário Esportes, não negará apoio a um projeto que una os capoeiras e termos...) enobreça (em Capoeira.

Por outro lado, não posso deixar de registrar minha opinião pessoal sobre o projeto em questão: sou contra. A rigor, a Capoeira não precisa tanto de um vereador "especialista" em cada câmara municipal, de um deputado

estadual em cada assembléia legislativa, de um deputado federal ou de um senador no Congresso Nacional. Simplesmente, porque não será "apenas" uma lei - municipal, estadual ou federal - que resolverá seus problemas.

Insisto que o problema da Capoeira, ou melhor, **o problema do capoeira é gerencial e existencial.** A grande maioria dos mestres não tem a menor idéia do que seja administrar o próprio talento e o próprio brilho. **João Grande sabe**. Para começar, na academia de Mestre João - vejam que bela lição! - os alunos e os visitantes (nesta ordem) são os que brilham.

Quanta competência e sabedoria!

Seria possível, através de lei, garantir competência e sabedoria para todos?

RiO, 13 DE ABRIL DE 1997

SINDICATO DOS CAPOEIRAS

A fascinante História da Capoeira, assim como a não menos fascinante História do Mundo, jamais serão totalmente conhecidas. Afinal, a História, via de regra, é escrita pelo vitorioso, não cabendo ao derrotado (às vezes, derrotado injustamente) incluir qualquer tipo de comentário. Tampouco os historiadores, com raras exceções, estão livres da tentação de optar, muitas vezes, por uma versão, por uma interpretação (da História) mais compatível com os valores éticos (ou valores menos nobres) que, pessoalmente, defendem.

Vai daí, relevem a repetição, a História da nossa fascinante Arte Brasileira da Capoeiragem, jamais será plenamente contada. O que não lhe tira o mérito, nem, tampouco, o mérito de algumas tentativas (não de todas) que foram ou estão sendo feitas com o objetivo de resgatar o seu passado, apreciar o seu presente e refletir sobre o seu futuro. Este foi o objetivo do meu primeiro livro e será o do segundo. Sempre com muito entusiasmo, com muita humildade, e, sobretudo, contando com a ajuda de todos, especialmente mestres e estudiosos, brasileiros ou não. Para tanto, estou em contato permanente, inclusive através da INTERNET (comunicação direta, sem intermediários), com um considerável número de excelentes capoeiristas e pesquisadores.

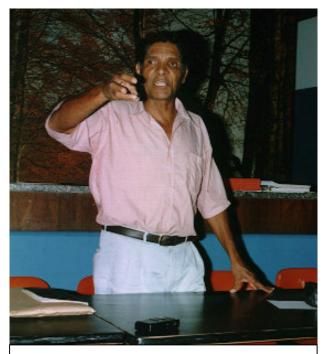
O recém criado Sindicato dos Capoeiras é, sem dúvida um bom exemplo.

De São Paulo, Paulo Gomes, talentoso e batalhador Mestre de Capoeira, envia um *e-mail* comunicando sua criação, curiosamente, no Rio Grande do Sul. Alguns outros mestres e organizações estavam engatinhando nesta direção, o Sul saiu na frente e conseguiu materializar a idéia. Entusiasmado, mas com a devida cautela, Mestre Bogado telefona de Niterói para confirmar a notícia e fazer a pergunta que deve estar na cabeça de todo

capoeirista: "Afinal, como deverá funcionar este sindicato"?

Excelente pergunta, especialmente num momento em que o sindicalismo está passando por uma profunda reapreciação. Ora o principal objetivo de um sindicato é defender os interesses profissionais de seus sindicalizados. O que nos leva, de saída, duas considerações fundamental importância: 1. Quanto maior o número de sindicalizados, maior a força financeira e política - do sindicato. O recém-criado, pioneiro, sindicato dos capoeiras deverá, portanto, arregimentar o maior número possível de capoeiras. O que nos leva à segunda reflexão; 2. Quantos mestres de capoeira estão trabalhando como autônomos ou empregados, com a carteira assinada?

Claro, tais considerações iniciais deságuam num oceano, mandingueiro, de novas considerações: "o que vem a ser, atualmente, um "mestre de capoeira"?



Paulo Gomes, um mestre de verdade

Quem, afinal, poderá legitimar a outorga de um título de mestre? Como unificar ou como conviver com a atual Torre de Babel da hierarquia capoeirística: cordel, corda, cordão, fita etc? E quanto à ética capoeirista e da própria sociedade? Alguns "jornais" especializados, apenas para dar um exemplo, por conivência ou despreparo, estão adotando métodos

"jornalísticos" condenáveis (imprensa marrom). Correndo risco até de sofrer penalidades legais. Ou seja, o que poderia (deveria) dignificar a capoeira, especialmente para o eventual leitor não-capoeirista, passa a denegri-la. Já não seria hora de o mestre de capoeira aprender a elogiar o elogiável e a calar em relação ao que lhe pareça condenável?

Ou que, pelo menos, aprenda a contestar de maneira civilizada, inteligente, e corajosa (assinando o próprio nome nas acusações que pede para publicar). Este novo sindicato e as reflexões decorrentes podem e devem ser analisados em toda e qualquer reunião de capoeiras.

Digo mais, sem paternalismo ou demagogia, está mais do que na hora, de o governo prestar uma inestimável contribuição a este lamentável, mas inexorável processo de institucionalização da Capoeira. Mas que fique claro, tais reflexões, próprias de seminários, não devem entrar numa Roda de Capoeira, pois numa "volta do mundo" a conversa cede lugar ao talento musical, gestual e corporal. Talento que, para minha surpresa e satisfação, está sofrendo uma renovação quase milagrosa, onde a criatividade, a espontaneidade, a objetividade e o respeito à tradição estão sendo revigorados.

RIO, 16 de julho de 1997

UM ENCONTRO QUE PROMETE

Quando décadas atrás, escrevi a primeira versão do estudo "O Embranquecimento da Capoeira" não poderia jamais suspeitar que estava pondo o dedo na parte mais sensível deste processo de institucionalização que vem sofrendo a nossa arte afro-brasileira da capoeiragem. Nada mudou de minha tese inicial, salvo, uma ligeira injustiça no emprego da palavra "embranquecimento", pois, para se entender melhor o fenômeno, será mais adequado substituí-la por "aburguesamento".

Um número sempre crescente de encontros, seminários, simpósios, pelas agendas (quando existem) que apresentam e, sobretudo, pela falta de resultados concretos, comprovam a existência do fenômeno e de suas patologias inerentes. Interesses comerciais e vaidades pessoais estão potencializando este flagrante desastre. Cada vez mais, discutese o menos importante; por exemplo, uma longa e complicada hierarquia simbolizada ora por cordéis, ora por cordões, ora por cordas, ora por fitas. Folheando as páginas (sites) da INTERNET chega-se à mesma conclusão: uma tentativa patética (e suspeita) de recontar a capoeira dando um corte no seu passado, elegendo-se um símbolo negro e, daí para frente, "embranquecendo-a" de vez.

Este é, aparentemente, o quadro geral. Olhando-se, entretanto, com mais cuidado, com mais atenção, será possível perceber um verdadeiro milagre. Um milagre que, não tenho dúvida, teve início de fora para dentro, do exterior para as rodas de capoeira no Brasil: a descoberta "lá fora" nos Estados Unidos e na Europa, da fascinante Capoeira Angola. A explicação, agora muito fácil de entender, é que o primeiro mundo, sem problema de status social como o nosso, começou a preferir o diamante puro ao diamante aburguesado. Até porque, o diamante aburguesado, vendido como mais completo, mais eficaz como arte marcial, jamais deu provas cabais e definitivas sobre tais qualidades. Tais reflexões afloram em função de uma carta que estou recebendo da International Capoeira Angola Foundation (sede em Washington D.C., USA), onde seu presidente, Cenésio Feliciano Peçanha, Mestre Cobra Mansa, comunica a realização do III Encontro Internacional de Capoeira Angola (agosto, Bahia), formula um gentil convite de participação e adianta a presença de nomes expressivos como os dos doutores Robert Farris Thompson, Kenneth Dossar e Bunseki Fu-Kiau.



Bahia, Brazil August 12 - August 21, 1997

Não por coincidência, via *e-mail*, Mestre Bira Acordeon, radicado na Califórnia, um dos melhores alunos do famoso e saudoso Mestre Bimba, comunica que agendou sua viagem ao Brasil, acompanhado de vinte alunos, justamente no período do Encontro. Mesmo

assim, para o pleno êxito do evento, considero de fundamental importância o apoio, em Salvador, de entidades como a Associação Brasileira de Capoeira Angola e o Centro de Estudos Afro-Orientais, da Universidade da Bahia. Valendo lembrar, por ser extremamente oportuno, que o CEAO estará promovendo, de 17 a 20 de agosto, o seu V Congresso Afro-Brasileiro. Um evento sério, conseqüente, sempre enriquecedor, periódico, e já consolidado. Felizmente, também por **e-mail**, o Senhor Cenésio confirma gestões neste sentido e ainda acrescenta a possibilidade da presença de Mestre Pedro Trindade Moraes, sem dúvida, peça pioneira de suma importância neste processo de reconhecimento da Capoeira Angola pelo resto do mundo. É, realmente, o Encontro promete!

E que não esqueçam de incluir nas palestras e discussões, se possível, em conjunto com o Congresso Afro-brasileiro, o tema "blue note na Capoeira".

Rio, 24 de julho de 1997

MESTRE CAIÇARA

Longas décadas atrás, preocupado com os crescentes pedidos para comparar a Capoeira com as demais lutas, aproveitando uma de minhas visitas a Salvador, passei o problema para o Mestre Caiçara (na foto, com parte de sua simpática família).

- "Cada qual no seu cada qual", retrucou ele, genialmente, eliminando de vez o falso problema.

Pouco depois, em São Paulo aconteceu outra, ainda melhor. Convidado por um ex-aluno seu para dar uma "volta do Mundo", Caiçara notou que o "garoto estava jogando com um certo atrevimento"; foi o que bastou para o mestre dar uma cabeceira (cabeçada) desconcertante, jogando seu exdiscípulo fora da roda e aproveitando, mais uma vez, para professorar: "Roupa de homem não dá em menino; esses meninos de hoje, mal sabem soletrar já pensam que sabem ler".



Mais adiante, aqui no Rio, convidei Caiçara para uma longa entrevista na Rádio Raquete Pinto, onde, então, eu produzia e apresentava o programa "Roda de Capoeira". Participaram do programa, com brilhantismo e como testemunha de depoimentos marcantes, os mestres Moraes e Zé Pedro, e dois filhos de Caiçara, Marivaldo e Antônio Jorge. Desde então venho distribuindo, com total sucesso, cópias desta memorável entrevista, onde Caiçara, mais uma vez, comprova sua maestria inclusive como cantador de capoeira. Afirmação que pode ser facilmente comprovada pelos discos que gravou.

Nesta mesma época (visita de Caiçara ao RIO), com muita honra, tratei de mostrar alguns pontos turísticos da cidade, terminando, em uma das noites, numa famosa casa de Candomblé, em Jacarepaguá. Mesmo sabendo da formação religiosa do mestre, "feito" em Logun Edé por sua mãe de sangue, Adélia Maria da Conceição, não poderia imaginar o que aconteceu. Simplesmente foi dado a ele o comando dos trabalhos; trabalhos esses que, naquela noite, foram realizados, com especial magia.

Nada mal para quem, na juventude, muito forte e ousado, limitava-se a comandar as principais figuras de uma determinada área de meretrício de Salvador. Mais tarde, mestre de capoeira, mestre da própria vida, e, certamente com as bênçãos de todos orixás da Bahia, Caiçara começou a fazer um exemplar trabalho comunitário com os meninos de rua.

Terça-feira, dia 26, recebo um telefonema de Salvador: "Caiçara morreu hoje de manhã". Via fax, sempre prestativo, Gildo Lemos Couto (Mestre Gildo Alfinete) fornece mais alguns dados circunstanciais e sobre a vida do legendário capoeirista: Antônio Conceição Moraes, Mestre Caiçara, nasceu em Cachoeiro de São Felix, no recôncavo baiano, em 08 de maio de 1924, foi discípulo de Antônio Rufino dos Santos (Aberrê), e era membro do Conselho de Mestres da Associação Brasileira de Capoeira Angola.

Tenho certeza que, neste domingo, todas rodas de capoeira estarão prestando uma extraordinária homenagem ao velho Caiçara, tão extraordinária quanto a sua figura humana e o seu talento como um verdadeiro mestre da Capoeira Angola. IÊ!.

VOLTA *do* mundo

A Vida, costumo dizer, é uma grande, diuturna e fascinante "volta **do** mundo". Quem entende alguma coisa sobre a arte afro-brasileira da capoeiragem sabe, perfeitamente, avaliar o que estou, mais uma vez, afirmando.

Pois muito bem, parto amanhã, para mais uma volta do mundo, desta vez, passando por Portugal, Itália, Inglaterra e França. Por onde passar, especialmente em Lisboa, estarei fazendo preciosos contatos e pesquisas. Percorrerei bibliotecas, órgãos públicos, jornais e, naturalmente, não apenas em Lisboa, mas em todas demais capitais, os comitês olímpicos e as embaixadas brasileiras. Com sorte, estarei conversando, também, com um bom número de mestres de capoeira.



GABINETE DO MINISTRO EXTRAORDINÁRIO DOS ESPORTES

A QUEM INTERESSAR POSSA

André Luiz Lacé Lopes é administrador, com mestrado na Universidade de Syracuse, em Nova York, professor universitário e autor de centenas de artigos e de um livro sobre Administração, Administração Pública, Administração Esportiva e cultura popular brasileira (Capoeira), publicado com o apoio do Ministério da Educação.

Especialmente no que tange à arte afro-brasileira da capoeiragem, este Ministério Extraordinário dos Esportes tem acompanhado os artigos e a luta do Prof. André Luiz Lacé Lopes para um trabalho, por parte do governo e das lideranças capoeirísticas, adequado ao atual processo de institucionalização (e globalização) da capoeira que, como se sabe, é um dos mais fascinantes segmentos da cultura brasileira.

Em função de sua próxima viagem a Europa — de 15 de setembro a 05 de outubro; Lisboa, Roma, Londres e Paris — com muito prazer, estamos credenciando-o para contatos preliminares e, sobretudo, pesquisas junto ao setor cultural das embaixadas brasileiras e junto às autoridades locais, direta, indireta ou potencialmente envolvidas com a expansão internacional da Capoeira, incluindo-se aí, o comitê olímpico de cada país visitado.

Não temos dúvida que este esforço resultará em relevantes subsídios para os estudos que este Ministério vem realizando sobre o assunto.

Brasília, 11 de setembro de 1997.

LUIZ FELIPE CAVALCANTI DE ALBUQUERQUE

Chefe de Gabinete

Do Brasil, como já se vai tornando uma sintomática rotina levo camisa de batizados, verdadeiros registros ambulantes da filosofia da capoeira. Levo, também, gravações especiais, muitas fotos, jornais especializados, os trinta exemplares finais do meu primeiro livro e os originais do segundo. Quanto a este último item, minha intenção é tentar, em Lisboa, uma edição para todos os países de fala portuguesa.

Agradeço, especialmente, à Associação Brasileira de Capoeira Angola (Salvador, Bahia), que acaba de formular um honroso convite para que eu passe a integrar um de seus conselhos, as camisas enviadas para esta viagem. Serão, devidamente, intercambiadas. Agradeço ao Consulado do Portugal no Rio as valiosas informações e subsídios recebidos para o meu trabalho.

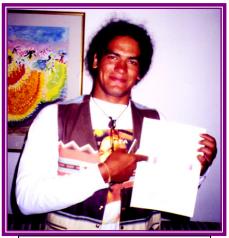
Agradeço, finalmente, ao Ministério Extraordinário de Esportes pelo interesse que vem demonstrando pelos meus artigos, idéias e sugestões; aproveitando para elogiar o mais do que oportuno estudo que vem realizando sobre este intrigante processo de institucionalização (globalização?) da nossa capoeiragem, sem dúvida um dos mais fascinantes segmentos da cultura popular brasileira que está, pouco a pouco, tornando-se um patrimônio da cultura popular de todo mundo.

Rio, 14 de setembro de 1997

EURO-BRASIL: MERCADO INCOMUM

Refiro-me ao mercado da arte afro-brasileira da capoeira. Estou chegando de mais uma "volta do mundo" pela Europa - Lisboa, Roma, Londres e Paris - impressionado com o crescente sucesso da capoeira e, mais do que nunca, com a certeza que algum esforço pode e deve ser feito para apoiar e municiar este sucesso. Por uma feliz coincidência, o governo federal, especialmente através do Ministério Extraordinário de Esportes, está disposto a participar deste apoio, desde que seja, obviamente, o desejo

consensual das lideranças da capoeira. Aí, sem dúvida (consenso), residirá o grande desafio; mas, pelo pouco que pude ver na Europa, contatando



Mestre UMOI, Lisboa, 1997.

Mestre Canela e ALLL, Roma, Praça Navona, 1997.

instituições, mestres e estudiosos da capoeiragem, posso adiantar que não se trata de um obstáculo intransponível. Pois, no fundo, todos querem a mesma coisa: o total sucesso da boa capoeira. E, quase que

milagrosamente, já está surgindo um consenso, pelo menos, **do que não seja uma boa capoeira:** 1. Orquestra medíocre, tanto no ritmo quanto no canto;

2. Jogo exageradamente em pé e exageradamente circense; 3. Jogo-de-compra rápido demais; 4. Arte marcial da Capoeira virando um circo de covardia; 5. Golpe de judô sendo transformado no golpe "mais "eficiente"da capoeira; 6. Mestres feitos em gráficas ou nas "academias"da TAP/VARIG; 7. Festival de Cordas, Cordéis, Cordões e Fitas; e 8. Desrespeito pela própria Roda e, sobretudo, pelas Rodas dos outros mestres.

Tudo isto, como diria, o nosso querido e saudoso Mestre Caiçara, "a gente dá jeito", ou seja:

1. Urge estabelecer prêmios para as melhores gravações de capoeira (já existem dezenas, apenas umas poucas com algum valor). O julgamento deverá ser feito por uma comissão formada por mestres consagrados especificamente nesta área (João Grande, João Pequeno, Moraes, Leopoldina, Mendonça, Acordem, Mentiria, Suassuna, Camisa, Beija Flor



Pal Briand Filósofo e a contramestre Lúcia Briand Palmares. Paris, 1997

- e outros) e por especialistas nas áreas do folclore, música, sociologia, antropologia cultural, história, literatura etc.
- 1.1 A importância das ladainhas de saudação inicial e as chulas de finalização de roda deve ser enfatizada; a importância do canto como elemento ora de descrição, ora de interferência da roda, também: da mesma forma, a importância da reinclusão do agogô e do reco-reco. Sem uma boa "orquestra' de capoeira, sem um bom comando frente a "charanga" será absolutamente impossível sustentar a excelência de uma verdadeira Roda de Capoeira.
- 2. Tempos atrás, surgiu uma neocapoeira, sentenciando que a "Capoeira Angola", "muito circense", estava agonizando. Uma tremenda injustiça, reconhecida, agora, mundialmente. Por ironia do destino, esta neocapoeira é que parece ter parado no tempo, completamente perdida entre fortes lembranças do passado e a incapacidade de projetar no futuro tais lembranças: jogo demasiadamente em pé, "negativa" apenas para efeito coreográfico, ginga marcada, seqüências de eficácia muito discutível; golpe de judô como o melhor golpe de finalização de uma "volta do "mundo"(que não deve ter "finalização" nenhuma), ritmo alucinado, atabaque e pandeiro sobrepondo-se ao berimbau; e por aí vai.
- 3. Urge, portanto, acentuar os grandes e vitais méritos da Capoeira Angola e demais capoeiras (como a do Mestre Artur Emídio, do Grupo Bonfim, do Mestre Sombra): ladainhas de saudação de roda feitas com muita inspiração, berimbau no ritmo (velocidade) certo e jogo no ritmo do berimbau; muito jogo de chão, muito jogo de rasteira, muito jogo de mandinga, e eliminação dos trejeitos de falsos guerreiros.
- 4. A Capoeira cresceu, as Rodas cresceram, todos querendo, agora, jogar ao mesmo tempo. Vai daí que, num jogo-de-compra não se fica mais do que 20 segundos jogando. O que leva qualquer Roda a ser reprovada num imaginário Controle de Qualidade. Principalmente aos mestres deve ser permitido dar uma "volta do mundo" mais longa, suficiente para que o talento de cada um possa aflorar plenamente.
- 5. Infelizmente, também para a Europa, estão sendo levados alguns desses erros capoeirísticos, e, o maior deles, talvez seja a falsa figura do guerreiro-da-capoeira. Na realidade, não é nem guerreiro nem capoeirista, pois não ficaria em pé 30 segundos contra um bom lutador de qualquer outra luta, especialmente do jiu-jitsu. Vai daí, esses falsos guerreiros-da-capoeira limitam-se a fazer sucesso em rodas de batizado, jogando com capoeiristas mais jovens, menos experientes, com muito menos peso, e, de preferência, mulheres. Quando jogam entre si, aí sim, fazem um jogo de compadre, limitando-se cada um, a fazer seu próprio circo a dez metros do outro. Sugiro que esses "capoeiras" ou tentem uma inscrição em algum "Ultimate Fighting" ou aprendam mais sobre os fundamentos e o espírito da arte afro-brasileira da capoeiragem.
- 6. Este item, relevem a insistência, está intimamente ligado ao item anterior e é, também, um produto da neocapoeira que tentou acabar com a verdadeira capoeira: o jogo de agarrão, a "volta do mundo" mal feita, fingindo que está sendo bem feita, a estratégia pobre (e flagrante) de um jogo-de-espera com intuito de poder agarrar o "adversário" pelas pernas e jogá-lo no chão. O que esses "capoeiristas" estão tentando fazer é jogar a própria capoeira no chão. Lutadores de vale-tudo quando vêm este triste espetáculo, com toda razão, morrem de rir.
- 7. Décadas atrás escrevi um artigo sobre o "mestre-gráfica". Ou seja, aquele capoeirazinho precipitado, que procura uma gráfica e encomenda um cartão de visita onde ele mesmo se intitula Mestre.

Na Europa, mais precisamente em Lisboa, Portugal, conversando com o **Mestre Umoi Melo de Souza** (excelente troca de idéias e informações) tomei conhecimento de um expediente mais sofisticado: o jovem sai, do Aeroporto Internacional do Galeão, RIO, como um simples capoeirista de férias, mas chega na Europa, como um experiente Mestre de Capoeira. É o "Mestre TAP", é o "Mestre Varig", para citar apenas duas boas "academias" localizadas nas nuvens...

8. O arco-íris não está sendo suficiente para satisfazer a profusão de sistemas hierárquicos que estão surgindo ora representados por cordéis, ora por cordas, ora por cordões, ora por fitas. Talvez o fenômeno seja fruto da própria riqueza criativa da capoeira, ou talvez não, talvez o fenômeno seja fruto de uma macaquice inicial (copiar o sistema hierárquico do judô), seguida da necessidade de marcar presença como mestre dissidente aliada à necessidade de fabricar batizados mais freqüentes (\$\$\$). Talvez esteja chegando à hora de se definir, através de consenso, um só padrão hierárquico. Antes de tudo, entretanto, caberá a pergunta: não será abolir todos esses padrões atuais (cordéis, cordas etc)?

Eu, muito modestamente, entendo que tudo isto é desnecessário e até prejudicial: já vi capoeira ficar preso no chão por prender, com a mão, a própria corda que levava pendurada na cintura...

Não será melhor - mais uma vez - atentar para o mundo dos angoleiros?

Ou quem sabe? - a solução esteja nas camisas, nas cores das camisas, nas mensagens filosóficas das camisas. Pensem nisto.

8. Um capoeira pode e deve, ao visitar uma outra Roda, mostrar que sabe jogar muito bem. Isto, porém não significa querer "fechar" a outra Roda, "bater" em todo mundo. Brilhar numa Roda significa "dar uma força" na parte rítmica e cantada, tocando (muito bem) o berimbau e cantando (muito bem) algumas ladainhas e corridos, significa abaixar ao pé do berimbau e fazer uma saudação que fique na lembrança de todos os presentes, significa dar uma "volta do mundo" que termine em emocionado e respeitoso aplauso geral. E valerá aqui citar, dentre muitos (felizmente) cinco bons exemplos: Mestre Camaleão (RIO, RJ), Mestre Paulo Gomes (São Paulo, SP), Mestre Moraes (Salvador, Bahia), Mestre Canela (Viterbo, Itália) e Mestre Beija-Flor (Paris, França).

Quem realmente gosta de capoeira deve atentar para tais reflexões.

Quem vai apreciar qualquer projeto de capoeira, especialmente com pretensões a um patrocínio custeado com o dinheiro público, também deve ter este quadro de pano-de-fundo para qualquer parecer.

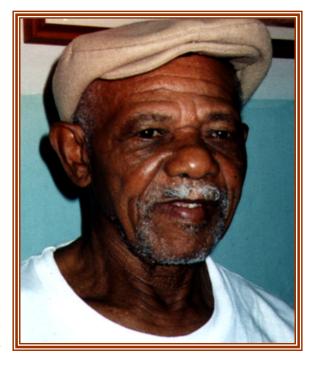
RIO/RJ - 12 de outubro de 1997

OITENTA "VOLTAS DO MUNDO"

Chego de mais uma "volta do mundo" pela Europa, encontro uma cartaconvite do Professor Luis Vitor Castro Junior. Convite para escrever um pequeno texto em homenagem aos oitenta anos que o Grande João Pequeno completará no dia 27 de

dezembro do corrente ano. O convite está sendo feito a vários mestres e estudiosos da capoeira, e, o resultado final deverá ser transformado em livro, uma sincera homenagem ao Sr. João Pereira dos Santos, mundialmente conhecido como Mestre João Pequeno (foto), responsável pelo Centro de Capoeira Angola - Academia João Pequeno de Pastinha.

Dos convidados para escrever, sem dúvida, serei o que menos privou, dia-a-dia com a figura simpática e extremamente talentosa de João Pequeno; "compensação", por onde tenho andado, tenho testemunhado o prestígio, sempre crescente, da Capoeira Angola em geral e do Mestre João Peque-no em particular. A volta do mundo que mencionei inicialmente é um excelente e oportuno exemplo. Dentre as camisas que levei para distribuir, todas altamente representativas - Grupo ABADÁ (Mestre Camisa), Associação Brasileira de



Capoeira Angola, Grupo Barravento (Mestre Bogado), Grupo Terra (Mestre Mintirinha) Grupo de Capoeira Filhos de Angola-Brasil (Mestre Camaleão!) e outras - as camisas do grupo de João Pequeno foram as mais solicitadas pelos mestres, estudiosos e autoridades que encontrei em Lisboa, Roma, Londres e Paris. Tivesse eu andado um pouco mais pela Europa (ou pelo Estados Unidos) mais camisas do grupo de João certamente me teriam sido solicitadas. Sem dúvida, um indicador de sucesso, de consagração.

Mas, nem tudo são flores, pois a capoeira está, flagrantemente, em crise de crescimento (e, isto no fundo é muito bom). Não apenas no Brasil, mas em todo mundo verificam-se os mesmos problemas, as mesmas patologias: alguns mestres dançando demais, alguns brigando demais, alguns fazendo puro circo, alguns inventando demais. Não fosse a força da tradição, não fosse a força da Angola e de outros estilos tradicionais, não fosse o talento dos velhos e novos mestres de Angola, valendo destacar aí, por motivos óbvios, o nosso querido Mestre João Pequeno, já teríamos uma grande Torre de Babel.

Embora bem intencionados - impossível negar a boa intenção - inovaram demais, "enriqueceram" demais a capoeira; capoeira que nasceu pronta, absoluta, sem nenhuma necessidade de retoques ou de acréscimos. E deu no que deu, um festival de cordas, cordel, cordões e fitas, uma ginga marcada tipo exportação, um golpe de judô sobressaindo-se como o grande golpe de finalização de uma arte que se caracteriza pelo jogo largado de mandinga. Também a parte rítmica e cantada, mais do que importante, fundamental, foi "simplificada" eliminando-se o reco-reco e o agogô, eliminando-se as lindas ladainhas de abertura de roda, as preleções ao som do berimbau e os cantos de despedida; em "troca", em algumas rodas, parece haver uma disputa para saber quem "batuca" o atabaque mais alto...

De repente, no entanto, um verdadeiro milagre!

O renascimento, a nível internacional, da Capoeira Angola. O mundo redescobrindo a verdadeira "volta do mundo", o mundo correndo para as rodas de Angola

com gravador e filmadora em punho, o mundo descobrindo o óbvio, ou seja, que a filosofia da capoeira está no seu passado, está nas suas raízes, está no seu conjunto histórico, está nas geniais declarações de um Mestre Pastinha, no fraseado curto e bem humorado de um Mestre Caiçara, nas sentenças sábias de um Mestre João Pequeno: "a capoeira antigamente era perigosa, agora, está violenta".

Se o governo federal tivesse que escolher apenas um projeto para desenvolver, atualmente, na área da capoeira, eu não hesitaria em sugerir o patrocínio de uma "volta do mundo" - Portugal, Espanha, Itália, França, Alemanha, Inglaterra etc - para o grupo João Pequeno de Pastinha (quanto agradecimento, quanta ética, quanta lição na escolha deste nome, embutindo o próprio nome de Mestre Pastinha!). Pois, não tenho dúvida, o grupo seria recebido com tapete vermelho em cada academia que visitasse no exterior. E o governo brasileiro estaria despendendo o dinheiro público numa área estratégica, divulgando um dos mais fascinantes segmentos da cultura popular brasileira. Tão fascinante que, em muito pouco tempo, será considerada patrimônio da cultura popular do mundo. Parabéns Mestre João Pequeno, nesta data tão querida. Parabéns e obrigado, Mestre, pela capoeira que você vem ensinando, há longas décadas, ao mundo todo a jogar!

RIO/RJ - 26 de outubro de 1997

CASCAIS, FADO E CAPOEIRA

Qualquer viagem à Europa deve passar por Portugal. Mesmo considerando alguns desacertos recentes, odontológicos ou não, o fato é que Portugal tem com o Brasil uma relação de amizade muito especial. Na verdade é uma só família, brigando, às vezes, como é natural em qualquer família. Um bom exemplo desta briga amorosa aconteceu com minha própria família, recentemente, numa primeira noite de Europa, em Portugal, mais precisamente em Cascais. Todos me cobrando algo típico, mas, ao mesmo tempo, como



Em pé, os excelentes fadistas Nuno de Aguiar e Dom Rodrigo. Forte D. Rodrigo. Cascais, Portugal,

alternativa, ironicamente sugerindo passar a noite jogando cartas ou dominó.

Fui salvo pelo ICEP e pelo Serviço de Informações Turísticas de Lisboa que, com grande eficácia e inspiração, indicou-me, lá mesmo em Cascais, uma extraordinária casa de fado. O Forte Dom Rodrigo, onde, além da fascinante música portuguesa, tivemos a oportunidade de conhecer um pouco da história do fado, numa versão extremamente lúcida e poética, feita pelo próprio Rodrigo que incluía até a relação com o poder nos tempos salazaristas. A "aula" e o canto (contando, também, com a presença do excelente fadista Nuno de Aguiar) - Um motivo pra saudade, Um fadista já cansado, Fiz leilão de mim, Bairro Alto, Parece que é Bruxo, Fado do Fado, Recordações do Passado... - como não poderia deixar de ser, lembraram velhos fadistas, a resistência inicial da sociedade em aceitar o fado e a automatização excessiva da sociedade moderna. Creio que, por muito pouco, não falou, também, sobre o Videirinha, fadista favorito da ilustre Casa de Ramires (Eça de Queiroz).

Impossível evitar uma comparação com o samba brasileiro e, certamente, com a nossa capoeira. Não é à toa que a história do Rio Antigo registra um bom número de portugueses capoeiristas, muitos Barbeiros - segundo alguns, chamados "faquistas" - talvez alusão (e uma tentativa de explicação) para o uso da "sardinha" (navalha) na capoeiragem de então.

Tais recordações e reflexões estão sendo provocadas por um *e-mail* que acaba de chegar de Cascais, através do qual, Mestre UMOI convida para sua festa de fim-de-ano no Pavilhão Desportivo de Alcabideche. Vários mestres, daqui do Brasil, estarão presentes e, da própria Europa, nada menos de seis países se farão representar: mestre Beija-Flor, contramestre Lúcia Palmares e Paul Briand (França), contramestre China, mestre Gegê e professor

Brucutu (Espanha); contramestre Marcos (Inglaterra); mestre Canela (Viterbo, Itália); instrutor Steen (Dinamarca); e instrutor Torkjell (Noruega). Claro, a maior delegação de mestres e contra-mestres será de Portugal, sendo que destes, boa parte, oriundos do próprio Grupo União na Capoeira Brasil-Portugal, de mestre Umoi Melo de Souza.

Sem dúvida, um evento, que mereceria a presença da mídia local e internacional (A BOLA, Diário de Notícias, O JOGO, Jornal Euro-Brasil, agências locais de jornais brasileiros e outros), e de representantes da Secretaria de Estado Português de Desporto e - por que não?- até da Embaixada Brasileira (área cultural). Estivesse eu presente, ao final do evento, levaria os capoeiras para conhecer os extraordinários fadistas do Forte do Rodrigo. Sem dúvida, seria a reunião de uma grande família, falando a mesma língua e com "vadios" - fadistas e capoeiras - finalmente consagrados e que enriquecem e orgulham a cultura lusobrasileira.

RIO/RJ, 07.12.97

MINC, FUNARTE, USA E JAPÃO

O brasileiro precisa conhecer o que é bom, o brasileiro precisa conhecer melhor o Brasil. Esta, sem dúvida foi a grande premissa para a singela e oportuna exposição "Brasil - sons e instrumentos populares" que vem sendo realizada no Museu do Folclore Edison Carneiro, no RIO. Complementa a Exposição, uma série de atividades -"Você Pensa que Berimbau é Gaita"? - aberta, gratuitamente, ao público interessado. De parabéns, portanto, o Ministério da Cultura (Funarte) que, através do Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular, e com o apoio do Instituto Cultural Itaú está promovendo tais eventos. Esta semana, rica em palestras e oficinas, será encerrada (domingo, dia 29) com uma grande e original Roda de Capoeira, reunindo dois Grupos de Angola (no tradicional Bairro da Lapa) e o valente Grupo Bonfim (Bairros de Bonsucesso e Ilha do Governador, ICJG).

Não por coincidência, eventos similares estarão sendo, brevemente, realizados nos Estados Unidos e no Japão.

É a dinâmica do folclore em marcha. Dinâmica muito bem percebida, décadas atrás, pelo saudoso Professor Edison Carneiro, na época, presidente da Campanha Nacional do Folclore. Mesmo assim, traído, talvez por ser baiano e pelos encantos de sua linda terra, o Professor Carneiro defendia que um ministério da cultura só deveria



Mestres Artur Emídio e Cabide

divulgar a capoeira mais tradicional, a capoeira autêntica, a Capoeira Angola. Todas as demais seriam formas deturpadas, sem espontaneidade e sem alegria, fórmulas comerciais de origem difusa e futuro incerto. Mesmo se tivessem origem na própria Bahia.

Ocorre que, de acordo com a tese do querido professor, assim como a própria

sociedade, o Folclore também é dinâmico impossível sendo não perceber, consegüentemente, o quanto vários outros de capoeira são iqualmente autênticos e dignos de uma divulgação "porta" governamental pela Ministério da Cultura. O Grupo de Capoeira (Mestres Deraldo, Bonfim Cabide, Claudionor e outros), criado em 1953, é um excelente exemplo: estilo próprio, parte rítmica e cantada personalíssima e uma capoeira para qualquer preço. Daí a idéia de uma apresentação conjunta

reunindo o Grupo Bonfim, o excelente Grupo de Capoeira Filhos de Angola-Brasil,



Mestre Camaleão e dois excelentes alunos, "Dilá" e Cachalote

com o Mestre Camaleão; e, ainda, o Grupo de Capoeira Quem vem Lá. Sem sombra de dúvida o espetáculo merecerá ser gravado, pois mostrará da capoeira "vadiagem", à capoeira mandingueira, passando pela capoeira marcial.

Não é à toa, portanto, que, em Washington D.C., a *International Capoeira Angola Foundation*, está partindo para o seu *Fourth Annual Capoeira Angola Encounter USA*, que este ano, voltará a contar com palestrantes ilustres como os Drs. Fu-Klau Bunseld, Robert Farris Thompson, Kenneth Dossar e vários outros extraordinários pesquisadores.

Tampouco será por acaso que o Dr. João Alberto Barreto, brilhante psicólogo e, décadas atrás, um dos melhores lutadores de jiu-jitsu, atendendo a uma solicitação, está procurando um capoeira (até 65 quilos) com condições e interesse de realizar uma luta no Japão. Não fosse o limite do peso, sem vacilar, eu indicaria o nome do Mestre Claudionor (Grupo Bonfim) que, no único torneio individual de mestres realizado no Brasil, ganhou de todos na base de tapas (desconcertante em se tratando de Capoeira) e pernadas certeiras. Dada à limitação imposta, sugeri o nome do Mestre Camaleão (não sei se ele aceitará, pois, entre outras providências imediatas, talvez tenha que cortar sua vasta cabeleira). Em função, entretanto, do crescimento surpreendente da capoeira existem algumas outras boas alternativas, como a indicação feita pelo capoeirista Augusto "Garra" (aluno de Mestre Hulk) ou a feita pelo Mestre Bogado (Grupo Barravento, Niterói, RIO).

O ideal, sem sombra de dúvida, seria o Japão concordar com uma apresentação especial de um pequeno grupo de excelentes capoeiras a altura dos já citados Claudionor e Camaleão.

Ainda nesta grande "volta do mundo" que a fascinante arte afro-brasileira da capoeiragem estará dando neste fim-de-semana (Museu da República), valerá registrar algumas presenças ilustres como a do próprio Dr. Raul Lody, do CNFCP; e do escritor-pesquisador Luiz Sergio Dias (Quem tem medo da Capoeira?).

O Ministério da Cultura está fazendo a sua parte, quem sabe até, criando condições para um trabalho conjunto com o Ministério da Educação e com o Ministério Extraordinário dos Esportes?

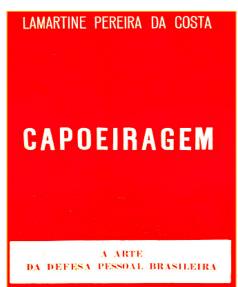
O interessante trabalho - "Capoeira, fontes multimídia" - elaborado pelo MinC/FUNARTE/CNFCP, por exemplo, bem que poderia ser o embrião deste mutirão ministerial em torno de um dos mais apaixonantes segmentos da cultura popular brasileira. Afinal, como adiantei em outro artigo, embora excelente, o livro em questão pode e deve ser aprimorado.

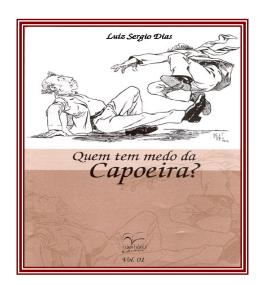




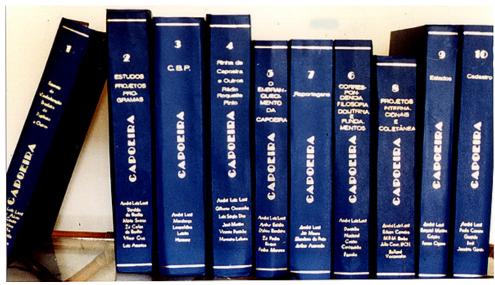
Uma dica de leitura que tem muito mais a ver com a nossa cidade do que costumamos supor — e do que os soteropolitanos gostam de alardear. É o que mostra André Luiz Lacé Lopes, autor do saboroso "A volta do mundo da capoeira", de 1999. Ele acaba de lançar novo livro, "A capoeiragem no Rio de Janeiro — Primeiro ensaio: Sinhozinho e Rudolf Hermanny" (Editora Europa), no qual conta como a arte africana se irradiou pelo Brasil a partir desses dois capoeiristas. Ambos paulistas de nascimento, aliás.



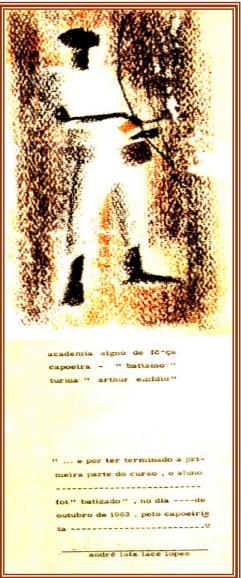














JOÃO GRANDE, BEIJA-FLOR E UMOI

Estou chegando de mais uma "volta do mundo". Desta vez, passando por Nova Yorque (Doutor João Grande), Paris (Mestre Beija-Flor e Pal Briand) e Lisboa (Mestre Umoi).

Assistindo a uma aula, sempre antológica, de João Grande, fiquei sem entender como a Bahia promove um grande evento em Nova York (agosto/98) e não aproveita para prestar uma justa homenagem a este extraordinário baiano, cujo talento já foi reconhecido pelos americanos até com um título honorífico. Homenageando Mestre João Grande estaria homenageando toda a Capoeira Baiana, especialmente a Capoeira Angola, um dos segmentos mais fascinantes da cultura afro-brasileira.

Em Paris, voltei a conversar com Mestre Beija-Flor, que está partindo para um segundo disco (o primeiro ganhou um prêmio na França) e com o capoeira-filósofo Pal Briand Palmares. Aproveitei, também, para conhecer o gigantesco e criativo *Parc de la Villette*, no nordeste de Paris. Todos os domingos, a exemplo do Central Park, em Nova York, grupos artísticos de vários países se apresentam neste parque, inclusive um grupo de Oludum e, certamente, vários grupos de capoeira. Ainda em Paris, voltei ao Museu do Homem, onde, finalmente, graças à boa vontade dos especialistas Levine e Pribislav Titoeff, consegui garimpar preciosas informações sobre a música de capoeira.

Mas, foi em Lisboa, maior objetivo desta minha viagem, onde consegui mergulhar alguns dias na Biblioteca Nacional, que ocorreu o evento mais marcante: palestra-debate em um dos prédios da Universidade de Lisboa. Fui surpreendido por um considerável número de capoeiristas, rapazes e raparigas, profundamente interessados. Como decorrência da palestra-debate surgiu o *Centro Português de Pesquisa do Jogo da Capoeira* que funcionará, estatutária e geograficamente, dentro do Grupo UNIÃO NA CAPOEIRA - BRASIL / PORTUGAL, comandado pelo Mestre Umoi. Como contribuição inicial para o recém-formado Centro de Pesquisas deixei alguns livros ("Guia do Capoeira ou Gymnastica Brasileira", ODC, RIO, 1907; "Ginástica Nacional - Capoeiragem", Zuma Burlamaqui, RIO, 1928; Capoeira, fontes multimídia - FUNARTE, MinC; "O Berimbau-de-Barriga e seus toques", Kay Shaffer, FUNARTE, Minc); o vídeo-teipe O PULO DO GATO de



Mestre Umoi e alguns de seus alunos. Universidade de Lisboa, 1998, ao final de uma surpreendente e agradável palestra-debate.

Mestre João Grande; duas gravações históricas feitas pelo Museu do Homem (Paris); vários

artigos e estudos; resumo do meu novo livro; camisas do Grupo de João Pequeno de Pastinha, da Associação Brasileira de Capoeira Angola (Salvador), do Grupo Bonfim (subúrbio do RIO) e do Grupo de Capoeira Filhos de Angola-Brasil (Mestre Camaleão, Angola, RIO; urge que grupos como este, Grupo da Bonfim e outros comecem a viajar, especialmente, para Portugal); e uma série de fotos sobre eventos recentes no Rio, em São Paulo e na Bahia. Não tenho dúvida este Centro preencherá um importante espaço para a divulgação da arte afro-brasileira da capoeiragem na Europa e em toda Comunidade Lusófona.

Pela atenção recebida aproveito para agradecer a todos os Mestres visitados - Nova York, Paris e Lisboa - incluindo-se aí, os Mestres Bolão (Alexandre de Souza) e Tucas (Geová Batista de Medeiros), e o contramestre Ulisses (Ulisses da Silva Oliveira), os dois últimos integrantes do Grupo de Mestre UMOI, e todos três realizando um excelente trabalho em Portugal. Aproveito, também, para parabenizar a maneira ética e ecumênica com a qual todos esses mestres estão tratando o surpreendente crescimento da Capoeira no mundo todo.

Finalmente, coerente com o que eu sempre defendo - "a Capoeira, apesar de fascinante, está dentro do mundo; e não o contrário" - voltei, em Cascais, a visitar o Forte Dom Rodrigo (para detalhes rever o artigo "Cascais, Fado e Capoeira") e, em Lisboa, tive o prazer e a honra de ouvir, na casa de fado Parreirinha de Alfama, a extraordinária fadista, Sra. Argentina Santos. Valendo destacar, no lindo repertório da mencionada fadista, o fado *Lágrima* de autoria de Carlos Gonçalves e Amália Rodrigues.













História da Lapa

Samba de Jorge de Castro e Wilson Baptista, Gravação de Nelson Gonçalves em discos RCA Victor.



Nelson Gonçalves

Lapa dos capoeiras Miguelzinho Camisa Prêta Meia-Noite e Edgar Lapa minha Lapa boêmia Depois do Sol raiar. A Lua só vai prá casa

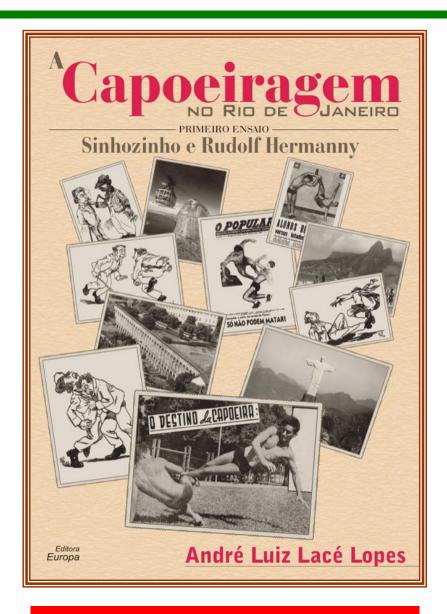
Falta uma tôrre na igreja Vô lhe contar meu irmão Foi na briga de Floriano Foi um tiro de canhão E nesse dia a Lapa vadia Teve sua glória Deixou o nome na história.



Capoeiragem

in Rio de Janeiro

- Sinhozinho e Rudolf Hermanny -



ENGLISH EDITION - MAY / 2004

CONTENTS

English Edition – Especial Apresentation

General Introduction André Luiz Lacé Lopes
Two Words - Carlson Gracie
Homage & Alert
Prologue, Inspired in Master Cervantes!
First Chapter - Importance of the Capoeira in Rio de Janeiro
Second Chapter - Annibal Burlamaqui, "Zuma"
Third Chapter - Inezil Penna Marinho
Forth Chapter - Agenor Moreira Sampaio, "Sinhozinho"
Fifth Chapter - Capoeira of Sinhozinho versus Regional Capoeira
Sixth Chapter - Rudolf de Otero Hermanny
Seventh Chapter - The PULL of the CAT: theory and practical I - Heating for the Pull of Cat II - The Pull of the Cat: general summary III - Project CD-ROM - Critical bibliography of the Capoeira (Project Memory of the Capoeira) IV - Capoeira Project Martial Art (Sinhozinho Project)
BIBLIOGRAPHY GLOSSARY

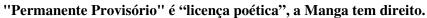
ECHOS FROM DE FIRST EDITION (Brazilian Edition)



Escolas de Capoeira no Rio de Janeiro - Década dos 20

Noite ilustrada, RJ - 1929









CAPOEIRAGEM - FORUM VIRTUAL

André Luiz Lace Lopes - Rio de Janeiro, 6 de agosto de 2004

ÍNDICE

INTRODUÇÃO GERAL

TRÊS PALAVRAS

- Jornalista e Advogado:
- Poeta-Repentista e Sociólogo:
- Velho Mestre de Capoeira:

Primeira Parte: Capoeira no Rio e pelo Mundo

ANO 2000

- 1. Revista # 6: *Mestre Internet de Capoeira*. Rio, novembro, 2000
- 2. Revista #7: Madrid, Barcelona, Roma, Viterbo: Capoeira. Roma, dezembro, 2000

ANO 2001

- 3. Revista # 8: *Resgatando a verdadeira História da Capoeira* ou "se non é vero, é bem trovato". Rio, janeiro, 2001
- 4. Revista # 9: Capoeira, a profissão de mestre Parte I. Rio, fevereiro, 2001
- 5. Revista # 10: *Capoeira, a profissão de Mestre Parte II (final)*. Rio, março, 2001
- 6. Revista # 11: Banca de Mestrado & Itália & Subúrbio do Rio. Rio, abril, 2001
- 7. Revista # 12: Santeria, Jazz, Ópera e Funk. Em Nova York, Nova Jersey e Washington D.C. Nova York, maio, 2001
- 8. Revista # 13: *Capoeira no Morro do Turano*. Rio, junho, 2001
- 9. Revista # 14: Capoeira na Praça dos Pacificadores. Rio, julho, 2001
- 10. Revista # 15: A capoeira e a Guarda Municipal do Rio. Rio, agosto, 2001
- 11. Revista # 16: *Capoeira e o Direito de Imagem*. Rio, setembro, 2001 Obs.: com algumas boas imagens sobre a Angola em Paty de Alferes
- 12. Revista # 17: *Mestres Paulinho da Viola e Zeca Pagodinho*. Rio, outubro, 2001 Obs.: Capoeira e samba são partes da grande família cultural afro-brasileira!
- 13. Revista # 18: Um CD especial de capoeira para Lisboa e Paris. Lisboa, novembro, 2001
- 14. Revista 19: *Fado, Capoeira, Gargouilles e Exu*. Paris, dezembro, 2001

ANO 2002

- 15. Revista # 20: *Espaço mestre Djalma Bandeira*. Rio, fevereiro 2002
- 16. Revista # 21: *Oito chamadas de Angola*. Rio, março, 2002
- 17. Revista # 22: *Capoeira no Rio Antigo: A Importância dos Gracie*. Rio, maio, 2002 Obs.: Algumas manchetes significativas e surpreendentes
- 18. Revista # 23: A Capoeira e a TV Bandeirantes . Rio, julho, 2002
- 19. Revista # 24: *Mais quatro chamadas de Angola*. Rio, agosto, 2002
- 20. Revista # 25: *Novo livro sobre Capoeiragem*. Rio, setembro, 2002

ANO 2003

- 21. Revista # 26: Capoeira, ecos de uma noite de autógrafos. Rio, fevereiro, 2003
- 22. Revista # 27: "Ê moleque é tu!". Rio, março, 2003
- 23. Revista # 28: Quem tem medo da Capoeira? Rio, abril, 2003
- Revista # 29: O contraditório sacode a mesmice editorial no mundo da capoeiragem. Por Miltinho Astronauta. Apreciação crítica do livro A capoeiragem no Rio de Janeiro – Sinhozinho e Rudof Hermanny. Rio de Janeiro, maio, 2003
- 25. Revista # 31: Capoeiragem: "Nosso Jogo" de Coelho Netto. Rio, agosto, 2003

Obs. Inclui uma parte especial: poema pela segunda vez premiado com o primeiro lugar

- 26. Revista # 32: A Mulher Barbada da Praia de Itapoá. Rio, setembro, 2003
- 27. Revista # 33: *Mais três Chamadas de Angola*. Rio, outubro, 2003
- 28. Revista # 34: Literatura de Cordel e Cds de Capoeira . Rio, novembro, 2003



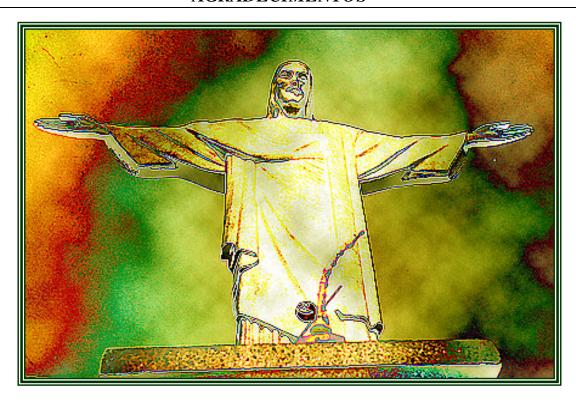
ANO 2004

30. Revista # 36: *Capoeira: um Cd de Natal!* Rio, janeiro, 2004

Segunda Parte: Fora da Roda de Capoeira

- 1. Revista # 20: Piscinão de Ramos & Administração Pública Eficaz. Rio, janeiro, 2002
- 2. Revista # 22: João do Chapéu Imperial. Rio, março, 2002
- 3. Revista # 21: *Dívida Externada*. Rio, fevereiro, 2002
- 4. Revista 25 : Jazz & música clássica. Nova Friburgo, RJ outubro, 2002
- 5. Revista# 26: CUBA: Hasta Siempre! Havana, janeiro, 2003
- 6. Revista # 30: Morro do Borel (1º lugar em dois concursos de literatura)

AGRADECIMENTOS



SITES: Capoeiragem e Moringue

Sinhozinho: http://rohermanny.tripod.com/

Rudolf Hermanny: http://openlink.br.inter.net/rohermanny/

André Luiz Lacé Lopes: http://andrelace.cjb.net/

Moringue

http://www.rfo.fr/dossiers_info.php?iv=1&ip=12&ir=63&isr=1174&icp=1175&isc=1177

multimedia.reunion@rfo.fr